

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA					
	PA	01	09	13	F1-1	A3
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombos de Oriximiná
LOCALIDADE	Territórios quilombolas Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.
MUNICÍPIO / UF	Oriximiná/PA

2. RELAÇÃO DOS BENS

2.1. CELEBRAÇÕES

Reproduzir tabela se necessário.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa “cultural”				IDENTIFICADO		1
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Várias	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.			
DESCRIÇÃO	“Cultural” é um adjetivo que qualifica festas feitas à moda antiga, relembrando músicas, danças e formas tradicionais de festejar. Tais festas são feitas em quase todas as áreas quilombolas pesquisadas, mas especialmente nos territórios Alto Trombetas, Jamary/Último Quilombo (onde todo ano se festeja o 4 de maio ou fim de semana mais próximo, na comunidade de Curuçá), Erepecuru e Trombetas. Neste último, por exemplo, a comunidade de Arancuan do Meio demonstra ter uma preocupação muito acentuada com a manutenção das práticas culturais dos antepassados e com a propagação da história da comunidade. Além de organizarem festas como as de antigamente, seus moradores procuram fixar suas histórias e registrar suas práticas culturais em meio escrito, visando à difusão para gerações mais novas. Neste sentido, as festas “culturais”, na visão dos moradores do lugar, constituem uma oportunidade privilegiada para a transmissão das tradições locais. As chamadas festas “culturais” normalmente estão vinculadas aos festejos de santos católicos e correspondem a um momento especial dos mesmos, nos quais se tocam músicas “de pau e corda” para acompanhar danças antigas como desfeiteira, lundum, bolero e valsa, e danças mais atuais, frequentemente organizadas por grupos escolares e comunitários como forma de afirmação da identidade étnica (Dança Morena d’Angola, Dança Marajoara, Maculelê). As festas “culturais” opõem-se às chamadas festas “sociais” – também realizadas no bojo dos festejos dos santos, normalmente para encerrar as comemorações – nas quais as bandas da cidade tocam ritmos atuais (forró, brega, sertanejo, música popular, pagode) e som mecânico. Nas entrevistas feitas durante a pesquisa do campo pôde-se depreender o modelo festivo que inspira as chamadas “festas culturais”, na medida em que muitos moradores forneceram informações detalhadas sobre as festas antigas, às quais se referem como “festas de pau e corda” ou “festas de ramada”. Nessas festas havia sempre um barracão feito com madeira bruta e ramos, com decoração natural, iluminado por lamparinas; no salão, dentro do barracão, ficavam dois bancos, um para homens e outro para mulheres. Este barracão era a chamada ramada, onde se concentravam os momentos ritualísticos das celebrações, as ladainhas, e também as danças. Além da diversão, as festas antigas são lembradas como momentos especiais de partilha. Os entrevistados as descrevem com muito entusiasmo, enfatizando a fartura e a ampla distribuição gratuita de alimentos (tartaruga, galinhas, peixes, pratos à base de castanha) e bebidas que havia nessas festas. A preparação dessas festas sempre começava bem antes das comemorações. Os festeiros dedicavam-se à criação de animais para doarem no dia da festa. Era comum também						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	----	----	----	----	------	----

formarem grupos que dividiam as tarefas de organização, assumindo diferentes responsabilidades: caça, pesca, cozinha. Geralmente os homens cuidavam da caça e da pesca, e as mulheres cuidavam do preparo da alimentação, que incluía variados tipos de beiju e doces de castanha.

O caboclo trabalhava o ano inteiro pra criar dois três capado pra quando chegar esses dias ele mata esse capado pra dá pro pessoal comer ai ele fazia promessa com santo fulano de tal, santo beltrano pra fazer milagre pra ele ter alguma coisa que que mai ele tinha fé melhor, há quando ele criava aqueles bichos tartaruga matava três tartaruga pra da pro pessoal comer era comida aquelas duas noites aquele dia ali era, bebida naquela época eles bebiam eu me lembro bem eles usavam aquelas frascas grandes cheias de cachaça eles botavam no meio do lado da ramada ai eles pegavam uns canequinho de leite condensado leite moço destampado e virado na boca do garrafão aquele que quisesse chegava lá e bebia, mais você andava numa festa dessas e não havia uma briga que fosse todo mundo todo mundo que fosse comia ficava porre caia bebia, levantava de lá já ia beber de novo e não tinha policia era isso naquela época não tinha policia. (Antonio Dorão, Santa Maria).

Em alguns lugares a festa durava até nove dias, mas variava de acordo com o responsável, que na maioria das vezes era o dono ou a dona do santo, que também se chamava mordomo ou mordoma.

Eu ainda cheguei a ver festa desse santo, que a gente fazia festa de nove noites. Como a gente ia fazer essas festas de nove noites? Tinha os sócios, o mordomo, tinha o juiz da festa, tinha a juíza da festa. Tinha mordomo da primeira vara, da segunda vara. Então, se eu era o mordomo eu era responsável de criar um porco, criava aquele porco que no dia 19 eu tinha que levar lá pra festa. Esse já levava um ou dois arquir de beiju da mandioca, outro já fazia a farinha, outro já matava um pirarucu. Eu sei que quando era no dia da festa, tinha uma casa que ficava empilhada, então era uma festa cultura que só terminava quando nós terminava aquela comida. (Aloísio, Tapagem)

O mordomo ou a mordoma tinha a responsabilidade de organização de toda a festa, bem como da ornamentação do mastro. Em algumas ocasiões era ele próprio quem comprava as frutas e outros ornamentos, ou pedia o material necessário aos comunitários. Em torno dos mastros e do barracão (a ramada) aconteciam as ladainhas em honra aos santos.

O meu pai era o rezador, quando era festa de rezar né?! De primeiro era só festa antiga né?! Aí iam convidar ele. Levava nós com a mamãe pra dançar pra rezar. Ele era o rezador. Mas a festa de antes era diferente das de hoje, as arrumações né! Música de pau e corda, ramada tinha banco, damas sentava daqui, daqui pra cá era as moças, daqui pra cá as senhoras casadas, ainda era pedido pros pais, pro marido. Não é assim como agora, cada qual vai fazendo da vida, só pulando. Tinha que esperar os chavalheiros puxar. Primeira música era landu pra benzer a sala, soubesse ou não soubesse mas ele ia rodar lá pra fazer a comparação, se não ele não ia dançar outra dança, aí acabava, sentava, rompia a música pros cavalheiros levantar, aí puxava a dama pra dançar, acabava deixava no lugar. A procuradeira lá na porta sentada, se a gente queria se desavexar mãe da gente tava lá, a gente tinha que ir com ela, aí ela ia levar agente se desavexava, voltava pra ramada. Namoro de antes era só na ramada escondido (Maria Salgado, Juquirizinho, 19.04.2013).

Também havia procissões fluviais e círios. Dependendo da comunidade o círio era feito no rio ou “em terra”. Quando o círio era feito na água, preparavam-se “barquinhas” com suporte de papelão e uma vela ao centro, para soltarem rio abaixo – eram os chamados círios luminosos. O santo padroeiro era levado de casa em casa, em uma embarcação. Antigamente, os festeiros utilizavam a canoa para carregar o santo, mas, mais recentemente, passaram a utilizar o barco a

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**PA****01****09****13****F1-1****A3**

motor (muitas vezes chamado só de 'motor'). O santo recebia as “esmolações”, ou seja, os donativos feitos pelos moradores visitados em suas casas.

Saudosos das “festas de antigamente”, muitos moradores criticam as festas atuais, principalmente em relação à alimentação. Comparando-as com as “festas de antigamente”, afirmam que “no tempo deles a comida era de graça, ninguém precisava tirar dinheiro do bolso pra comprar nada”. A comida era doada pelo “dono do santo” ou pelos membros da comunidade, que se organizavam coletivamente para a celebração, conforme relatou Dona Maria Salgado:

Em casa todo ano tinha barracão, por que todo ano o papai festejava, depois que eu me entendi nós trabalhamos bem ajudando com beiju, farinha, era muito farto, agora é, mas... Só acontece se você tiver o real pra você comprar, pra você comer e beber, de primeiro era tudo de graça. Festa desse meu compadre de Santo Antônio, mês de setembro derramava monte de beiju em cima da mesa, comia que estragava, farinha a Deus dará, agora mudou grande porque o dono que era mesmo morreu, ficou os filhos né, mas mudou grande, grande diferença dos donos pros filhos, vai mudando, quando esses filhos morrerem que ficam o netos, já vai ser mais diferente” (Maria Salgado, Juquirizinho, 19.04.2013).

O mesmo narrou a senhora Raquel Pires:

Era feito aquele bocado de biju pra dá para o pessoal comer na festa com bebe de manhã não era nada vendido era tudo dado tinha uma mesa grande quando era de manhã ornava aquela mesa, era café, era chá, era chocolate, bocado de biju. Tudo era dado, não vendiam nada. Saíam de esmola, num era assim de motor como é agora, era no remo, no remo iam buscar lá de baixo quando a festa era aqui na Tapagem. São Sebastião saía, iam buscar lá do Jarmy de casa em casa ele vinha esmolando, até que chegou o dia da festa pra fazerem entrada. Aí hoje em dia já é de motor que vão, que saem com o santo e tudo já é vendido se você tem sua comida antes de ir na festa encha sua barriga e deixe em casa se der pra deixar, pra quando você chegar você comer, se você tem dinheiro quando tiver lá na festa e tiver com fome você vai comprar e comer, é dois pedacinhos de osso, com mais duas colheradas de macarrão, arroz um bago de feijão, é meu irmão, é assim. Café se você quiser tomar um café, dê dinheiro em dois dedos de café, é 50 centavos, um real se você quiser esquentar seu estomago (Raquel Pires, Sagrado Coração, 25.04.2013).

A alimentação consumida nas festas também era apreciada por indígenas, caboclos e ribeirinhos da região, e era constituída de um cardápio diversificado: beijus, chocolate natural feito do cacau, peixes, caças, tartarugas, bebidas como *tarubá* e *caxiri*. Hoje, as comidas nas festas são feitas, na maioria das vezes, á base de carne de gado. E há, a seu ver, muita bebida alcoólica, que, com frequência, acaba causando confusões.

Outro alvo de reclamações dos mais velhos são as bandas que vêm de fora (da cidade, normalmente) para animar as festas com músicas contemporâneas que não lhes agradam os ouvidos. Para eles, as danças acompanhadas por essas músicas são desrespeitosas. A frase comum dita pelos antigos virou consenso: “Tá tudo mudado. As coisas já não são mais como antigamente”.

Vale destacar que, embora busquem reproduzir as “festas de antigamente”, as festas “culturais” de hoje em dia apresentam algumas diferenças significativas em relação a elas: em primeiro lugar, elas já não duram muitos dias, levam no máximo dois ou três, e, mesmo assim, em fins de semana, porque os comunitários precisam trabalhar e as crianças têm escola; em segundo lugar, a alimentação raramente é gratuita e são poucas as comunidades, como a de São Joaquim, no Erepecuru, que conseguem fazer pelo menos um dia de festa com comida distribuída

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	gratuitamente para os presentes.				
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Silva-Salgado_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h11m16s.mp3	Nº 378	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio-outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3	Nº 354	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Antonia-Santos_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_36m14s_mp3	Nº 381	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Antonio-Dorao_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_31m04s.mp3	Nº 367	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleucineide-Souza_Sousa_F_Oriximina-PA_25-04-2013_1h21m17s.mp3	Nº 358	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edith-Printes-e-Francisco-Xavier_Carvalho-L_Oriximina-PA_23-04-2013_01h05m04s.mp3	Nº 360	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Florece_Sousa-F_Oriximina-PA_20-04-2013_16m14s.mp3	Nº 374	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Raimunda-Andrade-Nazeazena_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_42m32s.mp3	Nº 376	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimunda-Cordeiro_Sousa-F_Oriximina-PA_25-04-2013_50m03s.mp3	Nº 379	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3	Nº 364	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Aloisio Silvério dos Santos	Nº 3	Cf. Anexo 4		
	Antônia Pereira dos Santos	Nº 7	Cf. Anexo 4		
	Antônio Dorão de Souza	Nº 9	Cf. Anexo 4		
	Cleucineide dos Santos Souza	Nº 23	Cf. Anexo 4		
	Dometilo Xavier	Nº 30	Cf. Anexo 4		
	Edith Printes	Nº 35	Cf. Anexo 4		
	Maria Florecy Pereira de Jesus	Nº 87	Cf. Anexo 4		
	Maria Raimunda Nazeazena Andrade	Nº 102	Cf. Anexo 4		
	Raimunda Silvério Cordeiro	Nº 113	Cf. Anexo 4		
	Raimundo Printes do Carmo	Nº 114	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa da Santíssima Trindade				IDENTIFICADO		2
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Maio	LUGAR	Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	A festa da Santíssima Trindade é comemorada pelas comunidades do território quilombola Alto Trombetas de forma itinerante, pois acontece de ano em ano em uma determinada comunidade do território: Abuí, Paraná do Abuí, Tapagem, Sagrado Coração e Mãe Cué. A festa surgiu após a criação da entidade representativa do território quilombola, a Associação Mãe Domingas. Nós fizemos uma associação, a associação da nossa área. Começamos a fazer uma festa cultural, fizemos umas três festas de pau e corda, aí pararam de fazer. Estou ouvindo o comentário que esse ano o pessoal quer fazer, é uma festa tradicional. O pessoal está se dando bem. (Raimundo Printes, 23.04.2013). A festa acontece no mês de maio e compõe-se de ladainhas, círio, celebrações religiosas e de um “momento social”, que corresponde à festa dançante. Nela busca-se resgatar as músicas e danças de pau e corda, conforme relata o coordenador da comunidade do Abuí: “a gente fazia essa festa de pau e corda, as músicas eram um negócio de banjo, ajeitava uma caixa pra acompanhar, reco-reco de bambu; e as danças, sempre faziam uma apresentação como o lundu, sempre inventavam essas danças” (Raimundo Printes, 23.04.2013). No território existe um grupo musical à base de instrumentos de pau e corda como banjo, violino, tambor e reco-reco, o qual executa músicas antigas como valsa, bolero, desfeiteira e lundu. O pai de Dona Edith Printes, moradora do Abuí, é um dos tocadores de violino. O lundu é ensinado aos mais jovens pela Dona Bebê, que é servente da escola do Abuí. Lá no Sagrado tem uma equipe. Tem agora o José Elias e tem o Messias. Eles têm uma guitarra e um contrabaixo. Aí eles têm uns tambores também que foram feitos pra isso. Aí tem a violinha. O meu pai toca a violinha, ele sempre toca ela. E aí é só de pau e corda mesmo, direto, até o dia clarear (Edith Printes, 23.04.2013). A preparação para a festa começa uma semana antes da data dos festejos. Grupos são formados para executar as tarefas de caça e pesca, a fim de proverem alimentação na festa. No tempo da festa, uma semana antes da festa a gente une aquela equipe pra caçar, pescar, uma equipe vai caçar a outra vai pescar. Quem mata a caça mata, quem pega o peixe pega, aí leva pra lá. Quando é na hora do almoço todo mundo almoça, enche a barriga e vai farrear. É assim que a gente faz. (Edith Printes, 23.04.2013). Dona Edith diz que a “velharada” é quem mais gosta da festa. São as mulheres mais velhas que cantam as músicas antigas: “Tem as mais velhas que cantam. Os mais velhos que gostam de dançar. Quando vai dançar, que a gente diz: as velhadas que vão dançar! Aí toca valsa, lundum, aí toca a desfeiteira, todas essas músicas antigas (Edith Printes, Abuí, 23.04.2013). A festa não foi realizada em 2012 e 2013, mas o desejo é que em 2014 ela volte a ser realizada.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edith-Printes-e-Francisco-Xavier_Carvalho-L_Oriximina-PA_23-04-2013_01h05m04s.mp3	Nº 360	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3	Nº 364	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3	Nº 415	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Edith Printes	Nº 35	Cf. Anexo 4
	Maria da Paz Melo dos Santos	Nº 82	Cf. Anexo 4
	Maria da Silva Salgado	Nº 83	Cf. Anexo 4
	Raimundo Printes do Carmo	Nº 114	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Festa de aniversário da Igreja Adventista da Promessa				IDENTIFICADO		3
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	11 de setembro	LUGAR	Comunidade Araçá, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	Na comunidade do Araçá, praticamente toda composta de adventistas, as celebrações resumem-se aos cultos religiosos. Não há festas esportivas nem “culturais”. No entanto, em 11 de setembro sempre se comemora o aniversário da Igreja Adventista da Promessa. Nós temos o aniversario da igreja. Quando a gente faz, a gente prepara assim. Sempre no momento a gente prepara algum tipo de alimentação, e essa alimentação ela é gratuita, né? A gente pega um bolo e compra, né? Mas quando a gente tinha aqui, a gente não comprava. Deixa as pessoas pra ministrar o culto, pra gente se alegrar. E nessas duas partes a gente fazia um esforço de nutrir, tanto a parte espiritual quanto a material. É como uma conjunção de fé ali. Pra alicerçar mais essa nossa comunhão, porque como poderemos ter comunhão com Deus se nós não temos comunhão com nossos irmãos? Então isso é muito importante. Uma outra coisa importante, que a gente se sente muito feliz e honrado, é quando a gente assim expõe um convite assim pra alguém e eles vem com a gente (Silas Viana Gomes, Araçá, 11.05.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Silas-Gomes_Jesus_E_Oriximina-PA_11-05-2013_04m31s A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Silas-Gomes_Jesus_E_Oriximina-PA_11-05-2013-32m50s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Silas-Gomes_Jesus_E_Oriximina-PA_11-05-2013-32m50s.mp3				Nº 414	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Silas Viana Gomes				Nº 122	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora Aparecida				IDENTIFICADO		4
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Abril	LUGAR	Comunidade Boa Vista Cuminá, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	A festa de Nossa Senhora Aparecida é realizada na comunidade de Boa Vista, no Rio Cuminá, território Erepecuru. A virgem é a padroeira local e dá nome também à igreja e à escola-polo da comunidade, que atende a crianças de várias localidades vizinhas. A festa é frequentada pelos moradores da comunidade e dos arredores, inclusive pelos católicos do Ariramba. Ressalte-se que nesta última comunidade a grande maioria é evangélica e não participa dos festejos. A virgem tradicionalmente é celebrada no dia 12 de outubro em todo o Brasil, mas a comunidade a festeja no mês de abril, porque outubro é o auge do verão amazônico e o Rio Cuminá, assim como o Igarapé Ariramba, costumam ficar muito secos nessa época, dificultando o deslocamento dos devotos. Entretanto, os organizadores têm cogitado transferir a data da celebração, porque abril coincide com a festa do clube de futebol da comunidade. A professora Antônia Soares Lopes, que atualmente mora no Boa Vista, embora seja cadastrada entre os quilombolas do território Ariramba, explica que a festa tradicional inclui uma procissão fluvial que percorre “lá da Boca do Ariramba até no final do Boa Vista, saindo do Varre-Vento, aí de lá volta”. Ela declara que: Todo ano nós temos a padroeira, a Nossa Senhora de Aparecida, e eles fazem uma festa, uma festa muito bonita. Vem banda de Oriximiná, essas coisas todas. Aí, todas as comunidades vizinhas, elas participam. Aí tem as danças, eles participam, que alguns alunos vem de lá. E a gente faz aquela festa bonita. (Antônia Lopes. Entrevista concedida a Luciana Carvalho em 28 de novembro de 2012)						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Benedita-Oliveira_Sousa_F_Oriximina-PA_08-05-2013_28m23s.mp3				Nº 399	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Antônia Soares Lopes				Nº 08	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora da Conceição				IDENTIFICADO		5
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	6 a 8 de dezembro	LUGAR	Comunidade Pancada, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	A festa de Nossa Senhora da Conceição é tradicional na comunidade da Pancada, no território Erepecuru. Dona Maria Lizete apresenta-a em detalhes: A nossa padroeira mesmo é a Santíssima trindade, mas nós festejamos a Nossa Senhora da Conceição. Então, essa festa vem de muitos anos. A mãe do meu pai festejava, passou pro meu pai com os irmãos dele. Festejavam com círio, procissão, tinha o café grande que era o beiju. Tudo cultural. Depois era o peixe, a caça que matava pro almoço. Aí depois, dia 07 era o dia da ladainha. Fazia a procissão pra fazer a ladainha da santa. Aí fazia a dança e terminava. Depois disso foi passando, depois que o papai não foi fazendo mais... Aí foi fazendo nós, filhos dele. Aí teve o mastro e isso nunca acabou. Depois que eles não quiseram mais, a gente continuou com a tradição. O mastro enfeitado de fruta, isso nós nunca acabamos, até hoje estamos fazendo, o círio fluvial. Naquele tempo era de remo, tinha aquela folia, iam pegar o pessoal da folia. A folia chegava cantando aqueles hinos tão bonitos, aquelas músicas da folia. Aí saltava com a procissão e fazia a celebração. Aí no outro dia a gente fazia a caminhada, aí que rezava a ladainha. Quem rezava a ladainha era o meu tio, o papai e a esposa dele, a esposa do meu tio que rezava a ladainha. Depois que ela morreu o meu irmão que mora em Oriximiná e a minha irmã também sabe a ladainha, sabe a reza da Conceição, muito bonito... Nós continuamos a fazer essa mesma tradição. Mantemos essa festa ainda Hoje. Faz o beiju, faz o tarubá, tudo manicuera. Tudo gratuito, não tinha nada de compras de bolacha, essas coisas não. Só as coisas da cultura mesmo. Como eles faziam, a gente continua fazendo, todo ano em dezembro. Faz dia 6 o círio, e do dia 7 pro dia 08 é a procissão. Aí tem o mastro, isso vem de muito tempo. Aí as danças que temos aqui, tem a dança Beleza da Cachoeira, muito bonita essa dança, tem também o lundum, a valsa e a mazuca (Maria Lizete Melo dos Santos, Pancada, 10.05.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_01m59s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_56m19s.mp3				Nº 404	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3				Nº 415	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edna Maria dos Santos				Nº 36	Cf. Anexo 4	
	Manuel Profeta Neto dos Santos				Nº 79	Cf. Anexo 4	
	Maria da Paz Melo dos Santos				Nº 82	Cf. Anexo 4	
	Maria Lizete Melo dos Santos				Nº 91	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora da Piedade			IDENTIFICADO		6
				SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Maio ou novembro	LUGAR	Comunidade Arancuan de Baixo, Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	A comunidade de Arancuan de Baixo sempre festejou sua padroeira, Nossa Senhora da Piedade, no mês de maio. Entretanto, em função da cheia de inverno, os festejos teriam sido transferidos para novembro, de acordo com Dona Raimunda Vieira: “Chovia muito, a terra era molhada. Quando chovia, ficava muita lama e grudava muito nos pés dos convidados. Numa viagem até as polícias desistiram antes do horário porque já tavam com a bota muito pesada. Mudou pra novembro”. Segundo Dona Lucila Vieira e Dona Raimunda Vieira, antigamente os festejos tinham círio, mastros e ladainhas, além de farta distribuição de comidas e muitas brincadeiras, como nas demais festas “culturais” dos quilombos. Hoje em dia, a celebração perdeu as características mais tradicionais, resumindo-se à realização de um torneio de futebol e de uma festa dançante durante a qual tudo que se serve é vendido: “a festa agora, é só pra ganhar dinheiro”, resume Dona Raimunda. Como eu sempre digo, naquela época era atrasado, ma, tudo era unido. A gente fazia um mutirão, dava muita gente pra ajudar, era pra plantar, pra derruba. Nessa época não tinha energia, a energia era lamparina. Pegava, colocava querosene na lamparina, nos esteios aqui nos cantos pra poder fazer a brincadeira, pra poder dançar. Todo mundo brincava, não tinha briga. Quando queriam brigar, tinha que desarmar primeiro, pra todas pessoas brigar só com a mão. Comia, bebia. Tinha comida, tinha beiju, tinha café, tudo gratuito, ninguém vendia nada (Raimunda de Aguiar Viera, Arancuan de Baixo, 06.05.13).					
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lucila-Vieira_Jesus-E_Oriximina-PA_06-05-2013_24m44s.mp3			Nº 428	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h15m34s.mp3 A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_02m34s.mp3			Nº 417	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Lucila Vieira			Nº 70	Cf. Anexo 4	
	Raimunda de Aguiar Viera			Nº 112	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora de Fátima				IDENTIFICADO		7
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	13 de maio	LUGAR	Comunidade Cachoeira Porteira, Território Cachoeira Porteira			
DESCRIÇÃO	Segundo os antigos moradores de Cachoeira Porteira, o santo festejado tradicionalmente na comunidade era Santo Antônio, e os festejos de Nossa Senhora de Fátima só começaram depois que os operários da empresa Andrade Gutierrez fizeram a doação de uma imagem da virgem para a comunidade. O pessoal lá da vila da Andrade Gutierrez, com a desativação da vila, doou as coisas pra cá pra comunidade, inclusive a santa. O pessoal que cuidava do Santo Antônio não tinha aquela condição de dar um lugar pra Santo Antônio, então ele ficou esquecido (Sebastiana da Silva, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Os moradores acolheram Nossa Senhora de Fátima porque a empresa também doou o material para a construção da sua capela, recurso que até então eles não possuíam para fazer o mesmo para Santo Antônio. Sendo a capela uma construção importante “porque guarda e protege o santo”, eles não hesitaram em aceitar o presente, mas, pelo que a professora Sebastiana da Silva relata, não ficaram contentes por terem trocado de santo. Até hoje, conforme ela explica, muitos moradores não vão sequer à igreja de N. S. de Fátima durante os festejos: Os negros festejavam Santo Antônio, desde essa época da escravidão. Nada contra Nossa Senhora de Fátima. Aí se pergunta: Por que eles não vão na igreja? Os negros dificilmente eles vão. Mas, a resposta esta aí. Eles são um tipo de pessoa que eles nunca colocam pra fora o que eles estão pensando, você extrai dele aquilo que ele está pensando. Um dia, eu conversando com eles eu perguntei qual era o santo deles. Professora, o nosso santo era o Santo Antônio, era o santo dos nossos avós, santo dos nossos pais (Sebastiana da Silva, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Nossa Senhora de Fátima é celebrada no dia 13 de maio. Todos os anos escolhem-se grupos para os quais são distribuídas tarefas como: bar, cozinha, liturgia e coordenação. A festa tem duração de uma semana durante a qual os comunitários realizam peregrinação diária nas casas e oferecem orações (ladainhas) à santa. Todas as noites os devotos celebram cultos. Cada noite um grupo fica responsável pelo culto, seja o grupo da escola, dos castanheiros, dos jovens. A festa de Nossa Senhora de Fátima é assim: A gente faz tipo um arraial a semana todinha, porque a data é dia 13 de maio a data dela, aí a gente pega uma data que o 13 encaixe dentro, a gente passa uma semana direto fazendo ladainha e visitando as casas. A noite faz as procissões, aí no último dia, num final de semana, a gente faz uma festa social (Nilcilena Cunha, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). No último dia da celebração é feita uma procissão que se encerra com o culto na igreja. Em seguida os comunitários realizam a festa “social” na qual são apresentadas danças “culturais”, como o maculelê, geralmente organizadas pela escola.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Nelcilene-Adao_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_04m40s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Nelcilene-Adao_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_10m55s.mp3				Nº 386	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Nelcilene-Adao_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_11m10s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Nelcilene-Adao_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_53s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Nelcilene-Adao_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_58m22s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivone-Pereira_Sousa-F_Oriximina-PA_02-05-2013_47m23s.mp3	Nº 388	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Nilcelena-Cunha_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_14m10s.mp3	Nº 392	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Sebastiana-Ribeiro_Sousa-F_Oriximina-PA_02-05-2013_02h36m54s	Nº 394	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Waldemar-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_03-05-2013_01h22m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Waldemar-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_03-05-2013_06m52s.mp3	Nº 396	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-William-de-Jesus_Sousa-F_02-05-2013_45m50s.mp3	Nº 397	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Ivone Pereira de Jesus	Nº 53	Cf. Anexo 4
	Maria Janete da Silva Andrade	Nº 88	Cf. Anexo 4
	Nelcilene da Silva Adão	Nº 104	Cf. Anexo 4
	Nilcelena Cunha da Glória	Nº 106	Cf. Anexo 4
	Sebastiana da Silva Ribeiro	Nº 120	Cf. Anexo 4
	William de Jesus Ribeiro Figueira	Nº 126	Cf. Anexo 4
	Waldemar dos Santos	Nº 125	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro				IDENTIFICADO		8
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Outubro	LUGAR	Comunidade Moura, Território Moura			
DESCRIÇÃO	Na comunidade do Moura, durante o mês de outubro, tradicionalmente festeja-se Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Segundo Seu José Lopes a data do festejo pode variar devido à seca do rio, que, quando é muito forte, não permite a realização do círio fluvial no mês previsto. Nesses casos, a comemoração pode ser adiada: A festa da santa às vezes varia por causa da seca, mas é sempre em outubro. Outubro é o mês que tá seco aqui, então quando a gente vê que tá muito seco, que vai ter dificuldade pros barcos, os motorzinhos entrarem, chegarem até nosso centro comunitário a gente adianta um pouco pra ainda ter água pra todo mundo chegar aqui. A gente faz o círio da santa, também precisa de água no rio pra nosso círio aqui, que é fluvial (José Lopes, Moura, 20.04.2013). O festejo da santa é realizado durante dois dias e tem celebrações, ladainhas, torneio de futebol, festa “cultural” e festa “social”. No primeiro dia de festa, sexta-feira, após a procissão das embarcações, acontece o círio luminoso, no qual os peregrinos soltam barquinhas feitas de papelão com pequenas velas ao centro. Em seguida, acontece a celebração religiosa. Após a celebração é servido um jantar gratuito a todos os presentes. No mesmo dia acontece a festa “cultural”, considerada pelos comunitários como a festa mais tranquila, quando os mais velhos relembram os tempos de outrora ao som de músicas antigas como valsa, desfeiteira, lundu, bolero. Já no segundo e último dia de festa, no sábado, os homens da comunidade são encarregados de promoverem o torneio de futebol. À noite faz-se a festa “social”, que é considerada a mais animada, na qual se tocam todos os ritmos musicais atuais. Para a realização da festa a comunidade conta com o financiamento da Prefeitura Municipal de Oriximiná, que normalmente doa um boi para alimentação dos participantes, o serviço da aparelhagem de som e a bola para o torneio de futebol. A Mineração Rio do Norte (MRN) faz doações em dinheiro.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Lopes_Sousa-F_Oriximina-PA_20-04-2013_52m25s.mp3				Nº 369	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Lopes dos Santos				Nº 58	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Santa Ana				IDENTIFICADO		9
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA		LUGAR	Comunidade Abuí, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	Santa Ana foi festejada poucas vezes na comunidade do Abuí. O que se fazia era um culto à santa em uma capela que ficava na casa da mãe de seu Raimundo Printes de Souza. Em uma visita ao Abuí o Padre Patrício (pároco de Oriximiná que contribuiu na organização das comunidades quilombolas) sugeriu que formassem uma comunidade e escolhessem um santo padroeiro do local. Como a imagem de Santa Ana era uma herança de família, um de seus donos não permitiu que ela saísse de sua casa. Assim, foi escolhido São Benedito como padroeiro do Abuí. Atualmente a imagem de Santa Ana ocupa um espaço ao lado de São Benedito na igreja, mas ela não é festejada, pois o santo que representa a comunidade é São Benedito. Contudo, os comunitários, principalmente os mais antigos, ainda lhe rendem homenagens e lhe fazem pedidos. Alguns devotos declaram o desejo de realizar uma festa para Santa Ana junto com a de São Benedito, mas este ainda não se concretizou.						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Antonio-Carlos-Printes_Jesus-E_Oriximina-PA 22min32seg				Nº 437	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Francisco-Xavier_Carvalho_L_Oriximina-PA_23-04-2013_02m16s.mp3 A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Francisco-Xavier_Carvalho_L_Oriximina-PA_23-04-2013_40m07s.mp3				Nº 361	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Carlos Printes				Nº 20	Cf. Anexo 4	
	Manoel Francisco Valério Xavier				Nº 76	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Festa de Santa Luzia				IDENTIFICADO		10
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Setembro	LUGAR	Comunidade Palhal, Território Jamary/Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	Festejo em homenagem a Santa Luzia, padroeira do Palhal, realizado no mês de setembro.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_cartaz-oficina-alto2_Nazareth_Oriximina-PA_28-04-2013.jpeg (1 a 7)				Nº 100	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Adomiro Castro dos Santos				Nº 57	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Santo Antônio				IDENTIFICADO		11
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	24 de setembro	LUGAR	Comunidade Jamary, Território Jamary/Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	Os festejos de Santo Antônio foram iniciados na comunidade Jamary pelo Senhor Antônio Macaxeira, que herdou o santo de seu avô depois de ter feito uma promessa. Seu Antônio tinha quatro irmãos, mas foi ele quem assumiu a responsabilidade de dar seguimento aos festejos do santo. Ele adoeceu da mão. Ele tava tirando (no tempo ele tirava balata) e ele disse que o pai dele mandou limpar um rifle, aí o rifle pegou na mão dele. Aí, ele tem um santo aqui, Santo Antônio. Ele não tinha mais mãe pra tratar dele, a mãe dele já tinha morrido, aí ele foi lá. Tirou o santo, botou na mão dele e disse: - Oh meu padroeiro Santo Antônio, se com 15 dias eu subir no igarapé empurrando de varejão sem sentir nada, quando chegar do centro pra cá eu vou pedir o senhor do meu avô, mandar limpar e vou procurar uma mulher pra festejar durante esses dias (Antônia Santos, Jamary, 19.04.2013). Assim foi feito. O santo atendeu as preces de seu Antônio, e ele por isso o pediu ao seu avô, conforme prometido. Os festejos começaram em 1961 e até hoje são uma tradição na comunidade do Jamary. Desde 61 que eu me lembro dele (Seu Antônio Macaxeira) fazendo essa festa. Ele trabalhava, juntava o dinheiro, comprava o rancho pra essa festa. Chegava no tempo dessa festa, ele saía. Não tinha negócio de 'eu vou pedir pra prefeito', 'prefeito vai doar a despesa'. Não! Era tudo por conta do festeiro mesmo. (Lúcia Clemente, Jamary, 20.04.2013). A festa de Santo Antônio, no Jamary, conserva a antiga tradição das procissões, do círio luminoso pelo rio e das ladainhas, como descreve dona Antônia: Tem o círio do santo. Ele faz em cima do mar. Ele vai pra capela dele, lá tem a ladainha dele. Assim: o santo dentro do motor (barco) com as bandeiras armadas, o rezador, o caixeiro e os foliões cantando. Em cima do mastro estão rodando, aí de fora vem por aqui, vai por ali, até quando dá seis e meia, sete horas da noite, ele faz o encosto. Faz aquele negócio que chama barquinha. Solta aí no rio aí de água baixa pra ir (Antônia, Jamary, 19.04.2013). Para o círio, os comunitários confeccionam barquinhas de papelão, onde colocam uma vela ao centro e as soltam rio abaixo, deixando para trás o reflexo das luzes na água.						
REGISTROS	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Antonia-Santos_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_36m14s_mp3				Nº 381	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Antônia Pereira dos Santos				Nº 7	Cf. Anexo 4	
	José Pereira da Rocha				Nº 61	Cf. Anexo 4	
	Sebastiana da Silva Ribeiro				Nº 120	Cf. Anexo 4	
	Vicente Vieira dos Santos				Nº 124	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Santo Expedito				IDENTIFICADO		12
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	7 de setembro	LUGAR	Comunidade Juquirizinho, Território Jamary/Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	A festa de Santo Expedito é comemorada na comunidade de Juquirizinho no dia sete de setembro, mas faz três anos que ela não é realizada em função de brigas que ocorreram durante os últimos festejos. A data da comemoração foi escolhida por cair no período de verão, embora o dia do santo caia oficialmente em outra data, no período chuvoso, quando a comunidade não tem condições de preparar um festejo. Foi seu José Rocha junto com dois irmãos que deram início à festa do santo, que é padroeiro do Juquirizinho: “Foi na igreja que escolheram; Nós queríamos São Lázaro, mas já tinha muita comunidade assim, aí eles escolheram Santo Expedito. Nós <i>agarramos</i> e compramos o Santo Expedito” (José Rocha dos Santos, Juquirizinho, 19.04.2013). A imagem foi comprada por José e seus irmãos durante uma viagem a Belém. Para comemorar o santo só se faz a festa dançante, com músicas atuais. Apenas no final da festa dançante é que se toca a valsa para os mais velhos dançarem, pois os jovens não gostam de dançar com músicas antigas: “Eles não gostam, se falar de ensinar pros outros vão até te caçoar” (José Rocha dos Santos, Juquirizinho, 19.04.2013). Celebrações, procissões e ladainhas não são feitas porque a comunidade ainda não possui capela.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Rocha-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h12m50s.mp3				Nº 371	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Rocha dos Santos Sousa				Nº 62	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Benedito (do Abuí)			IDENTIFICADO		13
				SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	25 de dezembro	LUGAR	Comunidade Abuí, Território Alto Trombetas		
DESCRIÇÃO	A imagem de São Benedito foi doada à comunidade por seu Chico, compadre de dona Edith Printes. O santo era herança da sogra do Chico, que o mantinha guardado dentro de uma mala. Na ocasião da formação da comunidade do Abuí o Padre Patrício (pároco de Oriximiná que muito contribuiu na organização das comunidades negras para o movimento quilombola) recomendou que os moradores escolhessem um santo como padroeiro, então Dona Edith sugeriu que São Benedito fosse o padroeiro local. A sugestão foi acatada. A festa de São Benedito acontece todo dia 25 de dezembro. A festividade atrai bastantes visitantes de outras comunidades, principalmente da Tapagem, que está sempre presente na festa. A festividade dura duas noites. Para a alimentação, segundo Seu Raimundinho, coordenador da comunidade, todos os anos a prefeitura doa um boi, o que é suficiente para atender aos moradores e aos visitantes.					
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edith-Printes-e-Francisco-Xavier_Carvalho-L_Oriximina-PA_23-04-2013_01h05m04s.mp3			Nº 360	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3			Nº 364	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Carlos Printes			Nº 20	Cf. Anexo 4	
	Edith Printes			Nº 35	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Benedito (do Jauary)			IDENTIFICADO		14
				SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Janeiro	LUGAR	Comunidade Jauary, Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	Celebração realizada na comunidade de Jauary no território Erepecuru, com a participação de pessoas e grupos de outras comunidades da mesma área, que apresentam danças e folias. A característica mais destacável da festa de São Benedito nessa localidade é a realização do ritual do Aiuê.					
REGISTROS	A-Quilombos					

DENOMINAÇÃO	Festa de São Francisco do Canindé				IDENTIFICADO		15
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	outubro	LUGAR	Comunidade Jarauacá, Território Trombetas			
DESCRIÇÃO	A festa de São Francisco do Canindé é realizada em outubro em homenagem ao padroeiro da comunidade de Jarauacá, no território Trombetas. Segundo a moradora Suani Silva da Cruz, trata-se de uma semana de comemorações envolvendo “círio, noite cultural, festa dançante e celebração religiosa”. Neuton Oliveira explica que a comunidade procura fazer a celebração de acordo com o modelo festivo tradicional das comunidades quilombolas: “com a festa da comunidade, a religiosa, a noite cultural com dança, mastro, essas coisas. Aí nesse dia da festa cultural, você come, bebe de graça, negócio de beiju, essas coisas. Quando for na festa social é diferente o negócio, aí tem que ter o real, né? Pra comer, pra beber”!						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Nelton-Oliveira-de-Figueiredo_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_36m49s.mp3				Nº 431	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Osvaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3				Nº 432	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Suani-da-Silva-Cruz-e-Ilda-Rosiane_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_29m15s.mp3				Nº 433	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Neuton Oliveira de Figueiredo				Nº 105	Cf. Anexo 4	
	Osvaldo Lopes				Nº 109	Cf. Anexo 4	
	Suani Silva da Cruz				Nº 123	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São João (do Paraná do Abuí)				IDENTIFICADO		16
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	25 de dezembro	LUGAR	Comunidade Paraná do Abuí, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	Festa realizada na comunidade Paraná do Abuí.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_cartaz-oficina-alto1_Nazareth_Oriximina-PA_28-04-2013.jpeg (1 a 4)				Nº 72	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Cleuciana dos Santos Souza				Nº 22	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São João Batista				IDENTIFICADO		17
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	16 a 24 de junho	LUGAR	Comunidade Arancuan do Meio, Território Trombetas			
DESCRIÇÃO	A festa do padroeiro São João Batista é realizada no mês de junho na comunidade de Arancuan do Meio, no território Trombetas, e atrai visitantes de várias localidades, que a consideram emblemática por manter muitas tradições antigas. Segundo Evaldo Soares, coordenador da equipe catequética da Igreja de São João Batista, a comunidade atribui um sentido muito especial à manutenção dos seus modos tradicionais de celebrar: Sempre gostei de manter nossas tradições, né? Pelo menos a nossa festinha do nosso padroeiro São João, que a gente tem esse costume de fazer todos os anos, porque pra nós é uma coisa importante, porque atrai muita gente. Muita gente de fora vem pra participar com a gente aqui no mês de junho, passa, passa três dias aqui. É três dias de festa que a gente dá o alimento pra pessoa, mata boi, caça, se reúne... Aquela união com o patrocínio do alimento, todo mundo vem aqui, come, bebe. (Evaldo Soares, Arancuan do Meio, 06.05.2013). De 16 de junho em diante, diariamente, são feitas “noitadas” de festa que, segundo Ana Néri dos Santos, funcionam como momentos diversão, mas também de reunião das famílias, de rememoração das expressões culturais antigas e de planejamento da coletividade: “aí sai as danças culturais e a gente planeja a renda que entra” – diz ela. Tem as novenas, bingo, leilões, aí dia 24 que é o dia que termina. É as brincadeiras nesse dia. A gente fica brincando da quadrilha, outras brincadeiras que o pessoal conhece mais do que eu. Aí fica nesse movimento das brincadeiras. Outras comunidades participam com a gente, vêm e trazem também as brincadeiras de lá. (Evaldo Soares, Arancuan do Meio, 06.05.2013). As noites vão até o dia 23, véspera de São João, quando os festejos são animados por músicas de “pau e corda” e danças como quadrilha, lundum e valsa, segundo Dona Ana Maria dos Santos. A comunidade se esforça para manter essa tradição festiva, muito embora tenha havido algumas mudanças nos modos de fazer os instrumentos de pau e corda, devido às dificuldades de obter determinadas matérias-primas. Ela explica que “As pessoas ficam no tambor, no violão, mas antes, a festa de pau e corda era feita de couro de macaco, de porco, de veado. Era bicho do mato. Eles faziam aquele tambor amarrado. Às vezes eles faziam fogo aquela hora da noite pra esquentar o aparelho, pra poder funcionar”. A partir do dia 23 de junho é que chega o maior número de convidados para a festa. A comunidade se orgulha de recebê-los com farta distribuição de comida e bebidas típicas como aluá, caiçuma e tarubá. Ana Néri explica que “no 23 nós já damos a janta para os devotos. Tudo é por conta da comunidade. E no dia 24 nós já damos o café, o almoço e a janta”. O auge das comemorações ocorre no encerramento da festa, marcado por procissão, círio luminoso, corrida de rabeta e derrubada dos mastros. No dia 24 é a chegada da santa. A gente fica aí na boca, marca tudo lá e quando é cinco e meia sai de lá pra cá. Sai daí da boca. Aí a gente solta barquinhas à vela, vai soltando, fica tudo iluminado aí. A gente faz [as barquinhas] de isopor.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	------	----

	Corta assim, corta redondo aí bota um pedacinho de vela acesa, gruda lá. Corta uma vela em três pedaços, queima, aí vai soltando. Fica maravilhoso aí na frente! Um, dois, três barquinhos. Vai soltando... É colorido o papel da barquinha. É de toda cor. Fica uma coisa maravilhosa! O barco enfeitado, as bandeiras de São João também vêm movimentando, a equipe de jovens cantando (Evaldo Soares, Arancuan do Meio, 06.05.2013). A última noite dos festejos é animada por músicas um pouco mais atuais: No dia 24 a gente coloca a festa para os outros. Mas tem um limite, não pode dançar essas danças que tem. Só pode dançar valsa, bolero... Não é toda dança que é permitida. Agora que os jovens querem fazer festa social, mas das vezes que nós fizemos não deu certo. Deu briga, o pessoal não sabe brincar. Na festa que nós fazemos não dá a bebida é típica de nossa região. (Ana Neri dos Santos, Arancuan do Meio, 06.05.2013).			
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h07m57s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_06m05s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_07m10s.mp3		Nº 420	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3		Nº 423	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Adelson Gomes dos Santos		Nº 1	Cf. Anexo 4
	Ana Maria Vieira dos Santos		Nº 5	Cf. Anexo 4
	Ana Neri dos Santos		Nº 6	Cf. Anexo 4
	Evaldo Soares		Nº 43	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Joaquim				IDENTIFICADO		18
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Junho	LUGAR	Comunidade São Joaquim, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	A imagem foi encontrada, não se sabe em que circunstâncias, por uma senhora chamada Maria do Rosário, mais conhecida como Rosária, numa localidade do Rio Erepecuru. Quando Dona Rosária faleceu o santo ficou para seu filho, que vem a ser o pai de Dona Margarida, a atual dona do santo. Quando os moradores daquela localidade resolveram se organizar como uma comunidade, escolheram São Joaquim para ser seu padroeiro e deram ao lugar o mesmo nome do santo. Hoje em dia a imagem de madeira, que se tornou uma herança de família, já desbotada e desgastada pelo tempo, fica guardada em um santuário no barracão comunitário, pois a comunidade ainda não pôde construir-lhe uma igreja. Em 2010, por iniciativa de Dona Margarida foi realizada a primeira festa de São Joaquim na comunidade, no dia 19 de junho. Vale destacar que oficialmente a Igreja Católica celebra o santo em 26 de junho, mas os moradores decidiram fazer a festa no dia 19, por ser este o dia do nascimento de Dona Bernardina Lima, uma das herdeiras da imagem, que em 2010 completava 100 anos de idade. Desde então a festa de São Joaquim acontece durante dois dias, geralmente na sexta-feira e no sábado mais próximo do dia do santo. No primeiro dia de festa acontece o ritual religioso com o círio, a “levantação” dos mastros e a reza de ladainhas, que é uma responsabilidade dos moradores mais antigos, pois os jovens não aprenderam a fazê-las. Dona Margarida explica que “nós fazemos aqui mesmo a caminhada e a procissão até o barracão, porque ainda não temos igreja” (Margarida, São Joaquim, 10.05.2013). Ela mesma é responsável pela decoração dos mastros, toda feita com frutas. A gente enfeita dois mastros: um mastro da comunidade e um mastro da pessoa que pega a bandeira lá de cima e fica responsável de preparar o mastro pro outro ano. Quando é cinco horas da tarde a gente faz a procissão que vem de lá da casa do meu primo, do Adimael até aqui na área da comunidade, aí quando chega aqui na área da comunidade a gente faz uma roda em volta do mastro, aí a gente vai fazer as rezas. É a ladainha, e aí nessa reza a gente reza o Pai Nosso, Creio em Deus Pai, Salve Rainha (Edilena, São Joaquim, 11.05.2013). Depois do ritual religioso é servido um jantar aos participantes da festa. A alimentação segue os moldes antigos: “na sexta-feira não tem venda de bebida alcoólica, não tem venda de nada, tudo é de graça, toda comida é doada pela comunidade pra todo mundo que vem pra festa, todo mundo se alimenta gratuitamente” (Edilena, São Joaquim, 11.05.2013). Em seguida acontecem as atrações culturais, também no mesmo estilo das festas antigas. Na sexta-feira é proibido utilizar som, a música é a banda formada pelas pessoas da comunidade, que o centro, é lá no Jauary, que é chamado pau e corda, então, é tudo manual, com coisas mesmo da nossa região e as músicas cantadas também são músicas nossas, criadas pelos nossos compositores quilombolas, então é aquela festa toda, todo mundo dança, se diverte com a nossa música						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	local. (Edilena, São Joaquim, 11.05.2013). Outras comunidades da área Erepecuru são convidadas para a festa “cultural”. Cada comunidade leva uma atração para apresentar: “Depois da janta acontecem as apresentações das outras comunidades que vêm que a gente manda o convite, aí eles trazem apresentações de dança estilo afro, de teatro, outras vêm com mensagens, aí é feita toda essa movimentação” (Edilena, São Joaquim, 11.05.2013). Depois das atrações culturais a festa é encerrada por volta das 23 horas. No sábado o dia todo também é de festa. Tem torneio de futebol, concurso de dança e às vezes se faz um <i>show</i> de calouros. Nesse dia a comemoração é bem diferente da sexta-feira: a alimentação é vendida e há consumo de bebida alcoólica. À noite, a animação fica por conta de bandas que vêm de fora da comunidade, e a festa vai até o dia amanhecer.		
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_01m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_03m10s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_45s.mp3	Nº 401	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lourival-Almeida-Edilena-e-Bernardina-Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_48m12s.mp3	Nº 410	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Margarida-Souza-Almeida_Jesus-E_Oriximina-PA_11-05-13_59m56s.mp3	Nº 411	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Edilena da Silva Souza	Nº 32	Cf. Anexo 4
	Lourival Almeida	Nº 69	Cf. Anexo 4
	Margarida Souza Almeida	Nº 80	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São José (da Boa Vista)				IDENTIFICADO		19
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Março	LUGAR	Comunidade Boa Vista (Trombetas), Território Boa Vista			
DESCRIÇÃO	São José era o santo de devoção da família Honório, doado para a comunidade de Boa Vista, que o adotou como padroeiro do lugar. No entanto, essa família não tinha o hábito de fazer festas para o santo, que só foram iniciadas a partir da organização da comunidade. Tinha São José. Ainda existe esse São José, que era deles mesmo, que era da velha Francisca. São José, ela deu o São José pra colocar dentro da igreja aí. Depois que o Seu Manoel veio, ele trouxe um São José grande pra botar lá dentro da igreja, mas o pequeno sempre acompanha. Ele que é o padroeiro mesmo da igreja, que começou é o pequeno. Ele foi doado pela família Honório. Mas, festividade, quando eu cheguei pra cá não tinha, não tinha festividade. Eles fizeram três anos, que eles fizeram uma festa aqui, mas de promessa pro Menino Deus. Depois desses três anos parou. Aí parou. Já com tempo que teve a de São José. O primeiro ano que teve a festa nós fizemos com o círio fluvial mesmo. Aí foi muito bonito esse ano! Eu trabalhava com o capitão dos portos, aí eu levei um convite pra ele, aí veio com a corveta pra cá. Muito bonito o círio! Deu muito barco, deu muita gente e foi bem prestigiado o círio mesmo esse ano. Ainda não teve um Ciro como aquele não. Teve as barquinhas. A gente levou o grupo de dança pra lá pro Moura e de lá elas já vieram tudo dentro do barco, cantando e a gente soltando fogos. E já tinha um grupo aí pra soltar as barquinhas. Tava uma cidadezinha alumando todo esse rio Trombetas! Tava muito bonita mesmo. Os meninos, que ainda não tinha visto, foi uma loucura! Mas esses meninos queriam tirar fotografia! Foi muito bonito! Foram dois dias de festa, porque foi só mesmo o círio, não teve festa mesmo... Mas o mastro teve! Teve derriba do mastro, teve a ladainha... Não foi com missa, foi com ladainha. Café com o beiju, teve um lanche pro pessoal. À noite pros foliões teve a janta. Graças a Deus o pessoal foram bem tratado nessa época, bem tratado. (Maria Zuleide Melo dos Santos, Boa Vista, 07.07.13). Dona Elzanira Santos informa que até hoje a festa do padroeiro tem círio e “apresentações culturais de danças como a Pretinha d’Angola e a “desfeiteira”, mas “já mais com aparelhagem mesmo”, ou seja, bandas de som mecânico.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Elzanira-Santos_Jesus_E._Oriximina-PA_07-07-2013_27m27s.mp3				Nº 434	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Zuleide-Santos_Jesus_E._Oriximina-PA_07-07-2013_25m00s.mp3				Nº 435	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria Zuleide Melo dos Santos				Nº 97	Cf. Anexo 4	
	Elzanira Gonçalves Santos				Nº 39	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São José (da Serrinha)				IDENTIFICADO		20
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Dezembro	LUGAR	Comunidade Serrinha, Território Trombetas			
DESCRIÇÃO	São José é celebrado na Serrinha, no território Trombetas, desde antes da fundação da comunidade, por causa da devoção que o curador Baldoíno Melo tinha por esse santo. Seu neto Altino conta que a celebração obedecia a rigorosas regras de comportamento, na época em que era comandada pelo Velho Baldoíno. Embora não tenha vivido as festas organizadas por ele (perdeu o avô quando tinha apenas quatro anos de idade), Altino ouviu muitas curiosidades a seu respeito: Os antigos contam, não só o pessoal daqui, mas outras pessoas de outras comunidades. Os mais antigos todos moraram aqui, eles conheciam a história dele. Mulher, na época dele, não subia de calça comprida ou shorts. Tinha que ser de vestido. Homem tinha que ser de camisa. Cachaça ele não gostava, podia até trazer escondido na embarcação, podia até dizer: 'Bom dia, Seu Baldoíno'. Ele dizia: 'É, meu filho, antes de tu entrar vamos deixar essa tua cachaça' (Altino Régis de Melo, Serrinha, 06.05.13). José Guedes de Melo explica que, sob controle de Badoíno, as festas eram muito tranquilas e não precisavam de policiamento. As garrafas de cachaça que o velho "apreendia" só eram devolvidas na manhã seguinte à festa: "Ele devolvia, de manhã. Você pegue sua cachaça e vá beber lá pra sua casa, pra onde der de você beber. E assim ele fazia com o pessoal, e graças a Deus o pessoal respeitava muito. (José Guedes de Melo, Serrinha, 06.05.13). A festa de São José atualmente compõe-se de celebração religiosa, procissão fluvial, círio luminoso, jogos e torneio de futebol: A festa de hoje, a gente faz a programação. Primeiro o círio, depois a festa religiosa, com a missa o padre. São quinze dias do círio até a festa. No círio faz a barquinha. Faz de papel de seda e faz a barquinha redondinha, de uma madeira fofa que flutua e ela só serve pra isso. Aí bota as velinhas, começa a acender e soltar no rio. Tem um barco fretado que leva ele [o santo] e vai um atrás do outro, faz a rodada no rio. Ele sai daqui para outra comunidade. Às vezes tem pessoas que fazem promessa e requerem o santo pra comunidade dele. Aí arrumam o Santo lá, ele vai na sexta, no sábado ele retorna. Se chama círio flutuante. Ele retorna pra igreja dele, se realiza a celebração, depois da celebração se faz o leilão, bingo. Só o primeiro dia. Do segundo dia a comunidade tem um roteiro, divide as famílias, que cada noite tem um noitário. Cada família faz suas oferendas pro bingo, pro leilão. É assim que funciona, até na sexta feira véspera da festa. A festa dançante é com torneio de futebol. A banda vem de Oriximiná, Óbidos. Altino explicou, na época da pesquisa de campo do INRC, que havia dois anos que não faziam a festa, em função do falecimento de pessoas queridas na comunidade: A gente vai programar ela. Tá com dois anos que nós não fizemos a festa. Por que não fizemos? Por que morreu duas pessoas importantes da comunidade. Um, o tio Zeferino, de 65 anos, em 2011, e o Durvalino em 2012. Não fizemos também. Já este ano a gente está programando. E eu perdi minha mãe dia 20 de novembro de 2012. (Altino Régis de Melo, Serrinha, 06.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m45s.mp3				Nº-422	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m51s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_32m01s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e-Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3	Nº 419	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Altino Régis de Melo	Nº 4	Cf. Anexo 4
	José Manoel Guedes de Melo	Nº 60	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Festa de São Lázaro				IDENTIFICADO		21
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Julho	LUGAR	Comunidade Juquiri Grande, Território Jamary/Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	A imagem de São Lázaro foi doada à comunidade do Juquiri Grande por um senhor chamado Armando Gonçalves, que mora no lago Ipireira, no Moura. Hoje em dia ele não frequenta mais a festividade devido a problemas de saúde. A festa atual é feita num fim de semana e apresenta grandes diferenças em relação às que eram realizadas no passado. Antes se fazia o círio fluvial, que levava o santo em todas as casas fazendo esmolação (pedidos de contribuições para o festejo), e toda a comemoração levava cerca de 10 dias. Agora se rezam duas missas no mesmo dia, uma pela manhã e uma à noite. No domingo servem o café da manhã e o almoço; à noite acontece a festa “social” com som mecânico. Depois da festa, costuma-se servir um jantar para as pessoas de outras comunidades que permanecem no local.						
	A festa ela iniciou assim, né?! Naquele tempo o pessoal andava com a imagem, de canoa remando. Não era a comunidade, era só os moradores. Aí como foi que eu falei, naquele dia foi iniciado essa festa no Batata, meu bisavô, avô da minha mãe fazia a festa. Naquele tempo era festa de nove noites. O santo tava andando e o pessoal trabalhava. Aí cada noite era do empregado da família, fazia lá o encerramento, era do juiz com a juíza da festa, que era a derrubação do mastro. Quando nós fomos pra levantar essa comunidade aqui foi eu conversei com o pessoal. Vocês aceitam o São Lázaro pra ser nosso padroeiro daqui? Ele é um santo antigo, já foi muito festejado! Aí concordaram. Conversei com ele, trouxe o santo e tá aí. (Luzia Clemente, Juquiri-Grande, 22.04. 2013). Dona Luzia conta que antigamente, em cada noite de festa havia uma pessoa responsável pelo mastro e pela organização de toda a celebração, que era denominado empregado ou juiz/juíza.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lusia-Clemente-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_35m05s.mp3				Nº 372	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Lusia Clemente do Santos				Nº 71	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Pedro				IDENTIFICADO		22
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	29 de junho	LUGAR	Comunidade Curuçá, Território Jamary/Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	A festa de São Pedro, quando realizada, acontece no dia 29 de junho. A festa é antiga na comunidade de Curuçá, mas ultimamente não está sendo realizada todos os anos, por falta de recursos financeiros. Dona Nazeazena relembra essa festa no tempo em que se tocavam músicas de pau e corda. Ela conta das procissões feitas no rio, a remo, e compara com as de agora, feitas de barco a (motor). “Era remando, porque naquele tempo motor, não existia como existe agora [...] Levava a imagem na canoa de casa em casa, quando vinha de lá ele trazia muita coisa que ele ganhava” (Nazeazena, Curuçá, 19.04.2013). Quem rezava as ladainhas da procissão era Seu Máximo, que durante a pesquisa encontrava-se adoentado, vindo a falecer recentemente, e o Seu Duí, que é primo de Dona Nazeazena.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Raimunda-Andrade-Nazeazena_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_42m32s.mp3				Nº 376	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Manoel Carvalho dos Santos				Nº 72	Cf. Anexo 4	
	Maria Raimunda Nazeazena Andrade				Nº 102	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de São Sebastião				IDENTIFICADO		23
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	19 de janeiro	LUGAR	Comunidade Tapagem, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	Na comunidade da Tapagem existem duas imagens de São Sebastião, uma grande de gesso, que foi presente de Gabriel Guerreiro, político de Oriximiná, e uma pequena, feita de madeira, herança dos primeiros negros que se instalaram na localidade. A professora Cleucineide diz que os moradores antigos celebravam a festa de São Sebastião no dia 19 de janeiro, mas hoje em dia ela é realizada no final de semana mais próximo dessa data, devido aos compromissos de trabalho dos comunitários. A festa antiga tinha ladainhas e mastros enfeitados de frutas. Depois da ladainha se derrubava o mastro, que fazia a alegria da criançada, que disputava quem pegava mais frutas. Cleucineide conta que as festas de antigamente eram mais animadas e mais bonitas: Era muito legal antes, no meu ponto de vista, antes era bem melhor, era uma festa muito famosa aqui na nossa área, dava muita gente, até porque naquela época, era difícil ter essas festas, hoje você encontra, quase todos os dias, quase todo mês, então a gente não pode estar em todas as festas, e antes isso era mais difícil, tinha uma festa aqui e outra ali e era muito famosa, eu era cunhantã mais eu me lembro até porque a gente participava, brincava de boneca, inclusive um ano eu fui boneca aqui, eu morava na cachoeira ali da frente da comunidade ela ficava tomada por barcos ali ia até pra ali assim, encostavam nesse porto aqui no dali, então dava muita gente, pessoal dessa área aqui do alto vinha todo pra cá, era até meio emocionante, vim janeiro a gente já estava se planejando, quando falava na festa de janeiro era Tapagem (Cleucineide, Tapagem, 25.04.2013). Com o tempo, a festa de São Sebastião foi perdendo público por conta da vida profissional dos comunitários. Muitas pessoas que tomavam a frente da festa passaram a trabalhar em Oriximiná e em Porto Trombetas, na MRN, e deixaram o compromisso de organizar a festa. Cleucineide relembra que, antes, a organização envolvia a coletividade: Naquela época era interessante porque todo mundo... Havia coletividade naquela época. A gente perde essa coletividade da cultura, hoje fala em coletividade da união, mas não, às vezes é uma agregação das pessoas e naquela época tinha a doação pela prefeitura, parte de alimentos que eles davam e a comunidade fazia beiju, essas comidas locais. Você vinha na festa, você não tinha preocupação de comprar um prato de comida, tudo era doado, do café, almoço e jantar, então era aquela coisa bem divertida, que as festas duravam dois dias (Cleucineide, Tapagem, 25.04.2013). Os “tapageiros”, como são chamados os moradores da Tapagem, são famosos por não deixarem o salão de festa vazio, mas a característica da ajuda, da união para a arrecadação dos alimentos para a festa está sendo esquecida. A escola ajuda na organização da festa com patrocínio para o bingo, ornamentação e limpeza da igreja. Também faz doações para angariar fundos para a comunidade. Dona Maria Adão, que mora na comunidade vizinha do Abuí, também participou das antigas festas de São Sebastião, e delas relembra as comidas e as músicas de pau e corda: valsa, bolero, lundu. Além disso, conta que as festas antigas de um modo geral, e não só a de São						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	Sebastião, eram momento propícios para o encontro de casais e início de namoros.				
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleucineide-Souza_Sousa_F_Oriximina-PA_25-04-2013_1h21m17s.mp3			Nº 358	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Cleucineide dos Santos Souza			Nº 23	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Festa de São Tomé				IDENTIFICADO		24
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Dezembro	LUGAR	Território Trombetas			
DESCRIÇÃO	A festa de São Tomé foi citada por Dona Maria Janete Andrade, moradora da comunidade Bacabal, no território Trombetas. Segundo ela, a celebração não existe mais, mas em suas memórias ainda está muito viva e dá saudades: Zacarias e Maria, eles faziam a festa de são Tomé em dezembro. Eram duas noites e um dia de festa. A senhora chegava, lá tinha os mordomos. Era com dois mastros, tinha o barracão com os bancos todinhos. Todo mundo ficava separado. Os músicos ficavam ali, tinha as ladainhas, os rezadores próprios para rezar a ladainha, tinha aquela reza toda com as bandeiras e quando terminavam iam para a janta de graça. E todo mundo dançava, só com essas músicas, com o bumbo, com o violino e o violão. Aí a gente ia pro café, derramava aquele beiju de mandioca mole e aquele beiju-cica que é da mandioca só ralada. O pessoal comia à vontade com café e chocolate do cacau puro torrado e ralado (Maria Janete Andrade, Bacabal, 05.05.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_01h26m17s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_13m10s.mp3				Nº 429	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria Janete da Silva Andrade				Nº 88	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Aiuê				IDENTIFICADO		25
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Janeiro	LUGAR	Comunidade Jauary, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	Hoje em dia a celebração do Aiuê é realizada exclusivamente na comunidade do Jauary, no território Erepecuru, todo mês de janeiro, durante a programação da festa de São Benedito. No entanto, tem-se referências da celebração desse ritual na região do Murta, no território do Ariramba, e em outras áreas quilombolas de Oriximiná e Óbidos durante o fim do século XIX e o início do século XX. Ao que parece, tratava-se de um dos rituais mais importantes de congregação de negros nos princípios do século XX. O Aiuê era uma celebração mista de elementos africanos e católicos, associada à Folia de São Benedito, uma manifestação cuja estrutura se assemelhava à de outras festas de santo organizadas em torno de mastros e ramadas, comuns no interior da Amazônia. A organização da celebração incluía ritos de esmolação (coleta de doações para o santo), visita a casas e repasto (oferta de refeições aos festeiros), e culminava no momento simbólico do beija-o-santo. Deunilo Pinheiro, tocador de violino, foi iniciado como aprendiz de porta-bandeira do festejo em 1922 e nessa época já acompanhava o grupo de foliões que homenageava o santo com uma série de ladainhas e cantorias. No Jauary, o Aiuê de São Benedito foi retomado em fins do século XX no bojo do processo de afirmação étnica e luta pela terra. Daniel de Souza fez parte desse esforço de retomada e reorganização do rito, que descreve da seguinte maneira: Eram esses negros aí [os Pinheiros] que tinham a dança que era o Aiuê, que era um ritual africano que eles tinham. A mamãe não viu eles fazerem o Aiuê, cantarem, mas tinha outras pessoas mais velhas que a mamãe, que viram eles fazerem e aí cantaram para a mamãe e ensinaram para ela. Aí a gente resgatou, porque já estava se acabando, a gente resgatou. E eles eram muito dessa coisa de ritual, eles eram muito África nesse sentido de rituais, e eles eram umas pessoas famosas que tocavam nas festas na época dos antigos quilombos, que eles iam. Deunilo tocava violino e o Espírito Santo era um bom rezador de ladainha. E eles iam sempre nas festas para rezar as ladainhas e o Deunilo sempre tocar o violino para a gente dançar. (Entrevista concedida a Luciana Carvalho em 08/12/12, na cidade de Santarém).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Benedita-Oliveira_Sousa_F_Oriximina-PA_08-05-2013_28m23s.mp3				Nº 399	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3				Nº 402	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Benedita Oliveira				Nº 16	Cf. Anexo 4	
	Daniel de Souza				Nº 25	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Divino Espírito Santo				IDENTIFICADO		26
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	12 de junho	LUGAR	Comunidade Nova Esperança, Território Jamarý-Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	Festejo em homenagem ao Divino Espírito Santo, realizado na comunidade Nova Esperança no dia 12 de junho.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_cartaz-oficina-alto2_Nazareth_Oriximina-PA_28-04-2013.jpeg (1 a 7)				Nº 100	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Socó				Nº 128	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Festa do Sagrado Coração de Jesus				IDENTIFICADO		27
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	29 de junho (ou dia próximo)	LUGAR	Comunidade Sagrado Coração de Jesus, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	A festa do Sagrado Coração de Jesus acontece no dia 29 de junho (ou num fim de semana próximo a essa data) na comunidade de mesmo nome, no território Alto Trombetas. Os moradores locais se encarregam coletivamente da organização da celebração, tendo à frente o coordenador da comunidade e a imagem do Sagrado Coração de Jesus que foi comprada em Oriximiná.						
	A festividade a gente faz todo tempo em junho. A gente arruma comida, a prefeitura que dá sempre um boi pra gente, ajuda com alimentação. O que a gente pode arrumar, nós fazemos um bom beiju de farinha. A gente faz pra quando for no outro dia dar aquele almoço pro pessoal, né? Aí vão embora. Sempre essa festa faz assim do sábado pro domingo, nunca dá na data certa. Agora parece que vai sair pro dia 16, 17 de junho (Raimunda Silvério, Sagrado Coração, 25.04.2013).						
	Além do boi doado pela Prefeitura para a alimentação dos devotos, os comunitários vendem variados tipos de iguarias (bolo, mingau, beijus) nas barraquinhas que eles mesmos constroem para a festividade.						
	Pessoas de outras comunidades prestigiam a festividade, segundo Dona Raimunda: “vem muita gente de Oriximiná, Boa vista, da Cachoeira do Bacabal, Moura, vem muita gente pra aí” (Raimunda Silvério, Sagrado Coração de Jesus, 25.04.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Raquel-e-Nilo_Carvalho-L_Oriximina-PA_25-04-2013_01h08m03s (1)				Nº 356	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimunda-Cordeiro_Sousa-F_Oriximina-PA_25-04-2013_50m03s.mp3				Nº 379	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Raquel Pires				Nº 111	Cf. Anexo 4	
	Raimunda Silvério Cordeiro				N.º113	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festas da Consciência Negra				IDENTIFICADO		28
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	20 de novembro	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamarý-Último Quilombo, Moura e Trombetas.			
DESCRIÇÃO	O dia 20 de novembro, consagrado à memória do líder negro Zumbi dos Palmares, que lutou contra a escravidão no Brasil, e também conhecido nacionalmente como Dia da Consciência Negra, é festejado por moradores de todos os territórios quilombolas de Oriximiná. Os festejos reúnem pessoas de várias localidades e, normalmente, faz-se um rodízio anual da comunidade anfitriã.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_cartaz-oficina-alto1_Nazareth_Oriximina-PA_28-04-2013.jpeg (1 a 4)				Nº 72	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná – ARQMO				Nº14	Cf. Anexo 4	
	Manoel Lucivaldo Siqueira				Nº78	Cf. Anexo 4	
	Ormezinda dos Santos Sousa				Nº107	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festas juninas				IDENTIFICADO		29
					SIM	NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Junho	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.			
DESCRIÇÃO	Geralmente as festas juninas são organizadas por professores com grupos de estudantes em todos os territórios, normalmente nas escolas-polos que reúnem crianças e jovens de todas as comunidades de cada território. Nelas são apresentadas danças tradicionais dos quilombos como o lundu, o carimbó e a quadrilha, e outras danças consideradas “culturais”, criadas para dramatizar histórias locais e traços étnicos, como a Dança do Boto, a Dança Morena d’Angola e a Dança Marajoara, criadas no Alto Trombetas. No Abuí, por exemplo, cada dança tem uma professora responsável para coordenar e ensinar. Surgiu o primeiro festival junino em 2011. Nós fizemos um festival com esse objetivo de divulgar nossas danças, cultura e outras apresentações. Antes era muita quadrilha na época de junho e depois nós começamos a inventar já outras danças pra apresentações. Ano passado surgiu a Dança do Boto, a Morena de Angola...Aqui na escola geralmente a gente organiza as danças e cada professor fica responsável por organizar um tipo diferente de dança, e dentro da comunidade a gente consegue apresentar nos eventos, nas reuniões. Agora nós temos algumas danças como o lundum, ele é tradição daqui da comunidade Abuí... Dentro da escola também tem a dança do boto que a professora Regina organiza juntamente com a professora Zenilda. Tem o carimbó mirim que é com a professora Conce, tem o carimbó também dos maiores, que ainda não temos o nome e que é com a professora Albelize, do projeto Mais Educação. Ai nós estamos com um grupo de capoeira, que nós vamos organizar também, a professora Zenilda que organiza a capoeira (Cleuciana Sousa, 24.04.2013). Para a realização dos festivais juninos as escolas sempre contam com a colaboração dos pais de alunos para fazerem as barracas, ajudarem na preparação das iguarias para serem vendidas e na limpeza no local da festa.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_23-04-2-13_54m49s_mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_24-04-2013_05m27s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_24-04-2013_45m30s-45m302.mp3				Nº 357	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Julia_Nascimento-e-outros_Jesus_E_Oriximina-PA_10-05-2013_39m36s.mp3				Nº 409	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Cleuciana dos Santos Souza				Nº 22	Cf. Anexo 4	
	Julia Marcia Guedes do Nascimento				Nº 67	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

2.2. EDIFICAÇÕES

Reproduzir tabela se necessário.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Barracão comunitário				IDENTIFICADO		30
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios quilombolas Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	O barracão comunitário é uma das edificações mais importantes em todas as comunidades quilombolas de Oriximiná. Ele funciona como sede social e política das comunidades, espaço dos moradores que se reúnem para debater e deliberar questões da coletividade. Em ocasiões de necessidade o barracão comunitário faz as vezes de escola local e de abrigo para visitantes. O barracão comunitário, simplesmente chamado barracão, normalmente se apresenta como uma construção ampla de madeira coberta com telhas, com paredes vazadas para passagem de vento ao redor de um salão cuja área varia de acordo com o tamanho da comunidade. A mobília resume-se, via de regra, a uma mesa e alguns bancos de madeira. Boa parte dos barracões conta com uma precária instalação elétrica, que pode ser ligada (por motor gerador movido a combustível) em reuniões e comemorações que assim o demandem. Sua localização, em geral, é o centro (sede) da comunidade, onde também ficam a igreja do local (sobretudo a igreja católica) e outros equipamentos de uso coletivo, como o barracão de festa e a cozinha, por exemplo. Em toda comunidade um grupo fica responsável pela manutenção e pela limpeza do barracão comunitário, mas todos os moradores devem contribuir para isto. Pelo caráter essencialmente coletivo que apresenta, é assunto sobre o qual diversas pessoas podem informar.						
REGISTROS	Juquiri Grande_centro_comunitário (1 a 5)				Nº 7	Cf. Anexo 2	
	Boa Vista_Cuminá_centro_comunitário (1 a 5)				Nº 19	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_barracão_abuí_Nazareth_Oriximina-PA_24-04-2013.jpeg (1 a 4)				Nº 47	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_barracão_parana-do-abui_Nazareth_Oriximina-PA_24-04-2013.jpeg (1 e 3)				Nº 74	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_barracão_tapagem_Nazareth_Oriximina-PA_25-04-2013.jpeg (1)				Nº 85	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_barracão_juquiri-grande_Nazareth_Oriximina-PA_20-04-2013.jpeg (1 e 2)				Nº 117	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_barracão_delegacia_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1)				Nº 170	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_barracão-comunitario_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1)				Nº 171	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_barracão-da-comunidade_aracá_Nazareth_Oriximina-PA_11-05-2013.jpeg (1)				Nº 203	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_barracão-da-comunidade_boa-vista-cuminá_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1)				Nº 206	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	F-Quilombos-Oriximina_barracão_espírito-santo_Nazareth_Oriximina-PA_11-05-2013.jpeg (1)	Nº 218	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_barracão-comunitário_Jauary_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1 e 2)	Nº 222	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_barracão-festa_Jauary_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1)	Nº 223	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_barracão_pancada_Nazareth_Oriximina-PA_11-05-2013.jpeg (1)	Nº 235	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_cozinha_pancada_Nazareth_Oriximina-PA_11-05-2013.jpeg (1 e 2)	Nº 236	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_casa-do-santo_são-joaquim_Nazareth_Oriximina-PA_10-05-2013.jpeg (1)	Nº 249	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_barracão-comunitário_varre-vento_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (3)	Nº 269	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_barracão_arancuan-de-baixo_Nazareth_Oriximina-PA_06-05-2013.jpeg (1)	Nº 282	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_igreja_barracão_centro_arancuan-do-meio_varre-vento_Nazareth_Oriximina-PA_06-05-2013.jpeg (1 a 3)	Nº 301	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná.	Nº 14	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Barracão de festa				IDENTIFICADO		31
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios quilombolas Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	O barracão da festa, como o nome sugere, é o espaço para as comemorações coletivas da comunidade. Sua construção é semelhante à do barracão comunitário, mas em geral se acresce de um cômodo integrado a uma cozinha externa para o preparo e, eventualmente, a venda de refeições e bebidas. No centro do barracão de festa não há mobília, pois o salão é normalmente reservado para dança e apresentação de bandas musicais. O barracão de festa ocorre em quase todos os territórios quilombolas pesquisados, onde abriga as festividades profanas e religiosas, sem distinção. Uma exceção é a comunidade do Ariramba, onde a maioria dos moradores é evangélica e não realiza festejos. Pelo caráter essencialmente coletivo que apresenta, é assunto sobre o qual diversas pessoas podem informar.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_barracão-festa_Jauary_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1)				Nº 223	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_cozinha_pancada_Nazareth_Oriximina-PA_11-05-2013.jpeg (1 e 2)				Nº 236	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná.				Nº 14	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Capela de São Benedito e de Santa Ana				IDENTIFICADO		32
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Abuí, Território Alto Trombetas		
DESCRIÇÃO	A capela fica na comunidade do Abuí e é devotada aos dois santos mais considerados no lugar: Santa Ana, que foi a primeira santa festejada na comunidade, e São Benedito, escolhido como seu padroeiro. A devoção a Santa Ana é mais antiga e se realizava antigamente numa capela coberta de palha, dentro da qual ficava uma imagem da santa que passava de geração a geração dentro de uma mesma família. A capelinha ficava na casa de Seu Raimundinho, um dos fundadores da comunidade e seu atual coordenador: “Ela começou aqui em casa, a primeira vez foi com uma festinha nossa de uma Santa chamada Santa Ana. Tínhamos uma capelinha coberta de palha” (Raimundo Printes, Abuí, 23.04.2013). Na época da formação da comunidade do Abuí, contudo, um dos donos da imagem da santa não permitiu que a mesma saísse da guarda da família e fosse doada à comunidade. Logo, São Benedito foi escolhido como padroeiro local e teve sua capela erigida em um terreno da coletividade. Hoje em dia, porém, Santa Ana fica ao lado de São Benedito nessa mesma capela, e os comunitários rendem devoção aos dois santos, mas, embora somente São Benedito seja reverenciado em festejos.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_santos_abuí_Nazareth_Oriximina-PA_24-04-2013.jpeg (1)				Nº 71	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edith-Printes-e-Francisco-Xavier_Carvalho-L_Oriximina-PA_23-04-2013_01h05m04s.mp3				Nº 360	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3				Nº 364	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edith Printes				Nº 35	Cf. Anexo 4	
	Raimundo Printes do Carmo				Nº 114	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Capela do Sagrado Coração de Jesus				IDENTIFICADO		33
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Sagrado Coração de Jesus, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	O lugar onde foi construída a capela foi disputado entre os moradores da comunidade Sagrado Coração de Jesus e um senhor que dizia ser o dono das terras na área ocupada pela comunidade. Nós passamos essa comunidade aqui pra baixo porque tem um senhor lá na cachoeira que ele veio, comprou um lugar do meu irmão, e aí ele andava falando que ia tomar de mansinho. Ele plantava um capim, nós arrancava, até que nós conseguimos, ficamos com o terreno. Aí também ele se desgostou. Aí foi embora, porque a terra é nossa. Nós nascemos e nos criamos aqui. E foi assim que começou, e agora nós fazemos a nossa celebração todo tempo aí. Nossa capelinha ainda é o Sagrado Coração de Jesus (Raimunda Cordeiro, Sagrado Coração de Jesus, 25.04.2013). Na fundação da comunidade os moradores escolheram Sagrado Coração de Jesus como padroeiro porque acreditam que, no momento em que eles precisaram, Jesus os atendeu e deixou que eles ficassem em suas terras. Antes da construção da capela, os comunitários faziam as celebrações na casa de um morador conhecido como Dunga, da família Cordeiro.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimunda-Cordeiro_Sousa-F_Oriximina-PA_25-04-2013_50m03s.mp3				Nº 379	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Raimunda Silvério Cordeiro				Nº 113	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO		Casa de farinha			IDENTIFICADO		34
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios quilombolas Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.			
DESCRIÇÃO	As casas de farinha se multiplicam em todos os territórios quilombolas onde os moradores cultivam mandioca para fazer farinha. São construções simples de madeira, sem paredes e com cobertura de palhas. Compõem-se de equipamentos rústicos usados na produção doméstica de farinha e outros derivados de mandioca: forno, gareira, catitu, rodete, tipiti, entre outros, que são feitos de madeira, palhas e talas. Situadas nos quintais das residências, as casas de farinha geralmente são de uso coletivo e atendem a vários membros de uma família extensa. São, por isso, um espaço privilegiado de sociabilidade doméstica e comunitária, ocupado por crianças, jovens, adultos e idosos de ambos os sexos.						
REGISTROS	Palhal_casa_de_farinha (1 a 6)			Nº 10	Cf. Anexo 2		
	Ariramba_casa_de_farinha (1 a 7)			Nº 26	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_casa-de-farinha_abui_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg (1)			Nº 49	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_joraci-barbosa_casa-de-farinha_abui_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg(1a 4)			Nº 58	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_joraci-barbosa_manoel-francisco-xavier_casa-de-farinha_abui_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg (1)			Nº 59	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_joraci-barbosa_maria-idaliete-adao_casa-de-farinha_abui_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg (1 e 2)			Nº 60	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_manoel-francisco-xavier_abui_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg (1 a 4)			Nº 62	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_maria-idaliete-adao_casa-de-farinha_abui_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg (1 a 12)			Nº 64	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_casa-de-farinha_tapagem_Nazareth_Oriximina-PA_24-04-2013.jpeg (1 e 2)			Nº 86	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_casa-de-farinha_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013			Nº 176	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_casa-de-farinha_boa-vista-cuminá_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1 e 2)			Nº 209	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_manoel-joaquim-pereira-tavares_casa-de-farinha_boa-vista-cuminá_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1 a 6)			Nº 213	Cf. Anexo 2		
	F-Quilombos-Oriximina_daniel-de-souza_casa-de-farinha_Jauary_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1 a 4)			Nº 228	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Manoel Francisco Valério Xavier			Nº 76	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	Maria Adão	Nº 81	Cf. Anexo 4
--	------------	-------	-------------

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora Aparecida					IDENTIFICADO		35
						SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Erepecuru	Boa Vista	Cuminá,	Território	
DESCRIÇÃO	A igreja é construída em madeira, na comunidade de Boa Vista Cuminá, no território Erepecuru. É frequentada pelos moradores locais e pelos católicos da comunidade vizinha do Ariramba.							
REGISTROS	Boa Vista_Cuminá_centro_comunitário (1 a 5)					Nº 19	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Antônia Soares Lopes					Nº 08	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora da Piedade				IDENTIFICADO		36
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Arancuan de Baixo, Território Trombetas			
DESCRIÇÃO	Igreja da padroeira do Arancuan de Baixo.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_igreja-nossa-senhora-da-piedade_arancuan-de-baixo_Nazareth_Oriximina-PA_06-05-2013.jpeg (1)				Nº 285	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lucila-Vieira_Jesus-E_Oriximina-PA_06-05-2013_24m44s.mp3				Nº 428	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h15m34s.mp3 A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_02m34s.mp3				Nº 417	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Lucila Vieira				Nº 70	Cf. Anexo 4	
	Raimunda de Aguiar Viera				Nº 112	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora de Fátima				IDENTIFICADO		37
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Cachoeira Porteira, Território Cachoeira Porteira			
DESCRIÇÃO	Igreja construída na Cachoeira Porteira após o desmonte da vila de operários da empresa Andrade Gutierrez, com materiais doados por eles. Abrigou a imagem de Nossa Senhora de Fátima, também doada por eles, que passou a ser cultuada na localidade.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_igrejas_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1)				Nº 19	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Nelcilene da Silva Adão				Nº 104	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Igreja de Santo Antônio				IDENTIFICADO		38
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Jamary, Território Jamary-Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	O pai de Dona Antônia Pereira foi quem mandou construir a Igreja de Santo Antônio no Jamary, localidade do território Jamary-Último Quilombo. A igreja fica na área de várzea da comunidade, na margem esquerda do Rio Trombetas, e por isso obedece ao padrão típico de construção em madeira sobre palafitas para suportar as enchentes que alagam a várzea. Dentro da igreja ficam a imagem do santo, que pertenceu ao avô de Dona Antônia, e as bandeiras usadas em sua festividade, que é realizada no mês de setembro. A herdeira do santo cumpre o ritual diário de acender uma vela na igreja, sempre às seis horas da tarde.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_igreja-santo-antonio_Jamary_Nazareth_Oriximina-PA_19-04-2013.jpeg (1)				Nº 101	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Antonia-Santos_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_36m14s_mp3				Nº 381	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Antônia Pereira dos Santos				Nº 7	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Benedito (do Jauary)				IDENTIFICADO		39
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Jauary, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	É a igreja do padroeiro da comunidade do Jauary. Trata-se de uma construção simples em alvenaria, com bancos de madeira e altar com destaque para uma imagem de São Benedito que permanece enfeitada com fitas coloridas.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_sao-benedito_Jauary_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1 e 2)				Nº 233	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Esmerino Viana de Almeida				Nº 41	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Francisco do Canindé				IDENTIFICADO		40
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Jarauacá, Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	A imagem de São Francisco do Canindé foi trazida do Ceará por um dos primeiros moradores da localidade Jarauacá. Quando essa comunidade (que hoje integra o território Trombetas) se organizou e se formalizou, o santo foi escolhido como padroeiro. Como diz Neuton Oliveira, “quando fundou aqui, o velho Moura disse que ia buscar um santo no Ceará, um santo que era muito milagroso, e era São Francisco de Canindé”. Outro morador da comunidade, Osvaldo Lopes, explica que já havia outros santos de devoção na localidade, mas essa devoção era individual ou familiar – “cada um na sua casa” – e não envolvia a coletividade. Daí a necessidade de encontrar um santo que representasse os sentimentos coletivos. E aí ele foi pro Ceará. O filho foi pra lá e trouxe esse padroeiro aí, São Francisco do Canindé, trouxe de lá do Ceará. Na época já tinham feito uma capelinha aí e colocou esse santo aí. E ele passou a ser o padroeiro da comunidade. Tinha suas santas, santos e na época tinha um... como é que dá o nome? Colocava o santo lá e guardava na sua casa. Cada um tinha na sua casa. Quando foi fundada a comunidade ela tinha um padroeiro era o São Francisco de Canindé, era o padroeiro. Esse que veio pra aí e se encontra até hoje (Osvaldo Lopes, Jarauacá, 07.05.13). A comunidade chegou a se chamar São Francisco do Canindé, mas acabou optando pelo nome Jarauacá, que também designa o lago em cujas margens está instalada. Nenhum morador soube precisar o ano em que isso ocorreu, nem mesmo quando São Francisco do Canindé foi trazido para a comunidade, nem a data de construção da capela. Neuton explica: Ninguém se lembra, acho que ninguém deu esse detalhe, né? É difícil, mas eu acho que foi, chutando, mais ou menos em 1957, por aí. 1957 a 1958, não é uma coisa afirmada, mas é mais ou menos nessa época, porque em 1968 eu já morava aqui e já existia essa capela (Neuton Oliveira de Figueiredo, Jarauacá, 07.05.13).						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_igreja-sao-francisco-de-caninde_jarauacá_Nazareth_Oriximina-PA_07-05-2013.jpeg (1)				Nº 310	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Nelton-Oliveira-de-Figueiredo_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_36m49s.mp3				Nº 431	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Osvaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3				Nº 432	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Neuton Oliveira de Figueiredo				Nº 105	Cf. Anexo 4	
	Osvaldo Lopes				Nº 109	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de São José				IDENTIFICADO		41
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Serrinha, Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	A Igreja de São José foi fundada na Serrinha por influência do curador Baldoíno Melo, que era devoto desse santo. Quando a comunidade se organizou e se formalizou, com apoio do Padre Patrício, São José foi escolhido como seu padroeiro e ganhou a estrutura atual. Altino Régis de Melo, neto do curador, conta que o respeito a ele e ao santo de sua devoção era tão grande, entre os moradores da Serrinha e de outras comunidades quilombolas, que a igreja permanecia de portas abertas noite e dia: Essa igreja, hoje que ela fica de porta fechada. Dava muita chuva, vento e quebrava tudinho aí. Mas você saía daqui da comunidade, essa igreja ficava de porta aberta. Saía e chegava, e tudo que tinha estava aí. Ninguém tinha coragem de tirar nada aqui. Essa igreja era assim. Agora que a gente mantém ela fechada. Mas sempre tem essa luz aqui. Quando tava escuro e a mamãe não tava na comunidade, a gente já sabia, porque toda a tarde ela vinha acender a vela. A minha esposa e a minha cunhada estão mantendo a tradição. Aí toda seis horas ela vai acender a vela (Altino Melo, Serrinha, 06.05.13). No altar da igreja ficam imagens de santos. Na parede, ao lado do altar, ficam retratos de Baldoíno e de sua esposa Francisca.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m45s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m51s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_32m01s.mp3				Nº 422	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_igreja-de-sao-josé_serrinha_Nazareth_Oriximina-PA_07-05-2013.jpeg (1)				Nº 328	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_interior-da-igreja-de-sao-jose_serrinha_Nazareth_Oriximina-PA_07-05-2013.jpeg (1 a 7)				Nº 329	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Altino Régis de Melo				Nº 4	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Lázaro					IDENTIFICADO		42
						SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Juquiri Grande, Território Jamary-Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	Pequena igreja de madeira construída sobre palafitas na comunidade Juquiri Grande, em honra ao padroeiro São Lázaro. Dentro da igreja repousa uma antiga imagem do santo, que foi doada à comunidade por um senhor chamado Armando Gonçalves.							
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_igreja_juquiri-grande_Nazareth_Oriximina-PA_20-04-2013.jpeg (1 a 7)					Nº 126	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lusia-Clemente-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_35m05s.mp3					Nº 372		
CONTATOS	Lusia Clemente do Santos					Nº 71	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Sebastião				IDENTIFICADO		43
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Tapagem, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	Igreja do santo padroeiro da comunidade de Tapagem, São Sebastião.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_igreja_tapagem_Nazareth_Oriximina-PA_25-04-2013.jpeg (1)				Nº 90	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Cleucineide dos Santos Souza				Nº 23	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Igreja do Sagrado Coração de Jesus				IDENTIFICADO		44
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Sagrado Coração de Jesus, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	É a igreja do santo padroeiro da comunidade, Sagrado Coração de Jesus.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_igreja_centro-comunitário_sagrado-coracao-de-jesus_Nazareth_Oriximina-PA_25-04-2013.jpeg (1)				Nº 233	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ornelio Correa da Natividade (Nilo Colé)				Nº 108	Cf. Anexo 4	
	Raquel Pires				Nº 111	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Paiol de castanha				IDENTIFICADO		45
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Boa Vista, Moura, Jamary-Último Quilombo, Erepecuru, Ariramba, Trombetas, Água Fria, Cachoeira Porteira.			
DESCRIÇÃO	Os paióis são construções rústicas de madeira cuja finalidade é armazenar produtos coletados na floresta, principalmente a castanha. Em todos os territórios existe pelo menos uma construção do gênero. Dona Ivone explica: “É, só a castanha e leva pro barraco, de primeiro a gente não usava saca, a gente usava... fazia assim um paiol de pau, coalhava e colocava a castanha. Agora não, a gente já traz do mato, coloca no saco e costura com o cipó, põe na canoa e trás (Ivone Pereira, Cachoeira Porteira, 02.05.2013).						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_paiol-de-castanha_abuí_Nazareth_Oriximina-PA_24-04-2013.jpeg (1)				Nº 68	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_paiol-castanha_tapagem_Nazareth_Oriximina-PA_24-04-2013.jpeg (1 e 2)				Nº 95	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_castanha_armasenada_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1 a 3)				Nº 179	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ivone Pereira de Jesus				Nº 53	Cf. Anexo 4	
	William de Jesus Ribeiro Figueira				Nº 126	Cf. Anexo 4	

2.3. FORMAS DE EXPRESSÃO

Reproduzir tabela se necessário.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Carimbó				IDENTIFICADO		46
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	No <i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i> registra-se, para o verbete “carimbó”, a seguinte descrição: Dança negra, brasileira, de toda, em Marajó, arredores de Belém, no Pará. Num círculo de homens e mulheres, uma dançarina, às vezes ou comumente, vestida de baiana, vai para o centro, e baila, trejeitando, requebrando-se, com o acompanhamento de percussão (o carimbó, pandeiro, reco-reco e, ocasionalmente, instrumentos de corda)... O passo típico é a bailarina, numa dado momento, volteando, enfunando violentamente as vestes, jogar a barra da saia sobre o parceiro mais próximo, cobrindo-o e causando hilaridade” (p. 245). O carimbó é dançado em várias cidades do Pará e também é muito apreciado nas comunidades quilombolas de Oriximiná, já há bastante tempo. Seu Dometilo conta que gostava tanto de dançar carimbó nas festas antigas, e que era tão bom dançarino, que chegou a receber o apelido de Pinduca (nome de um famoso cantor de carimbó no Pará): “Por isso que meu apelido aqui é Pinduca! Esse aí que me apelidou, porque esse negócio de carimbó eu dançava de todo jeito que podia ser, e o pessoal gostava, então me apelidaram de Pinduca! (Dometilo Xavier, Tapagem, 25.04.2013). Atualmente a dança é realizada principalmente por grupos organizados que a apresentam nos festivais das escolas.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio-outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3				Nº 354	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg				Nº 436	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3				Nº 413	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Suani-da-Silva-Cruz-e-Ilda-Rosiane_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_29m15s.mp3				Nº 433	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Dometilo Xavier				Nº 30	Cf. Anexo 4	
	Julia Marcia Guedes do Nascimento				Nº 67	Cf. Anexo 4	
	Patrício da Silva Souza				Nº 110	Cf. Anexo 4	
	Rosiane Lopes de Figueiredo				Nº 117	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Dança Afro				IDENTIFICADO		47
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade São Joaquim, Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	A Dança Afro é uma atração cultural da comunidade São Joaquim, apresentada por jovens estudantes da escola São Joaquim. A dança é acompanhada pela seguinte música: Estamos chegando aqui no São Francisco onde tudo dá A escola polo que foi construída aqui no Araçá Ela é conhecida e considerada a melhor que há Ela tem beleza e com toda certeza vai continuar Nela se estuda a nossa cultura aqui da região Tem contos e mitos que foram passados aqui pelo pessoal Tem a cobra grande o curral de pedras e tem muito mais Tem o nosso orgulho que é os quilombolas e os castanhais Pelos nossos idosos que fizeram parte dos antepassados Tem o tio Tatico, o tio Chico Melo, o tio Baldoíno Tem nossos idosos que ainda parte dessa região Tio Salustiano, tio Benedito e tia Bernardina Erepecuru é um rio banhado com muitas riquezas, pelas cachoeiras pelo ouro puro que tem com certeza E aqui termino com muita alegria no meu coração pela nossa escola que foi construída aqui na região						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_dança-afro_são-joaquim_Nazareth_Oriximina-PA_11-05-2013.jpeg (1 a 5)				Nº 255	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_01m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_03m10s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_45s.mp3				Nº 401	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3				Nº 413	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edilena da Silva Souza				Nº 32	Cf. Anexo 4	
	Patrício da Silva Souza				Nº 110	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Dança Beleza da Cachoeira				IDENTIFICADO		48
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Pancada, Território Erepecuru			
	Dança organizada por um grupo de moradores da comunidade Pancada, sobre a qual não foram encontrados registros nem descrições detalhadas. Segundo Dona Maria Lizete Santos, a dança é “muito bonita” e apresentada em ocasiões festivas na localidade, como na festa de Nossa Senhora da Conceição, e em outras comunidades quilombolas.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_01m59s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_56m19s.mp3			Nº 404	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Maria Lizete Melo dos Santos			Nº 91	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Dança da Mulatinha				IDENTIFICADO		49
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Espírito Santo, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	A Dança da Mulatinha é organizada por moradores da comunidade Espírito Santo e apresentada em ocasiões festivas na área do Erepecuru.						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg				Nº 436	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Julia Marcia Guedes do Nascimento				Nº 67	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Dança do Zumbi com a Dandara				IDENTIFICADO		50
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Espírito Santo, Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	A Dança do Zumbi com a Dandara (guerreira negra, esposa do líder quilombola Zumbi) foi organizada por moradores da comunidade do Espírito Santo, território Erepecuru, para narrar a história do povo negro que lutou contra a escravidão. De acordo com Patrício Souza, “é uma dança tradicional, voltada às nossas descendências. Ela veio desde a escravidão. Ela explica através da dança, é uma maneira de explicar o que se passou na antiguidade”. A dança é apresentada em ocasiões festivas na área do Erepecuru.						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg				Nº 436	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3				Nº 413	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Julia Marcia Guedes do Nascimento				Nº 67	Cf. Anexo 4	
	Patrício da Silva Souza				Nº 110	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Dança Marajoara				IDENTIFICADO		51
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Tapagem, Território Alto Trombetas		
DESCRIÇÃO	A Dança Marajoara é uma atração cultural da comunidade da Tapagem, organizada pela escola Antônio Vieira e coordenada pela professora Cleucineide, que aprendeu a música que dá ritmo à dança com sua avó, conhecida como Popó. De início, a maioria dos componentes da Dança Marajoara eram netos de Dona Popó, mas aos poucos o grupo de dançarinos foi-se abrindo para pessoas de fora da família e hoje envolve vários alunos (meninos e meninas) da escola: A coreografia tem um sambazinho, passinho pra cá, dois pra lá, dois pra cá, mais ou menos nesse ritmo de samba aqui, samba acolá, mais ou menos assim. E o que é interessante nessas apresentações é que os envolvidos eram só quase netos dela. Hoje, não, porque nós saímos, mas a maioria era neto da Popó, porque o objetivo inicial era esse, os netos. Mas como a gente precisa sair, aí 'vamos pegar'! O Dico Vieira, que é o Raimundo dos Santos, que era meu tio também, então a gente dava prioridade para pegar os netos desse pessoal, sangue do sangue. Hoje, não, que as outras meninas querem dançar, a gente acaba colocando aquelas que têm mais suingue, até porque a gente precisa. Numa apresentação rápida a gente pega aquele que tem rebolado, porque é mais rápido. Nem todo mundo tem facilidade para a dança (Cleucineide, Tapagem, 25.04.2013). A música é cantada por uma professora da escola, à capela ou com o acompanhamento de instrumentos musicais, dentre os quais se destaca o tambor, mas sempre ao som de palmas ritmadas. Aqui na Tapagem viemos dançar marajoara/ Aqui na Tapagem viemos dançar marajoara/ Samba aqui, samba acolá. Samba aqui, samba acolá/ E vieram os negros, vieram lá de Pacoval/ E vieram os negros, vieram lá de Pacoval/ Samba aqui, samba acolá, samba aqui samba acolá/ Samba aqui, samba acolá, samba aqui samba acolá/ Porque Zumbi lutava, lutava pra se libertar/ Porque Zumbi lutava, lutava pra se libertar/ Samba aqui, samba acolá. Samba aqui, samba acolá/ Samba aqui, samba acolá. Samba aqui, samba acolá/ Amigos vieram do (...). Samba aqui, samba acolá. Samba aqui, samba acolá/ Samba aqui, samba acolá. Samba aqui, samba acolá. Samba aqui, samba acolá. Samba aqui, samba acolá. Samba aqui, samba acolá. Samba aqui samba acolá/ E vamos todos a balançar/ E vamos todos a balançar/ E vamos todos a balançar/ E vamos todos a balançar/ Apesar das dificuldades financeiras para manter o figurino, os acessórios e os custos de deslocamentos, a organizadora do grupo é empenhada em criar oportunidades para que realizem apresentações em outras comunidades quilombolas e na cidade. Na comunidade vizinha do Abuí, por exemplo, a Dança Marajoara da Tapagem sempre é apresentada na festa do santo padroeiro. Em retribuição, o grupo de dança Morena d'Angola, do Abuí, sempre se apresenta na festa da Tapagem.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_apresentação-dança-marajoara_tapagem_Nazareth_Oriximina-PA_25-04-2013.jpeg (1 a 4)				Nº 84		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Musica-Tapagem_Sousa_F_Oriximina-PA_25-04-2013_05m12s	Nº 365	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleucineide-Souza_Sousa_F_Oriximina-PA_25-04-2013_1h21m17s.mp3	Nº 358	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Cleucineide dos Santos Souza	Nº 23	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Dança Morena d'Angola				IDENTIFICADO		52
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Abuí, Território Alto Trombetas		
DESCRIÇÃO	A dança Morena d'Angola é organizada na comunidade do Abuí, sob a coordenação da professora Cleuciana, como atividade integrante do projeto Mais Educação. O grupo é composto por alunas da escola Tancredo Neves, que dançam ao som da música <i>Morena d'Angola</i>, que foi consagrada na voz de Clara Nunes.						
	A Morena de Angola, na verdade, ela surgiu assim: a gente queria fazer uma dança de menina. A música já era conhecida no Brasil, de modo geral. Eu disse: vamos ensaiar a Morena de Angola. Aí eu convidei a Lise pra ensaiar junto comigo e ela já tinha dançado também. Então, tem toda uma coreografia. E a roupa fui eu que desenhei. A costureira é a própria coordenadora aqui da escola, então ela que costurou essas roupas pra gente. Aí surgiu a ideia de acordo com a nossa cultura, de usar brincos grandes, um colar. No dia da apresentação elas pintam a unha com esmalte bem vivo, um alaranjado, um amarelo, e usam o chocalho que é feito também aqui, pela Maria Rita (Cleuciana, Abuí, 24.04.2013).						
	A indumentária das dançarinas compõe-se de saia vermelha, blusa branca e lenço no cabelo. As componentes da dança se posicionam em filas e seus movimentos são sincronizados e coreografados conforme a letra da música.						
	A dança é apresentada na festa de São Benedito, da comunidade, na festa junina da escola, e nas festas de santo das comunidades vizinhas.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_dança-morena-de-angola-abui_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg (1 a 3)					Nº 52	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_23-04-2-13_54m49s_mp3 A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_24-04-2013_05m27s.mp3 A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_24-04-2013_45m30s-45m302.mp3					Nº 357	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Nilcelena-Cunha_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_14m10s.mp3					Nº 392	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Cleuciana dos Santos Souza					Nº 22	Cf. Anexo 4
	Nilcelena Cunha da Glória					Nº 106	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Desfeiteira				IDENTIFICADO		53
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	O verbete “desfeiteira” do Dicionário do Folclore Brasileiro registra o seguinte: Dança humorística do Amazonas, em salão, numa espécie de sorte. Os pares dançantes são obrigados a passar diante da música, violão, flauta, cavaquinho, às vezes trombone. Num dado momento, para a música, e o cavalheiro que estiver dançando diante dos músicos é obrigado a cantar um verso, uma quadrinha. Se errar, gaguejar, atrapalhar-se, receberá uma vaia e pagará uma prenda, ficando assim desfeiteado. Não há dança especial e os versos são comuns. (p. 350) A desfeiteira é uma dança tradicional muito associada às festividades do catolicismo popular em várias localidades da Amazônia. Nas comunidades quilombolas de Oriximiná, ela é realizada até hoje, principalmente nas festas de santo e nas “festas culturais”. Dona Maria Salgado dançava a desfeiteira nas festas e explica que os versos trocados pelos dançarinos, às vezes de improviso, em forma de desafio, eram mais elogiosos que os de atualmente. Desfeiteira, a senhora agarra seu cavalheiro e aí faz o verso: por que torna; por que deixa; é assado, é cozido... A senhora vai botar [o verso] pra ele. Já tem muita diferença, já querem brigar, bota verso maltratando o homem; quando não, era a mulher; não demora, tavam brigando. A gente não, a gente não botava verso feio, era verso amando a pessoa, não era esculhambando! Essas danças de agora, nem que eu dançasse! Eu não me atrevo, agora que eu não danço mais! (Maria Salgado, Juquirizinho, 19.04.2013). Dona Maria ainda recita alguns versos: Na panela derrama o galho pelo chão, Quem quiser casar comigo, Não repare a geração. Tu pensa que eu não atrevo, Trevo nasce do chão. Tu pensa que eu não atrevo Amar teu coração. Eu tenho meu lencinho branco Cada canto um ABC Eu quero amar aquele moço Mas não sei como fazer. Escrevi na areia fina Com uma pena de pavão Já vai tu já me deixa Com uma dor no coração (Maria Salgado, Juquirizinho, 19.04.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Benedita-Oliveira_Sousa_F_Oriximina-PA_08-05-2013_28m23s.mp3				Nº 399	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Silva-Salgado_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h11m16s.mp3	Nº 378	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Benedita Oliveira	Nº 16	Cf. Anexo 4
	Maria da Silva Salgado	Nº 83	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Folia de São Benedito				IDENTIFICADO		54
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Janeiro	LUGAR	Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	As folias de santo são manifestações orais e musicais tradicionais em festejos do catolicismo popular na região amazônica. Grupos de devotos, frequentemente trajando vestes de marujos, deslocam-se por rios e terras da região tocando instrumentos de percussão e entoando cânticos em honra aos santos. O <i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i> informa que há “folias preditórias nas festas de São Benedito, semelhantes às do Divino e em Amazonas, embarcadas em canoas, com música e canto, obedecendo a uma disciplina rígida” (p. 403). Completa a descrição das folias de São Benedito o verbete <i>meia-lua</i>: “procissão fluvial no Amazonas que se faz com a imagem do santo embarcada e seguida pela Folia. O barco e as montarias (canoas) dão muitas voltas defronte do povoado onde o santo é venerado. Frequentemente é São Benedito” (p. 572). No território Erepecuru a Folia de São Benedito é organizada por moradores da comunidade de Boa Vista Cuminá para participar dos festejos do Aiuê, realizados na comunidade do Jauary no mês de janeiro. Dona Benedita Oliveira é uma das principais organizadoras da folia, que até hoje mantém a prática da meia-lua para o santo: A folia é uma procissão que a gente fazia no rio, que é com o hino dos santos. Aí, nós de Boa Vista, a gente faz isso. Quando é festa de São Benedito, nós vamos e faz a meia-lua rezando o hino do São Benedito até entregar pra Rainha do Aiuê. É o São Benedito pra eles dançarem Aiuê... A folia é na canoa. Tem o folião, tem o piloto e tem as pessoas que saem rezando o hino de São Benedito. Quando a gente sai, a gente canta: ‘Folião abana a bandeira, no toque que a caixa dá, os anjinhos vão remando... Ai, deixa eu me lembrar... Esqueci agora, porque eu tenho, mas é copiado. Mas esse é o tom da folia. Aí, quando a gente chega ‘Folião abana a bandeira’, é para o folião abanar a bandeira. ‘No toque que a caixa dá’ é porque tem alguém que tá com a caixa. Conforme o folião abanava a bandeira, o que tava batendo a caixa dava o toque de acordo com o folião (Benedita Oliveira, Boa Vista Cuminá, 08.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Benedita-Oliveira_Sousa_F_Oriximina-PA_08-05-2013_28m23s.mp3				Nº 399	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Benedita Oliveira				Nº 16	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Gíria dos índios				IDENTIFICADO		55
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Cachoeira Porteira, Território Cachoeira Porteira			
DESCRIÇÃO	Chamam-se genericamente de “gíria dos índios” as línguas faladas pelos povos indígenas que vivem nas proximidades dos territórios quilombolas do Rio Trombetas, como, por exemplo, os Kaxuyana, Wai Wai, Ishkaryana e Tiryó, entre outros.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Vieira-da-Costa_Carvalho-L_Oriximina-PA_01-05-2013_33s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Vieira-da-Costa_Carvalho-L_Oriximina-PA_01-05-2013_36m31s.mp3				Nº 393	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Raimundo Vieira da Costa				Nº 116	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Grupo Encanto do Quilombo				IDENTIFICADO		56
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	2012	LUGAR	Comunidade Jauary, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	O grupo Encanto do Quilombo foi criado em 2012 na comunidade do Jauary, reunindo músicos locais sem formação erudita. Darlisson Menezes, um dos integrantes do grupo, narra sua história: Veio pra cá pra fazer um grupo, resgatando a nossa cultura. Foi onde a gente fundou esse grupo. Hoje ele sai em qualquer comunidade, não é cobrado nada, o grupo toca de graça. Mas ele só toca na noite que a comunidade faz a festa cultural, só com pau e corda. Não tem outra banda de música, só o grupo mesmo. Nós temos o agogô, que é do ouriço da castanha; tem o atabaque que é esse grande aí; tem a mini-mesa de percussão com esses dois tambores; tem o bumbo, que é esse grande; a mesa de sapucanga; e os outros tambores que são tambores do couro da onça. Eu faço parte do grupo e nós somos 17 componentes, onde tá incluído o seu Daniel, a dona Marina, eu, o Toti, o Gerdenal, Mario Omar, um outro irmão meu que é o Clodoaldo, Alfredo, o Hugo, o Reginaldo, o Rosivaldo... É mais ou menos uma faixa de 17 pessoas. Mas também, se os 17 não estão, mas tem outras pessoas da mesma comunidade onde estão, então eles também tocam. Aqui da comunidade é na noite cultural. Então, a festa de São Benedito aqui é por conta da comunidade, então é por conta do grupo. Uma noite inteira. É brega, é forró, todo ritmo. Das danças tradicionais a gente toca o Aiuê, Olodum, desfeiteira, tudo quase (Darlisson Menezes, Jauary, 07.05.13). Em sua criação, o grupo recebeu suporte da Fundação Curro Velho, do Governo do Estado do Pará, por meio de oficinas e apoio financeiro para a confecção dos próprios instrumentos que utilizam: Ela financiou só pra gente manter a oficina durante a fabricação dos tambores. Depois que a gente aprendeu fazer, quando esculhamba um, a gente mesmo faz, não precisa dizer pra eles lá que a gente precisa de tambor, precisa de dinheiro pra fazer um tambor, não, a gente vai lá no mato, limpa o pau e faz (Darlisson Menezes, Jauary, 07.05.13).						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_instrumentos-musicais_Jauary_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1 a 15)				Nº 231	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Darlisson-Almeida_Sousa-F_Oriximina-PA-08-05-13_08m22s.mp3				Nº 407	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Darlisson Menezes				Nº 26	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Histórias de encantarias				IDENTIFICADO		57
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	Moradores de todos os territórios narram histórias de encantarias: narrativas sobre seres encantados e locais de encantos. Os <i>encantes</i> são as moradas dos <i>encantados</i>, geralmente ficam no fundo das águas (e são chamados simplesmente de <i>fundo</i>), nos igarapés, em locais da floresta, em pontas de pedra, debaixo da terra. Os encantados são seres humanos que após a morte física viraram entidades, são as mães e os pais de lugares tidos como sagrados, são seres meio homens, meio animais, dotados de qualidades especiais, são forças da natureza. Os encantados podem castigar as pessoas que não respeitam a floresta, os rios, os igarapés, por exemplo, e podem “judiar” da mulher que não cumpre preceitos como não tomar banho de rio, quando menstruada. A “judiaria” ou “judiação” imputada por um encantado ao humano que não se comporta como deveria se manifesta na forma de doenças físicas e/ou espirituais: loucura, vômitos, desmaios, emagrecimento inexplicado, dores de cabeça, tonturas, etc. Essas doenças normalmente só se curam com a intervenção de pajés, curadores ou sacacas. Os encantados que são considerados pais ou mães de algum lugar especial, como a Matintaperera e o Curupira que cuidam das florestas, podem afugentar os humanos com gritos, urros e sustos. Alguns encantados chegam a levar os humanos embora do mundo terreno para o mundo dos encantos, temporária ou definitivamente. Neste último caso, conta-se de pessoas que desapareceram misteriosamente, que se afogaram inexplicavelmente ou que saíram e nunca mais voltaram para casa. O mundo das encantarias é um mundo mágico que não podemos ver sempre, a não ser quando alguém de lá se apresenta a nós, ou quando alguém de nós é levado para lá, encantado, conduzido pelos <i>pajés</i> ou em sonho. As histórias de encantarias nos territórios quilombolas são contadas principalmente por coletores de castanha, que passam um bom período dentro da mata, e por pescadores, que frequentam as águas. Mas elas também são narradas por mulheres, jovens, crianças, de modo que são amplamente difundidas nas comunidades. Da mesma forma que os encantados, há também as visagens e vultos que assustam os moradores das comunidades pesquisadas. Quase todos são capazes de contar sobre alguma visagem que avistaram e/ou ouviram, ou sobre algum acontecimento desse tipo passado com alguém muito próximo. Na comunidade de Curuçá, Cosmo Cordeiro é um dos que mais tem histórias para contar: Aconteceu comigo também, que eu enxerguei uma mulher na minha frente, na beira do rio. Fui pescar, quando ia remando, subindo, a beirada do rio tava todo						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	----	----	----	----	------	----

	de fora, eu enxerguei aquela mulher dentro da água tomando banho, penteando assim o cabelo pro lado, bem lá no lugar que chamava Máximo de baixo da boca do Jamary, mas essa mulher que eu conheço não mora aqui, a que eu conheço não tá aqui, não tem ninguém aqui, aí eu fui remando, aí me deu mais coragem de chegar mais perto pra conhecer, quando chegou na distância desse motor aí, eu desconheci, cabelo liso, vinha bem no meio da costa, ela era bem magrinha a modo que não tinha bucho, bem magrinha, da roupa escura, assim meio avermelhada, da cor do café com leite a roupa dela. Ela era bem limpa, assim como a senhora, só que ela não me olhou não, ela olhando pro lado do rio, tava com água pela cintura penteando o cabelo, aí desconheci, aí recuei a canoa, não é gente desse mundo, nisso que recuei a canoa, remava, olhava pra lá, tava lá. Vou chamar o papai pra vim espiar pra vê se ele conhece, quando ia indo, cheguei vinte metros de onde ela tava, olhei lá na beira, vi aquilo vermelho sentado no baixo, mete o bico da flecha, um riscado de uns dois metros mais ou menos de tamanho, novo, novo aquele pano, naquela época vendia riscado americano, aquele pano antigo, mais um riscado novo, a modo que nessa hora tinha jogado na água aquele pano, dois metros de tamanho, aí botei pra dentro da canoa, cheguei lá, conversei com mamãe e o papai, tive contando pra eles, e aonde tá então essa mulher, eu digo tá bem ali no lugar do Máximo, dentro da água, então bora vê. Olhe papai achei um pano, dá bem short pra nós, ele disse, mais quando, isso aí tua mãe não vai fazer roupa pra vocês, vou jogar na água, jogamos lá fora o pano e não deixou a mamãe fazer roupa para nós daquele pano, aí nós fomos, chegamos lá não tava mais, já tinha ido a mulher, só eu que vi ela. Digo olhe papai bem aqui ela tava tomando banho. Rapaz, só podia ser encantado, tinha um curador que curava e disse que era encantado, se a mamãe chegasse a fazer pano daquele pano pra nós ia de um por um, o que vestisse o pano ia levar tudinho (Cosmo Cordeiro, Curuçá, 19.04. 2013). Seu Antônio Edmar, morador de Cachoeira Porteira, conhece diversas histórias de encantarias. Uma delas, que tem versões bastante difundidas na região amazônica, refere-se existência de tesouros enterrados: Lá na beira do rio, tem um pé de manga. Também dizem que o pé de manga é mal assombrado, que lá aparecia uma visagem, mas meu filho desmanchou essa visagem. Ele achou três latas cheias de moeda. Sabe quanto deu essas moedas? Dez mil cruzeiros! Naquela época era muito dinheiro... Por exemplo, ali debaixo daquela mangueira, se eu enterrar um ouro em barra lá, enquanto eu for vivo não tem problema nenhum, mas quando eu morrer e não desenterrar ou não der pra ninguém, aquilo vai ficar fazendo misura (Antonio Edmar, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Seu Edmar narra também a aparição de um pretinho na queda da cachoeira: “Era um moreninho. Um dia, esse cara deu um jeito de ficar bem no meio da queda, em pé. Quando a pessoa se aproximava dele, ele pulava. Então, eu fiquei naquela dúvida... isso aí não tem cabimento, pular daquela queda e sobreviver?” (Antonio Edmar, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Dizem que várias pessoas já viram esse tal Pretinho na Cachoeira Porteira: “aquele local aonde o cidadão pretinho apareceu e judiou de um tio meu lá, ele brigou muito com ele, quando foi de manhã ele tava com muita febre, ele acabou morrendo. Meu tio morreu, o irmão da minha avó” (Ivanildo, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Várias histórias envolvendo um “pretinho” são narradas em outras comunidades. Em Curuçá, por exemplo, “enxergavam uns pretinho que aparecia. Ele fazia de doido. Agora pra esse tempo não tem aparecido mais” (Nazeazena, Curuçá, 19.04.2013) A Matintaperera, por sua vez, afugentou caçadores em muitos locais. “A gente não enxerga ela, ela é invisível, ela é invisível igual gás, gás que dá pra cozinhar aquela comida dura, mas a gente não enxerga. Esses bichos são perigosos” – explica Iranilson, do Jamary. Raquel, do Sagrado Coração de Jesus, já ouviu grito da Matinta: “Bom, aquela quando dá um grito, você se mijá. Aquela quando ela dá um brado ‘oooohhhh’... Daneira, bicha perigosa! E é invisível, a gente
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**PA****01****09****13****F1-1****A3**

não enxerga não!” (Raquel Pires, Sagrado Coração, 25.04.2013).

De acordo com o Dicionário do Folclore Brasileiro a Matintaperera é:

Mati, matitaperê; nome de uma pequena coruja, considerada agourenta. Quando, a horas mortas da noite, ouvem cantar o Matitaperê, quem o ouve e está dentro de casa diz logo: “Matinta, amanhã podes vir buscar tabaco”. “Desgraçado” – deixou escrito Max. J. Roberto, profundo conhecedor das coisas indígenas – “quem na manhã seguinte chega primeiro àquela casa, porque será ele considerado como o mati. A razão é que, segundo a crença indígena, os feiticeiros e pajés se transformam nesse pássaro para se transportarem de um lugar para outro e exercer suas vinganças. Outros acreditam que o mati é uma maaiua, e então o que vai à noite gritando agourentamente é um velho ou uma velha de uma só perna, que anda aos pulos” (CASCUDO, 2001, p. 374).

Para afastá-la o caçador ou qualquer outro trabalhador da mata costuma deixar um fumo na raiz de uma árvore, como forma de agrado (presente), pedindo permissão trabalhar sossegado. Caso contrário, a Matinta faz o caçador ficar desnortado, perdido na floresta, e assusta-o com pancadas na sapopema (raiz de grande espessura). Lúcia, no Jamary, conta sobre a Matinta:

Aqui tinha. Diz que aí nessa passagem, porque os fundos daqui é o Erepecu. Ele passa por trás aqui. Aí diz que aí pra dentro tinha uma Matintaperera nessa passagem, que vinha deixar o pessoal na beira, que vários ainda correram dela. Um ano teve um verão grande, aí não sei de onde veio um fogo, não sei se veio do Erepecu, sei que veio esse fogo de lá aí queimou isso aí, essa Matintaperera se acabou. Ela vinha diz que assoviando, batendo o pé, só que não enxergavam, só escutavam a zoada, sentiam que tava perto mas não enxergavam ela. Até chegar na beira, o camarada pegava a canoa, ia embora e desaparecia (Lúcia Clemente, Jamary, 24.04.2013).

A Curupira (diz-se também “o” Curupira) é outro ser que aparece em grande parte das histórias de encantarias contadas pelo quilombolas. Wagley descreve assim este ser da floresta:

Dizem que tem especial predileção pela aguardente e o fumo. Atrai os caçadores para o interior da selva até que se percam sem esperança de regressar. O Curupira imita a voz humana; chama assim o caçador ou seringueiro que acreditando ouvir o chamado de um companheiro, se desvia de seu caminho. (WAGLEY, 1988, p. 235)

Raquel Pires fala da Curupira:

Um compadre meu já me disse que o Curupira é um curumim, tipo um curumim. Ela assobia e ela gosta de judiar das pessoas. Ela faz a pessoa bilé, doida, se variar numa mata, ir atrás dela, tudo isso ela faz. O mato não faz visagem? Que ele faz, e ele faz mesmo! Ainda mas assim, no centro! Hum! O tio do Nilo aí, o Manoel Belardo trabalhava aí no centro aí do Tiririca, aí pro Farias e ele tinha essa conversa com essa tal de Curupira, de levar cachaça pra ela, e ele levava quando ele ia pra lá trabalhar. E ele levava cachaça, chegava lá botava num caco, de coisa de tauarizeiro com aquelas sapopemas grandes, botava debaixo, ele arrumava o caco, derramava cachaça lá e ia embora pro mato. Ela vinha, ele dizia que era ela que vinha beber (Raquel Pires, Sagrado Coração, 25.04.2013).

Ainda sobre a Curupira, dona Nazeazena conta uma história vivida por um sobrinho seu:

Diz que eles faziam, que gritavam: Curupira! Diz que pegavam ela no roçado. Quando iam roçam levavam cachaça, deixavam lá, quando iam ver ela já tinha bebido tudo. Eu tenho um sobrinho que conta. Ele trabalhava aí fazendo um roçado. Diz que toda vez que os homens iam pro roçado eles levam cachaça, deixavam lá. Quando chegavam lá era só a garrafa. Aí ele disse: Você quer

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	--	----	----	----	----	------	----

	saber? Isso é curupira. Vocês levam uma cachaça e levam uma gaiola e deixam lá. Vocês vão achar ela porre. Eles fizeram; deixaram lá a cachaça, quando eles chegaram no roçado, ela tava só, rolando porre, tinha bebido toda a cachaça. Pegaram ela, meteram na gaiola e levaram lá pra casa. Diz que a curupira não encara com a gente, ela só vive de cara abaixada. Diz que... Que eu nunca vi esse bicho, ouço só falar! (Nazeazena Andrade, Curuçá, 19.04.2013). Acontecimentos misteriosos com vários seres considerados encantados vêm se repetindo ao longo do tempo e estão fortemente presentes na memória coletiva e na história oral das comunidades quilombolas, permeando inúmeras narrativas sobre encantarias. Passeando por esse universo sobrenatural percebemos a íntima relação dos quilombolas com os seres da natureza, as formas tradicionais de mostrar respeito a eles, que são transmitidas e garantidas pelas gerações mais velhas por meio de diversas proscricções. Vale destacar a demanda dos territórios Alto Trombetas e Erepecuru para produção de um material paradidático (livro ou caderno) que registre em meio escrito as muitas histórias gravadas durante a pesquisa de campo do INRC.
--	---

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_02m13s.mp3	Nº 391	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_12m37s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_22s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_35m28s.mp3		
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Cosmo-Salgado_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_46m22s_mp3	Nº 385	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg	Nº 436	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Antonio-Carlos-Printes_Jesus-E_Oriximina-PA 22min32seg	Nº 437	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3	Nº 408	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_05m42s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_27m33s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_55s.mp3	Nº 400	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h07m57s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_06m05s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_07m10s.mp3	Nº 420	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivanildo-Carmo-de-Souza_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivanildo-Carmo-de-Souza_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_56m08s.mp3	Nº 398	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Madeira-dos-Santos-Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_45m06s.mp3	Nº 426	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e-Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3	Nº 419	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3	Nº 415	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_01h26m17s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_13m10s.mp3	Nº 429	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Zuleide-Santos_Jesus_E._Oriximina-PA_07-07-2013_25m00s.mp3	Nº 435	Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_28m46s.mp3	Nº 412	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Nelton-Oliveira-de-Figueiredo_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_36m49s.mp3	Nº 431	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Osvaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3	Nº 432	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3	Nº 413	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Antônio Edmar Vieira	Nº 10	Cf. Anexo 4
	Carlos Printes	Nº 20	Cf. Anexo 4
	Cosmo Cordeiro Salgado	Nº 24	Cf. Anexo 4
	Deuzarina Silva	Nº 27	Cf. Anexo 4
	Dilma Salgado	Nº 28	Cf. Anexo 4
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4
	Evaldo Soares	Nº 43	Cf. Anexo 4
	Ivanildo Carmo de Souza	Nº 52	Cf. Anexo 4
	José Madeira dos Santos	Nº 59	Cf. Anexo 4
	José Manoel Guedes de Melo	Nº 60	Cf. Anexo 4
	Josivaldo Salgado de Souza	Nº 66	Cf. Anexo 4
	Maria da Paz Melo dos Santos	Nº 82	Cf. Anexo 4
	Maria Janete da Silva Andrade	Nº 88	Cf. Anexo 4
	Maria Zuleide Melo dos Santos	Nº 97	Cf. Anexo 4
	Natanael Guedes do Nascimento	Nº 103	Cf. Anexo 4
	Neuton Oliveira de Figueiredo	Nº 105	Cf. Anexo 4
	Osvaldo Lopes	Nº 109	Cf. Anexo 4
	Patrício da Silva Souza	Nº 110	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Histórias do tempo do pega-pega			IDENTIFICADO		58
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	“Pega-pega” é o nome dado regionalmente às expedições de aprisionamento ou recrutamento forçado de negros para lutarem na Guerra do Paraguai, que ocorreu entre 1867 e 1870. O tempo do "pega-pega" ainda está muito presente na memória dos remanescentes de quilombos de Oriximiná, que por esta expressão referem-se ao período em que famílias inteiras escondiam-se no mato para não serem capturadas. Eu ainda escutei, quando o pessoal andava. O papai ainda foi desse tempo que andavam se escondendo, que os brancos andavam perseguindo. Quer dizer que ele não era mais do tempo dos brancos que viviam apanhando os preto, já veio esse negócio de pega-pega isso já foi duma revolta dos Pompa que houve, que vinham pegando as pessoas, porque morreu muita gente e tavam pegando os rapazes pra vestir farda, pra fazer de soldado voluntário. Eles andavam assim de buscar, mas eu penso que daqui não levaram ninguém porque se escondiam. Porque quando escutavam um movimento, cada qual pegava o seu, faziam barraca por lá pelo mato e por lá ficavam. O pessoal fazia comida só de noite pra não sair a fumaça. Quando via canoa grande a gente ainda ficava velhaco. Criança do outro tempo, quando chegava assim gente que nem vocês, sem saber quem era. Chegava só o que vinha na frente era um velho que vinha receber, às vezes a velha também. Se tivesse dez, doze, se botava tudo aí pra dentro guardado, você não via a feição de nenhum, nem choro, nada! Era assim que era o sistema. (Ilarindo Corrêa, Tapagem, 25.04.2013). Depois desse acontecimento, os quilombolas ainda passaram um bom tempo temerosos e por isso continuavam se escondendo nas matas.					
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_mosquetao_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1 a 3)			Nº 188	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleucineide-Souza_Sousa_F_Oriximina-PA_25-04-2013_1h21m17s.mp3			Nº 358	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio-outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3			Nº 354	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_07m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_42m47s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_1925s.mp3			Nº 403	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_28m46s.mp3			Nº 412	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Cleucineide dos Santos Souza			Nº 23	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	Ilarindo Corrêa Natividade	Nº 50	Cf. Anexo 4
	Legilda Oliveira dos Santos	Nº 68	Cf. Anexo 4
	Manoel Carvalho dos Santos	Nº 72	Cf. Anexo 4
	Natanael Guedes do Nascimento	Nº 103	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ladainhas				IDENTIFICADO		59
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.			
DESCRIÇÃO	A ladainha é uma forma de expressão tradicional em todos os territórios quilombolas que praticam cultos do catolicismo popular. Ela é rezada nas festas dos santos padroeiros, geralmente durante as procissões e nas celebrações. Alguns moradores de mais idade dizem que antigamente elas eram rezadas em latim. Atualmente, é consenso nas comunidades que só os mais velhos sabem rezar ou “tirar uma ladainha”. Por isso, os sujeitos reconhecidos como bons rezadores de ladainhas são famosos em todas as áreas quilombolas por onde circulam para conduzir as rezas em diversas festividades. No Rio Trombetas, por exemplo, dizem que há dois bons rezadores de ladainha: Seu Duí, que sempre reza as ladainhas da festa do Curuçá, e Seu Máximo, que estava doente na época da pesquisa de campo, mas, mesmo impossibilitado de “tirar ladainha”, deu entrevista sobre sua função: “Eu saía duma festa pra outra. Já saía dessa canoa de santo, de motor de santo, passando pra aquele outro, pra fazer outra reza no outra casa, na outra festa! Mas agora já estou esquecido, já faz ano que não tiramos uma ladainha” (Máximo Cordeiro, Curuçá, 19.04.2013).						
	REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3			Nº 423	Cf. Anexo 2	
		A-Quilombos Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e-Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3			Nº 419	Cf. Anexo 2	
		A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3			Nº 415	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Maximo-Cordeiro_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_29m01s_mp3			Nº 384	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Nilcelena-Cunha_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_14m10s.mp3			Nº 392	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e-Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3			Nº 419	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Ana Neri dos Santos			Nº 6	Cf. Anexo 4		
	José Manoel Guedes de Melo			Nº 60	Cf. Anexo 4		
	Maria da Paz Melo dos Santos			Nº 82	Cf. Anexo 4		
	Máximo Cordeiro			Nº 100	Cf. Anexo 4		
	Nilcelena Cunha da Glória			Nº 106	Cf. Anexo 4		
	Raimundo Vieira			Nº 115	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Lundu				IDENTIFICADO		60
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamarý-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, define lundu como “dança e canto de origem africana, trazido pelos escravos bantos, especialmente de Angola, para o Brasil” (p. 524). Aqui teria absorvido características das danças ibéricas, como o estalar de dedos e a melodia, mantendo-se a base rítmica africana. Ainda segundo Cascudo, o lundu “era bailado de par solto, homem e mulher”, com uma malemolência que está associada a uma das principais características desta dança: a sensualidade do par que, de certa forma, ao dançar, dramatiza a conquista sexual. Nas comunidades quilombolas de Oriximiná o lundu é uma das expressões mais antigas e, até hoje, é a principal referência local, quando se trata de danças tradicionais. Chamada também de landu, landum ou lundum, ela é bastante conhecida até mesmo pelos moradores mais jovens e atualmente faz parte das atrações nas festas dos padroeiros das comunidades e nos festivais juninos das escolas. As moças dançam de saia longa e rodada, e os rapazes de calça comprida. Na comunidade do Abuí, a dança é organizada pelas professoras e pela servente da escola Tancredo Neves. Aqui no Abuí ela é formada por pares e a gente dança em roda, assim. Começa, o cavalheiro puxa a dama. Ele faz um sinal, que é a palma, e sai dançando como se fosse um desafio pra dama, e a dama vai no centro e começa a dançar. É um desafio, na verdade, e não deixa de ser sensual também. Aí fica dançando. Até, antes de terminar tudo, a pessoa que canta diz que tá terminando ou o cavalheiro tem que levar a dama até a frente da pessoa que vai... O cantador, na verdade, aí vai saindo e é mais ou menos assim. E é o mais tradicional aqui no Abuí (Cleuciana, Abuí, 24.04.2013). Dona Maria Salgado, que dançava muito o lundu nas festas antigas, rememora a sensualidade da dança: “O cavalheiro sai, a senhora sai também. Primeiro, quem sai são os cavalheiros. Quando não, é a dama pra cá, e ele pr’ali. O homem vai se defendendo até se embrulhar ali” (Maria Salgado, Juquirizinho, 19.04.2013). Os passos representam um jogo de sedução, até que a mulher se deixa conquistar pelo homem, depois de muito dançarem: “Quando para, aqueles que cansam saem e aí entram outros dois. Aí, quando cansam aqueles dois, entram outros dois. E vai rodando, até quando cansar e eles param” (Antônia Pereira, Jamarý, 19.04.2013).						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_lundu_são-joaquim_Nazareth_Oriximina-PA_11-05-2013.jpeg (1 a 5)				Nº 259	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio-outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3				Nº 354	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3	Nº 423	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Antonia-Santos_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_36m14s_mp3	Nº 381	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Benedita-Oliveira_Sousa_F_Oriximina-PA_08-05-2013_28m23s.mp3	Nº 399	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista_Miro_Sousa_F_Oriximina-PA_54min49seg	Nº 438	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_23-04-2-13_54m49s_mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_24-04-2013_05m27s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_24-04-2013_45m30s-45m302.mp3	Nº 357	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_05m42s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_27m33s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_55s.mp3	Nº 400	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3	Nº 408	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lucila-Vieira_Jesus-E_Oriximina-PA_06-05-2013_24m44s.mp3	Nº 428	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Margarida-Souza-Almeida_Jesus-E_Oriximina-PA_11-05-13_59m56s.mp3	Nº 411	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Silva-Salgado_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h11m16s.mp3	Nº 378	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h15m34s.mp3 A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_02m34s.mp3	Nº 417	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3	Nº 364	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Aloisio Silvério dos Santos	Nº 3	Cf. Anexo 4
	Ana Maria Vieira dos Santos	Nº 5	Cf. Anexo 4
	Antônia Pereira dos Santos	Nº 7	Cf. Anexo 4
	Benedita Oliveira	Nº 16	Cf. Anexo 4
	Claudomiro Colé Viana	Nº 21	Cf. Anexo 4
	Cleuciana dos Santos Souza	Nº 22	Cf. Anexo 4
	Dilma Salgado	Nº 28	Cf. Anexo 4
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	Lucila Vieira	Nº 70	Cf. Anexo 4
	Margarida Souza Almeida	Nº 80	Cf. Anexo 4
	Maria da Silva Salgado	Nº 83	Cf. Anexo 4
	Raimunda de Aguiar Viera	Nº 112	Cf. Anexo 4
	Raimundo Printes do Carmo	Nº 114	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Maçariquinha				IDENTIFICADO		61
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Tapagem, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	Seu Aluísio dançava a maçariquinha nas festas antigas, mas não foram encontrados registros ou descrições da dança.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio-outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3				Nº 354	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Aloisio Silvério dos Santos				Nº 3	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Mazurca				IDENTIFICADO		62
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	A mazurca é uma antiga dança de origem polaca. Desconhece-se o contexto de introdução dessa dança nas comunidades quilombolas de Oriximiná, mas o fato é que ela é apontada como uma expressão tradicional local, sobretudo pelas pessoas mais idosas, que a nomeiam com variações linguísticas do termo “mazurca”: mazungue, mazuca, mazunga, mazuga. Dona Nazeazena afirma que a mazurca era uma dança muito importante nas comunidades negras: “É uma dança importante. Era! Não sei nem lhe contar como era, porque só se a senhora visse dançar” (Nazeazena, Curuçá, 19.04.2013). Hoje, porém, das danças antigas a mazurca é a menos conhecida e quase nunca é executada: “Olha essa dança, aqui o pessoal pouco sabe. Ela é uma dança que é de par também” (Dometilo Xavier, Tapagem, 25.04.2013). Como diz Seu Dometilo, trata-se de uma dança de salão executada por pares, com passos marcados em compasso ternário. A mazuga você tem que agarrar o braço da dama e você fica por trás dela. Agora, se você vier aqui, o pé tem que vir todo tempo junto do dela. Trocou, ela já passou pra cá. Você é do mesmo jeito, então dança por trás. Essa dança aí a minha irmã é que é profissional, a Maria Raimunda (Dometilo Xavier, Tapagem, 25.04.2013). Conhecido na comunidade da Tapagem como exímio dançarino, Dometilo costumava frequentar muitas festas nas comunidades quilombolas e, desde garoto, acompanhava suas primas por saber dançar muito bem. Dona Maria Salgado é outra que relembra com saudade os tempos em que dançava a mazurca nas festas de santo: “A mazuca é marcada. Olha, a senhora agarrou a dama, aí já roda pra cá assim, vai o homem, bate três vezes, a mulher bate três vezes, três vezes da esquerda, três vezes da direita, daí roda. É assim!” (Maria Salgado, Juquirizinho, 19.04.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio-outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3				Nº 354	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Antonia-Santos_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_36m14s_mp3				Nº 381	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Benedita-Oliveira_Sousa_F_Oriximina-PA_08-05-2013_28m23s.mp3				Nº 399	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Margarida-Souza-Almeida_Jesus-E_Oriximina-PA_11-05-13_59m56s.mp3				Nº 411	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Silva-Salgado_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h11m16s.mp3	Nº 378	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Aloisio Silvério dos Santos	Nº 3	Cf. Anexo 4
	Antônia Pereira dos Santos	Nº 7	Cf. Anexo 4
	Benedita Oliveira	Nº 16	Cf. Anexo 4
	Dometilo Xavier	Nº 30	Cf. Anexo 4
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4
	Margarida Souza Almeida	Nº 80	Cf. Anexo 4
	Maria da Silva Salgado	Nº 83	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Músicas de pau e corda (usa-se também a expressão “festa de pau e corda”)				IDENTIFICADO		63
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Boa Vista, Moura, Jamary-Último Quilombo, Erepecuru, Trombetas, Água Fria, Cachoeira Porteira.		
DESCRIÇÃO	As músicas de pau e corda eram tocadas nas antigas festas de santo, também denominadas de festas de pau e corda e festas de ramada. A expressão <i>de pau e corda</i> designava os instrumentos confeccionados artesanalmente pelos próprios quilombolas, com produtos retirados da floresta (madeiras, couros e fibras), e utilizados naquelas festas. Os instrumentos eram basicamente violão, violino, tambor, banjo, bumbo e reco-reco. Na comunidade do Jauary ainda se pode encontrar artesãos que confeccionam instrumentos de pau e corda.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s				Nº 418	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m45s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m51s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_32m01s.mp3				Nº 422	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Silva-Salgado_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h11m16s.mp3				Nº 378	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Nelton-Oliveira-de-Figueiredo_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_36m49s.mp3				Nº 431	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Altino Régis de Melo				Nº 4	Cf. Anexo 4	
	Antônia Pereira dos Santos				Nº 7	Cf. Anexo 4	
	Carlos de Jesus Macaxeira				Nº 19	Cf. Anexo 4	
	Claudomiro Colé Viana				Nº 21	Cf. Anexo 4	
	Cleuciana dos Santos Souza				Nº 22	Cf. Anexo 4	
	Edith Printes				Nº 35	Cf. Anexo 4	
	Josivaldo Salgado de Souza				Nº 66	Cf. Anexo 4	
	Maria da Silva Salgado				Nº 83	Cf. Anexo 4	
	Neuton Oliveira de Figueiredo				Nº 105	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Músicas dos quilombos				IDENTIFICADO		64
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Espírito Santo, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	São chamadas “músicas dos quilombos” as composições feitas e cantadas pelos próprios moradores das comunidades quilombolas de Oriximiná para animar suas festas, apresentações culturais, reuniões, assembleias e outros momentos de encontro. Os compositores locais mais conhecidos são Colé e Mimi Viana, Daniel de Souza e José Lopes. Alguns já chegaram, inclusive, a gravar CDs. Seu José Lopes fez uma música em homenagem aos castanheiros, com o seguinte trecho: Quando chegava na safra O povo se juntava em um barracão Para fazer uma festa Isso era o costume da região Não precisava de som Nem tão pouco de bebida Música era violinho com banjo E tambor com couro de guariba Tudo por causa da fruta Da castanha (....) Gênero considerado Vendido aprovado Pro meio de vida Ei castanheiro Cadê o tempo bom que não volta mais Ainda hoje me vem na lembrança Meu tempo de infância dos castanhais Ei castanheiro Cadê a castanha de nossa terra Nossa safra devia ser melhor Se o povo ficasse uma safra sem Guerra Edilena da Silva, moradora do São Joaquim, no território Erepecuru, enfatiza que durante todo o primeiro dia de festejo do santo padroeiro de sua comunidade só se tocam e dançam as “músicas dos quilombos” a fim de valorizar e fortalecer a identidade e a cultura local: O Centro é lá no Jauary, que é chamado pau e corda. O nome da banda é Pau e Corda, então, é tudo manual, com coisas mesmo da nossa região, e as músicas cantadas também são músicas nossas, criadas pelos nossos compositores quilombolas. Então é aquela festa toda, todo mundo dança, se diverte com a nossa música local (Edilena da Silva, São Joaquim, 10.05.2013). Para exemplificar, Edilena canta versos de algumas músicas que descrevem o modo de vida dos remanescentes de quilombos de Oriximiná: Meus avós foram escravos e fugitivos Construíram famílias E por esse motivo Tenho sangue e não nego minha geração Eu já vivi muito tempo nas Cachoeiras Vivendo entre índios Dormindo em maqueiras em sua morada em forma de pião. Índio enfeita seus corpos com pluma e miçanga						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	----	----	----	----	------	----

	Mulheres e filhos vestidos de tanga Seu ritmo de danças com flecha na mão Eu já vivi muito tempo com a natureza Ficava encantado com sua beleza Trago comigo e não esquecerei. Hoje eu vivo no mundo tão diferente Não vejo a origem da vida da gente Mas vejo ciência que nunca sonhei. xxxxx Violão desprezado deixado no canto Eu não esqueço não por que é meu irmão (2x) Quando Miraci ouvir o Natinho cantar Ela vai chorar Ela vai chorar Ede mim vai lembrar. Xxxxx Lalaiê, laiê (4x) Eu sou filho desse rio São Joaquim é meu lugar Eu sou negro organizado A cultura vou mostrar Na Pancada tem balanço São Joaquim vai mostrar Afro Espírito Santo é pastorinha Jauary Aiuê Lalaiê, laiê (8x). xxxxx Seu Mimi Viana, quilombola residente no território Alto Trombetas, canta as dificuldades de sobrevivência dos negros depois da criação das Unidades de Conservação que restringiram o acesso aos recursos naturais tradicionalmente explorados: Nós somos camponeses desapropriados Deixamos a choupana, o plantio, o roçado E não tivemos nada em compensação Como podemos viver não tendo condição? Quanto tempo nós vivendo nessas terras Tudo que vimos é cria da natureza Somos nativos nesse mundo do Senhor Que ao criar seus filhos presenteou esta beleza Hoje não temos direito na criação Como podemos viver não tendo condição? Quando eu me lembro que confiamos muitas vezes Na esperança desse mundo melhorar Chegou a hora em que fomos jogados fora E não sabemos quem poderemos chamar Quantas promessas no dia das eleições Como podemos viver não tendo condições? Comprei um livro, lendo, me falou de INCRA Passei três dias pra aprender a pronunciar Me perguntou se eu conhecia a reforma agrária Que divide terras pra gente cultivar Também falou-me do poder da escravidão Como podemos viver não tendo condição?
--	---

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_01m31s.mp3	Nº 401	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos_Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_03m10s.mp3		
	A-Quilombos_Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_45s.mp3		
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg	Nº 436	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Edilena da Silva Souza	Nº 32	Cf. Anexo 4
	Julia Marcia Guedes do Nascimento	Nº 67	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Quadrilha				IDENTIFICADO		65
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Junho	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas			
DESCRIÇÃO	A dança da quadrilha encerrava as antigas festas de santo nas comunidades quilombolas. Ela era executada ao som das músicas dos instrumentos de pau e corda, e todos os passos eram bem marcados, sob o comando do marcador, conforme ilustra Dona Maria Salgado: Quadrilha, tudo tem um passo. A senhora faz aquela roda, né? Aí o marcador vai dizendo, aí só vai fazendo o que ele marca: Paneiro na costa dobra! Uma porção de coisa... Esquerda roda! O marcador, marcando, a gente já tá certo! Ah, mas eu gostava muito de dançar quadrilha! Eu me oferecia quando via formarem quadrilha. Eu queria dançar com o marcador quando era o Seu Dico. Pode ficar certa que nós vamos dançar! (Maria da Silva Salgado, Juquirizinho, 19.04, 2013). Hoje a quadrilha é feita principalmente nos festivais juninos, como uma dança de pares cujos passos continuam sendo comandados pelo marcador.						
REGISTROS	F-Quilombo-Oriximina_ensaio_quadrilha_escola_abui_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg (1 a 4)			Nº 54	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio-outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3			Nº 354	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3			Nº 423	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_05m42s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_27m33s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_55s.mp3			Nº 400	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Julia_Nascimento-e-outros_Jesus_E_Oriximina-PA_10-05-2013_39m36s.mp3			Nº 409	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Silva-Salgado_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h11m16s.mp3			Nº 378	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3			Nº 413	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Suani-da-Silva-Cruz-e-Ilda-Rosiane_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_29m15s.mp3			Nº 433	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Aloisio Silvério dos Santos			Nº 3	Cf. Anexo 4		
	Ana Maria Vieira dos Santos			Nº 5	Cf. Anexo 4		
	Dilma Salgado			Nº 28	Cf. Anexo 4		
	Julia Marcia Guedes do Nascimento			Nº 67	Cf. Anexo 4		
	Maria da Silva Salgado			Nº 83	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	Patrício da Silva Souza	Nº 110	Cf. Anexo 4
	Rosiane Lopes de Figueiredo	Nº 117	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Valsa				IDENTIFICADO		66
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.			
DESCRIÇÃO	A valsa é um gênero musical surgido na Europa, provavelmente no século XVII, na Áustria e na Alemanha (de onde vem o termo <i>Walzer</i>, do qual se derivou a palavra valsa). As valsas foram muito tocadas nos salões de Viena e se consagraram entre as elites aristocráticas europeias. O gênero musical e a dança foram trazidos para o Brasil pela corte portuguesa, quando de sua transferência ao país, em 1808. Logo a valsa caiu no gosto da elite colonial e, de acordo com o <i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i>, de Câmara Cascudo, “veio a divulgar-se no Brasil durante fins do 1º Império e período regencial, justamente quando Paris inteiro a consagrava, 1830 e seguintes” (p. 899). Durante toda a segunda metade do século XIX teve grande aceitação nos principais salões de dança do Rio de Janeiro e até nas festas do interior do país. Nos quilombos de Oriximiná a valsa é tida como uma das danças mais tradicionais, que costumava ser muito apreciada nas festividades locais, embora tenha caído em desuso e seja pouco conhecida pelos jovens. Os mais idosos até hoje se alegram quando têm oportunidade de dançar valsa nas festas “culturais”. Na comunidade do Abuí, por exemplo, toca-se valsa no final da festa e “a velha guarda vai para o meio do salão e começam a dançar, e tem uns jovens que já sabem um pouco dançar valsa” (Cleuciana, Abuí, 24.04.2013). A valsa é tradicionalmente executada por pares que estão enlaçados pelos braços, com movimentos amplos, elegantes e românticos. Nos quilombos “também, você só dança valsa antiga com par. Tira seu par pra você dançar” (Antônia Pereira, Abuí, 19.04.2013).						
	REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3			Nº 423	Cf. Anexo 2	
		A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Antonia-Santos_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_36m14s_mp3			Nº 381	Cf. Anexo 2	
		A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_23-04-2-13_54m49s_mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_24-04-2013_05m27s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina-PA_24-04-2013_45m30s-45m302.mp3			Nº 357	Cf. Anexo 2	
		A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3			Nº 408	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Margarida-Souza-Almeida_Jesus-E_Oriximina-PA_11-05-13_59m56s.mp3			Nº 411	Cf. Anexo 2		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h15m34s.mp3 A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_02m34s.mp3	Nº 417	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Ana Maria Vieira dos Santos	Nº 5	Cf. Anexo 4
	Antônia Pereira dos Santos	Nº 7	Cf. Anexo 4
	Cleuciana dos Santos Souza	Nº 22	Cf. Anexo 4
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4
	Margarida Souza Almeida	Nº 80	Cf. Anexo 4
	Raimunda de Aguiar Viera	Nº 112	Cf. Anexo 4

2.4. LUGAR

Reproduzir tabela se necessário.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Barracão de Pedra				IDENTIFICADO		67
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	Denomina-se Barracão de Pedra uma formação rochosa alta e curiosa, que se eleva numa área determinada do leito do Rio Erepecuru (que é, todo ele, margeado por esse tipo de paredão de rochas) e que chamou a atenção de Henri Coudreau já em 1899. Segundo o viajante, tratava-se de um lugar de encontros de negros, onde eles faziam festas e orgias animadas ao som de tambores e cantorias. Mas, para os quilombolas do território Erepecuru ele é tido como um lugar sagrado, que guarda muitos mistérios. Com alguma frequência o Barracão de Pedra recebe visitantes, inclusive quilombolas de outras áreas que desejam conhecê-lo, mas isso só é possível durante o período seco do verão, pois durante a cheia do Rio Erepecuru ele fica, em grande parte, submerso. Justamente por esse motivo não foi possível visitá-lo durante o trabalho de campo realizado na área. Logo na entrada do Barracão de Pedra, segundo a descrição dos moradores, existe um desenho de um coração com a imagem de Jesus Cristo, ao qual se referem como o Sagrado Coração de Jesus. Dentro dele existe um local que os moradores designam como Curral de Pedra, que é considerado encantado (Ver item nº 75).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3				Nº 415	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3				Nº 413	Cf. Anexo 2	
	Maria da Paz Melo dos Santos				Nº 82	Cf. Anexo 4	
	Patrício da Silva Souza				Nº 110	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cabeceira do Assombrado				IDENTIFICADO		68
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Jarauacá, Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	A Cabeceira do Assombrado fica no território Trombetas, na comunidade Jarauacá, e é considerada pelos moradores como um local <i>visagento</i>, como o próprio nome sugere, onde se via uma grande cobra jiboia. É um nome antigo que veio. Segundo o que eles diziam, lá nesse lugar, nesse igarapezinho, que é uma cabeceira que sai um igarapé, de lá saía uma jiboia de lá. Saía uma jiboia e essa jiboia era uma jiboia grande! Aí, depois que essa jiboia saiu de lá, os que moravam lá por perto ficavam assim, meio assombrados de ver aquele bicho ter saído de lá. E aí acabou pegando esse nome de assombrado lá na cabeceira (Osvaldo Lopes, Jarauacá, 07.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Osvaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3				Nº 432	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Osvaldo Lopes				Nº 109	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cachoeira Cair dos Pretos				IDENTIFICADO		69
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Cachoeira Porteira, Território Cachoeira Porteira			
DESCRIÇÃO	Cair dos Pretos é uma cachoeira que fica no Rio Cachorro, no Alto Trombetas. Ela foi um lugar de refúgio dos negros que fugiam da escravidão. Cair dos Pretos, que na época que os pretos andavam de rebolada com medo dos brancos, e aí eles saíram numa cachoeira por nome Camonani, de água baixa, baixando, né?! Então os brancos, eles vinham até aqui. Daqui eles iam pra cidade, rolava tudo por aí procurando os negros. Na época eles tinham uma tal de candeia, eram os escravos, que eles faziam aqueles escravos porem aquele fogo na mão, breu quente. E era assim! Então, eles tinham medo dos brancos, eles andavam corridos (Raimundo Vieira da Costa, Cachoeira Porteira, 01.05.2013). Ivanildo, morador da Cachoeira Porteira, alega que o nome da cachoeira “Cair dos Pretos” não reflete o fato histórico que teria marcado o lugar. Segundo ele, foram os brancos que caíram da cachoeira durante uma expedição de busca dos negros fugidos: Tem o nome da cachoeira de Cair dos Pretos, mas na verdade não foi os pretos. Os pretos armaram pros portugueses pra cair lá, porque o cansaço já tava tão grande de correr, de fugir, aí eles armaram uma história que era pros brancos caírem lá. Diz a história que não escapou nenhum da queda d'água. Era alta e o bote não escapou nenhum, caiu lá e morreu todos, mas o nome tá Cachoeira do Cair dos Pretos. (Ivanildo, Cachoeira Porteira (02.05.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Vieira-da-Costa_Carvalho-L_Oriximina-PA_01-05-2013_33s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Vieira-da-Costa_Carvalho-L_Oriximina-PA_01-05-2013_36m31s.mp3				Nº 393	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivanildo-Carmo-de-Souza_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivanildo-Carmo-de-Souza_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_56m08s.mp3				Nº 398	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ivanildo Carmo de Souza				Nº 52	Cf. Anexo 4	
	Raimundo Vieira da Costa				Nº 116	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cachoeira do Chuvisco				IDENTIFICADO		70
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	A Cachoeira do Chuvisco é uma queda d'água de 26 metros projetada dentro de uma gruta no alto curso do Rio Erepecuru. Acessível a partir da comunidade da Pancada, por uma trilha na floresta que pode ser percorrida de moto e a pé (cerca de duas horas de caminhada). Atração turística do território Erepecuru, é um local de banho frequentado por quilombolas e visitantes.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3				Nº 413	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edna Maria dos Santos				Nº 36	Cf. Anexo 4	
	Patrício da Silva Souza				Nº 110	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Cachoeira do Ventilado				IDENTIFICADO		71
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Território Erepecuru			
	Queda d'água de grande beleza, acessível por trilha na mata a partir do centro da comunidade da Pancada. Atração turística do território Erepecuru, é um local de banho frequentado por quilombolas e visitantes externos.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_ventilado_pancada_Nazareth_Oriximina-PA_11-05-2013.jpeg (1 a 22)				Nº 245	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edna Maria dos Santos				Nº 36	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cachoeira Pancada				IDENTIFICADO		72
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Pancada, Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	A Cachoeira Pancada fica no alto curso do Rio Erepecuru, num trecho de lajeiros e corredeiras. Ela é o ponto limite para quem navega a montante do rio, pois a partir daí só transitam pequenas embarcações. É um lugar de rara beleza, que atrai turistas interessados em aventuras e trilhas pela floresta. Pouco abaixo da cachoeira situa-se a comunidade da Pancada, remanescente de quilombos. Conta-se que acima da Pancada existiram mocambos em que os negros fugidos eram apoiados pelos índios. No século XIX, o Padre José Nicolino teria chegado a contatá-los durante sua expedição missionária pelo Alto Trombetas. ...feitos os preparativos e tendo mais a companhia de alguns negros da localidade que se dispuseram a segui-lo na viagem, a expedição subiu o Rio Trombetas, seguindo o itinerário traçado pelos Missionários da Companhia de Jesus, entrando pelo Cuminá ate o Rio Erepecuru e por este continuou a viagem ate encontrar a Cachoeira da Pancada. Dai em diante, seguindo a trilha do rio e transpondo outras cachoeiras chegaram ao Igarapé chamado Santa Luzia em cujas imediações estava formado o Mocambo Santa Luzia, e mais acima ainda, depois da Cachoeira do Mel, encontraram o Mocambo do Torino. Nesse primeiro contato os negros escravos disseram ao padre que tinham relações de amizade com os índios Pianacotos, habitantes da região, e que com eles já haviam feito excursões pela floresta, atravessando os campos gerais e chegando ate a vertente meridional do Tumucumaque, onde os holandeses de Suriname costumavam vir ao encontro deles (índios) para comerciar. Fonte: http://www.espocabode.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=71:fundacao-de-oriximina&catid=36:noticias&Itemid=61 acessado em 28 de dezembro de 2013						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_paisagem_pancada_Nazareth_Oriximina-PA_10-05-2013.jpeg (1 a 12)				Nº 243	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Patrício da Silva Souza				Nº 110	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cachoeira Porteira			IDENTIFICADO		73
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Cachoeira Porteira, Território Cachoeira Porteira		
DESCRIÇÃO	As cachoeiras são, de modo geral, lugares de grande importância histórica para a formação dos mocambos de Oriximiná. Foi principalmente no alto das cachoeiras que se fixaram e reproduziram, em relativa segurança, os grupos de negros aquilombados que fugiram das fazendas de cacau e café. Nelas os “negros estabeleceram sua primeira base territorial, a menos atingível, mantida em segredo ante os estranhos” (ACEVEDO; CASTRO, 1990, p. 93). A Cachoeira Porteira, especialmente, tem um significado histórico especial. Primeira cachoeira do Trombetas, batizada pelo missionário franciscano, Mazzarino, de São Miguel Arcanjo, e conhecida também como Vila dos Pretos, Cachoeira Porteira foi a passagem de fuga da escravidão para a liberdade, o lugar que serviu de abrigo para os negros, no leito das águas, das pedras e da mata: Justamente por isso, porque se tornou um portão, eles subiam no remo, e quem vinha atrás vinha na vela e jamais ia conseguir subir a cachoeira. E, como eles falam, lá do alto do Turuna a gente conseguia enxergar quem subia. Então, é a cachoeira que é a porteira, e taí a cachoeira batizada de Cachoeira Porteira! (Sebastiana, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Foi acima da Cachoeira Porteira, com ajuda dos índios Kaxuyana, que se instalaram as primeiras famílias de negros fugidos no Rio Trombetas. Somente após a abolição da escravatura é que os negros começaram a baixar o rio e a estabelecer comunidades nas chamadas “águas mansas”. Este período é conhecido como “descenso”. Foi também na Cachoeira Porteira que na década de 1980, na época de organização do movimento quilombola de Oriximiná, os negros realizaram um manifesto contra o projeto de instalação de uma usina hidrelétrica no Alto Trombetas. Quando o Governo Federal quis construir a hidrelétrica da cachoeira Porteira, nós criamos um grupo contra a barragem, começamos a nos organizar. Fomos apoiados pela Igreja Católica, por um grupo de missionários do Verbo Divino. Porque as nossas comunidades iam desaparecer: Tapagem, Sagrado, Mãe Cué... Tudo isso ia desaparecer. E aí? Pra onde eles iriam? E aí foi que começamos a fazer o nosso movimento. Graças a Deus foi um movimento de nível nacional, até internacional. Daí surgiu a ARQMO. (Ormezinda dos Santos Souza. Entrevista concedida em 17.07.12).					
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Sebastiana-Ribeiro_Sousa-F_Oriximina-PA_02-05-2013_02h36m54s			Nº 394	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Sebastiana da Silva Ribeiro			Nº 120	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Campos Gerais				IDENTIFICADO		74
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Campos Gerais		
DESCRIÇÃO	Os Campos Gerais correspondem a um bioma muito particular na Amazônia, caracterizado por uma vegetação composta de herbáceas, gramíneas e arbustos pequenos e esparsos. Segundo Seu Waldemar Santos, morador da Cachoeira Porteira, nos campos o que mais existe são uns “capins que soltam um pico [coceira] muito ruim, muito feio”. Ambicionados para criação de gado, extração de minério e cultivos agrícolas, os Campos Gerais motivaram diversas expedições exploratórias empreendidas por viajantes estrangeiros (a exemplo do casal Henri e O. Coudreau, que tentaram alcançá-los através dos rios Maicuru, Trombetas e Cuminá) e pelo governo brasileiro, desde pelo menos o século XIX. O próprio Padre José Nicolino, considerado o fundador de Oriximiná, realizou expedições missionárias pelo Alto Trombetas com a finalidade de, além de evangelizar os nativos, encontrar os tais Campos Gerais. Quando fazia seus estudos teológicos no Seminário de Aire, José Nicolino teve a oportunidade de conhecer alguns manuscritos que lhe foram mostrados pelo Padre Reitor desse educandário, redigidos em Latim pelos Missionários da Companhia de Jesus, onde estava registrado o itinerário de uma expedição exploradora feita desde o Orenoco até o Prata. Esse documento dava notícia da existência de extensos campos naturais ao Sul da Cordilheira de Tumucumaque, muito propícios ao desenvolvimento da criação de gado. Há quem mencione também os vestígios de indicações sobre a existência de uma Igreja de ouro maciço, em algum ponto do itinerário traçado pelos exploradores, na parte mais densa da floresta que se entende entre o vale do Cuminá e a faixa de terras que demanda aos Campos Gerais. Mas, pelo que se sabe o Padre José Nicolino nunca revelou o conhecimento dessa notícia. [...] Em junho de 1877, o jovem Padre, sabedor da existência dos grandes mocambos espalhados pelo extenso Vale do Trombetas e seus afluentes, onde viviam há muito tempo os negros escravos fugidos provavelmente de Gurupá e do Xingu, decidiu, então lançar-se em aventura por essas terras desconhecidas com a intenção de pregar a mensagem do evangelho entre os seus habitantes além, naturalmente, de tentar desbravar a inóspita região em busca dos tais campos gerais de que tivera notícia na França. Era o dia 12 de junho, desse ano de 1877, quando Jose Nicolino chegou a parte de terras firmes, na margem esquerda do Rio Trombetas, em frente à foz do Rio Nhamundá. Fonte: http://www.espocabode.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=71:fundacao-de-oriximina&catid=36:noticias&Itemid=61 acessado em 28 de dezembro de 2013 As dificuldades para acessar os Campos Gerais são enormes e imputaram fracassos à grande parte dos viajantes. Entre outros desafios, para chegar a eles é preciso desbravar a floresta densa e subir rios encachoeirados que não se pode navegar em muitos trechos, obrigando o viajante a arrastar a embarcação e as cargas de viagem por consideráveis trechos de terra. Mas o Padre José Nicolino pôde concretizar seu objetivo após contatar os negros aquilombados no alto curso do Erepecuru, que mantinham relações próximas com os índios Pianacótos e já haviam sido guiados por eles através dos Campos Gerais até o Tumucumaque. Animado com essa notícia e tendo como guias dois negros do Mocambo, o Padre e sua comitiva continuaram a caminhada até que alcançaram uma parte						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	----	----	----	----	------	----

	de planície que se estendia em todas as direções até perder de vista. Admirado com aquela vastidão de terras de escassa vegetação, mas de muita fartura em pastagens que pareciam não ter fim, José Nicolino pode então comprovar a exatidão da descrição contida no manuscrito dos missionários. Chegara finalmente aos campos gerais. Fonte: http://www.espocabode.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=71:fundacao-de-oriximina&catid=36:noticias&Itemid=61 acessado em 28 de dezembro de 2013 As pressões socioambientais sobre os Campos Gerais têm crescido a cada ano. Recentemente o Senador Flexa Ribeiro encaminhou o Projeto de Lei do Senado nº 626, de 2011, visando a autorizar e regulamentar “o cultivo sustentável da cana-de-açúcar nos biomas Cerrado e Campos Gerais situados na Amazônia Legal”. Em 2012 o Senador Mozarildo Cavalcanti foi relator de um parecer favorável ao PL 626/2011, que em 14 de maio de 2013 acabou sendo aprovado pela Comissão de Meio Ambiente do Senado, por cinco votos a dois. Enquanto se debate o polêmico projeto, que ainda passará por análise na Câmara dos Deputados, a Agropecuária Jayoro Ltda. (fornecedora de matéria-prima para a Recofarma Indústria do Amazonas Ltda., subsidiária da multinacional Coca-Cola), empresa sediada em Presidente Figueiredo/AM e que desenvolve a cultura da cana-de-açúcar em campos da Amazônia há quase 20 anos, já vem sendo alvo de denúncias à Justiça Federal e ao Ministério Público por causar danos ao meio ambiente e à saúde pública (www.amazoniareal.com.br). Para muitos analistas, a liberação do plantio de cana nos Campos Gerais significará mais desmatamento e prejuízos ambientais, além de pressões sociais que advirão da intensificação da ocupação na região. Os Campos Gerais são relativamente distantes das comunidades quilombolas de Oriximiná, mas muitos caçadores do alto dos rios Trombetas e Erepecuru os visitavam. Como nós ia? Pra cá pros campos, nós ia de avião e ficava lá. A primeira vez que nós subimos pra lá nós fomos de lancha, nós fomos numa lancha de motor 190. A carga que nós levava era três homens e um lanchista. Nós corria, abastecia a lancha pra correr o que desse até quando o lanchista não tava mais enxergando. Aí nós parava e aí o helicóptero vinha e aterrissava. O combustível ia no helicóptero. Aí nós fomos, fomos, fomos daí da Cachoeira Porteira lá no Campos nós tiramos quarenta e oito dias, daí lá. Aqui nesse rio, eu fui no fim dele, onde ficava escorrendo a água assim por baixo do mato, no fim desse rio, onze meses eu passei lá andando. É... Campos Gerais. Lá tem esse gado búfalo, muita quantidade, tinha nesse tempo (José Madeira dos Santos, Arancuan de Baixo, 06.05.13). O que lhes chamava a atenção era, sobretudo, a vegetação do lugar, muito diferente da cobertura vegetal das áreas florestadas em que costumavam viver e trabalhar. A beleza do que encontrou por lá encantou Seu Silas, morador da comunidade do Araçá, no território Erepecuru. Esses Campos Gerais a gente calcula uma faixa de uns oitenta quilômetros [de distância]. Os Campos Gerais são campos nativos que têm coisas bonitas da natureza ali. Você vê formas ali como se fosse uma cidade de pedras. De repente você acha que foi um monumento derrubado ali, sabe? Muito legal. E é onde tem matos baixos, caatingas e uma parte assim de campo mesmo, uma vegetação muito bonita. Bom, tem uma área de mato mais alto, como se fosse um prado muito bonito, e uma vegetação baixa. Muito bonito. E lá eu acho que deveria ser montado, ser reconhecido como um sítio arqueológico lá, porque é muito legal e muito bacana. Conversando com um pessoal que trabalhava lá na Casa da Cultura, ele falou que foi lá nos Campos e trouxe algumas coisas de lá
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	muito bonitas. Ele falou sobre artefatos, então com certeza tem uma história aquilo. Tem história ali... Quando você vê umas pedras que aproximam de duzentos e cinquenta, trezentos quilos, uma em cima da outra e tudo cercado, aí: 'Pera lá!' (Silas Viana Gomes, Araçá, 11.05.13).				
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Madeira-dos-Santos-Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_45m06s.mp3	Nº426	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Silas-Gomes_Jesus_E_Oriximina-PA_11-05-2013_04m31s A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Silas-Gomes_Jesus_E_Oriximina-PA_11-05-2013-32m50s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Silas-Gomes_Jesus_E_Oriximina-PA_11-05-2013-32m50s.mp3	Nº414	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	José Madeira dos Santos	Nº59	Cf. Anexo 4		
	Silas Viana Gomes	Nº 122	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Curral de Pedra				IDENTIFICADO		75
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	É uma formação rochosa considerada encantada, misteriosa, que é encontrada dentro do Barracão de Pedra (item nº 67). Embora fiquem no mesmo lugar (isto é, o curral fica na área do barracão), são tratados pelos quilombolas como lugares diferentes. Dizem que quando alguém retira uma pedra do Curral de Pedra, mesmo que a leve para casa, por exemplo, misteriosamente ela retorna para o lugar e a pessoa que praticou tal atitude de alguma forma é perseguida ou “assombrada”, e assim recebe o aviso para que nunca mais o faça.						
REGISTROS	A-Quilombos						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igarapé São Pedro				IDENTIFICADO		76
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	O igarapé São Pedro fica no território Erepecuru e é tido como um lugar visagento. Segundo Dona Deuzarina Silva, moradora da comunidade Espírito Santo, “se passar muito tarde da noite a gente vê estarem tipo fazendo café, e fazem no fundo”. Conta-se na localidade a história de um caçador que atirou numa paca “aí no São Pedro” e, quando foi se aproximando dela, “focou a lanterna na paca e quando chegou lá em cima dela, que foi ver, era um sapo, não era uma paca”. O lugar é o cenário de muitas histórias de encantarias contadas pelos quilombolas do território Erepecuru.						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg				Nº 436	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Deuzarina Silva				Nº 27	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Ilha da Barra				IDENTIFICADO		77
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Abuí, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	Situada no alto curso do Rio Trombetas, na comunidade do Abuí, a Ilha da Barra é conhecida como um lugar de encantos. Tem a Ilha da Barra lá pertinho do centro comunitário, que muitas pessoas já viram alguma visão lá. Antes não era qualquer pessoa que podia ir lá. Sempre que ia lá, às vezes vinha de lá com muita dor de cabeça, às vezes até meio perturbado. Antes da gente iniciar a comunidade lá do Abuí, mais ou menos em 75 ou 76, nesse anos sempre o pessoal tava pulando lá. É, de vez em quando o pessoal tava pulando por lá... E lá onde é o centro comunitário mesmo, lá tinha, lá não era qualquer pessoa que ia lá e saía bem não. Sempre vinha com alguma dor de cabeça, meio perturbado, tinha que benzer pra endireitar. (Carlos Printes, Oriximiná, 05.07.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Antonio-Carlos-Printes_Jesus-E_Oriximina-PA 22min32seg				Nº 437	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Carlos Printes				Nº 20	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ilha das Garças				IDENTIFICADO		78
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Último Quilombo, Território Jamary/Último Quilombo		
DESCRIÇÃO	Situada na região do Erepecu, a Ilha das Garças é um lugar cheio de mistérios onde alguns moradores veem e ouvem visagens. Segundo Dona Nazaré, ela teria vindo de Faro ou Terra Santa para a comunidade do Último Quilombo. Olha, o pessoal falou que isso aí é de Faro, de Terra Santa. Meu genro tá aí, que ele é de lá dessas paragens, só que a avó dele conhece essas paragens, que ela já é uma mulher idosa. Ela disse que essa ilha era uma festa muito grande que faziam nela. Aqui ela ficou pequena, mas ela era muito das grandes. Faziam festa, e diz ela que tavam fazendo festa lá, diz que achou de uma mulher ganhar [bebê] lá na saída, que quando o pessoal deram fé a ilha sentou com tudo, com todo o pessoal. Pra não descer tudo, ficou uma só pra contar historia, uma mocinha. Ela espiou, se jogou e ainda pegou um pedaço da terra grande, aí ela ficou perdida. Socorro... Que ajudasse ela, que a ilha tinha sentado com todo pessoal pro fundo! (Maria de Nazaré, Último Quilombo, 04.05.2013). Seu Manoel também afirma que a ilha era de Faro, era uma ilha andante e as pessoas tinham muito medo dela por causa disso. Segundo ele a paisagem do lugar passou por transformações e a vegetação original de cerrado tornou-se praia e pedregulhos. A historia da Ilha das Garças, minha mãe contava que quando ela veio pra cá com meu pai, ela estava de novo, essa ilha aí. O cerrado dela que tinha era aninga, caraná e esse cerradinho do Amazonas, que tem a sombra do Amazonas. Os pássaros também que a acompanhavam, que eu nem conheço! Tinha uma tal de curicaca, curerero e um passarão. Pois é, era isso que tinha nela, não tinha desses que tem agora, o cerrado dela era esse e também a terra dela era a misturada, uma parte era lama e outra parte era uma areiazinha. Mas, mais era lama tipo da beira do Amazonas. Depois, com um tempo, ela foi mudando e acabando o cerrado que ela trouxe. Aí foi ficando, nascendo araçazeiro e Jauary. Os bichos desapareceram, não sei se morreram ou se deram. Já ficou assim como ela está, ficou só praia e pedregulho, e o cerrado já é outro. Diziam que ela veio de Faro, essa ilha. Quando ela chegou pra cá, ela andava. Uma parte ela ia ali pra dentro, pra cabeceira grande, ficava lá perto de um pedregulho que tem. Aí ela vinha, tinha hora que ela ficava de cumprido pra um lago, ficava assim. O pessoal tinha medo dela que só! Tinham muito medo dessa ilha. Depois que se acostumaram e ela não andou mais (Manoel Regis, Último Quilombo, 04.05.2013). A ilha só pode ser avistada no verão, pois durante as cheias de inverno fica submersa.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-de-Nazare-Valerio-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_22m57s.mp3				Nº 373	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Manoel-Regis_Sousa-F_Oriximina-PA_05-05-2013_23m37s.mp3				Nº 383	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Manoel Fernandes Régis				Nº 74	Cf. Anexo 4	
	Maria de Nazaré Valério dos Santos				Nº 85	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ilha do Cemitério				IDENTIFICADO		79
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Tapagem, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	A Ilha do Cemitério foi um lugar de passagem dos negros que fugiam da escravidão no Alto Trombetas. Segundo Aloísio dos Santos, ela “fica lá pra Cachoeira Porteira. É uma ilha que fica lá em cima, que divide entre o Mapuera e o rio Grande” (Aloísio Silvério, Tapagem, 25.04.2013). O Rio Grande é o Rio Trombetas, que usualmente é assim denominado pelos quilombolas.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio-outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3				Nº 354	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Aloisio Silvério dos Santos				Nº 3	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Ilha do José Adão/Ilha do São Benedito				IDENTIFICADO		80
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Abuí, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	Ilha do José Adão era o antigo nome da Ilha de São Benedito, que fica no Rio Trombetas, na comunidade do Abuí. A ilha recebeu o novo nome em homenagem ao santo padroeiro da comunidade, e nela foi construída sua capela. Assim, a ilha passou a ser o centro da comunidade.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3				Nº 364	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Raimundo Printes do Carmo				Nº 114	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Jarutá				IDENTIFICADO		81
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	Local no território Erepecuru onde existe um garimpo onde ainda hoje se faz extração de minério. Quem informa sobre o lugar é Dona Edna Santos, moradora da comunidade da Pancada que já trabalhou neste garimpo: Tem garimpo aí pra cima, lá pra banda do Jarutá. É um sofrimento... Quando meu marido me largou, aí eu fui pro castanhal. Só que o rapaz que eu fui era muito devagar, ficava mais dormindo que trabalhando. Aí esse paranaense que tinha um garimpo me disse que, se eu quisesse cozinhar, ele me pagava dez gramas por mês. Daria quinhentos reais. Aí eu disse que eu ia, porque eu tinha cinco filhos pra criar. O papai ficou brabo, disse que não era pra eu ir. Eu disse: 'Mas, papai, o seu salário não dá pra sustentar meus meninos'. E eu fui. Olha, eu só faltava chorar subindo a ladeira, que era mais alta que essa mangueira, e subia com meu jamanxim na costa. Nós saía sete horas daí da beira do rio, chegava três horas ou quatro horas lá no barraco... Nós já sofremos muito e até hoje nós trabalhamos muito. Meu marido não gosta que eu trabalhe, mas eu sempre trabalhei (Edna Maria dos Santos, Pancada, 10.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edna Maria dos Santos				Nº 36	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Lago do Abuí				IDENTIFICADO		82
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Abuí, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	O lago do Abuí beneficia principalmente as comunidades do Território Alto Trombetas e é a principal fonte de pescado para a comunidade do Abuí. Os moradores dizem que “é um lago muito farto, dá todo tipo de peixe” (Raimundo Printes, Abuí, 23.04.2013), mas que antigamente havia mais fartura. No tempo que eu tava me formando as coisas eram tudo fáceis, até pra gente arrumar comida pra gente comer era fácil. Nós morávamos primeiro ali pra cima, na boca desse igarapé, lá eu me criei, comecei a me criar, me criei lá com meu avô. Quando era de tarde, tem um igarapé lá, meu tio agora mora lá com os filhos, ele saía de tarde, umas 4 horas, ele dizia: ‘mulher, coloca a panela no fogo que eu vou buscar o peixe pra fazer a janta’. Aí ele ia embora para a beira do igarapé. E agora, minha senhora, tá tudo difícil, logo o pessoal aumentou mais. No Abuí não tinha morador, era o Abuí. O lago do Abuí era um lago farto pra gente arrumar peixe pra comer (Raquel Pires, Sagrado Coração, 25.04.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Antonio-Carlos-Printes_Jesus-E_Oriximina-PA 22min32seg				Nº 437	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos_Oriximina_Conversa-Raquel-e-Nilo_Carvalho-L_Oriximina-PA_25-04-2013_01h08m03s (1)				Nº 356	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Carlos Printes				Nº 20	Cf. Anexo 4	
	Raquel Pires				Nº 111	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Lago do Centro				IDENTIFICADO		83
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	O Lago do Centro fica no território Erepecuru e é considerado pelos moradores locais como um lugar <i>visagento</i>, isto é, onde aparecem muitas visagens. Por isso, é um lugar respeitado pelos quilombolas. Registre-se a narrativa de Dona Deuzarina Silva a este respeito: Tem o Lago do Centro e lá tem uma história. Eu não vou contar de certeza porque não era eu que tava lá, eu vou contar o que já ouvi falar. Inclusive a primeira história que eu vou contar desse lago é mesmo porque meu filho tinha 16 anos, o Natanael, quando ele foi atrás de matar uma caça pra nós. Ele foi pra lá e, quando ele chegou nesse lago, disse assim: 'Será que é esse o Lago do Centro que meu pai fala?'. Aí ele foi prestando atenção e diz que o lago é muito silencioso. Quando ele estava lá no lago, aqueles patos vieram e sentaram bem perto dele, e disse: "Eu vou atirar num pato desses, e, se cair na água, eu vou pegar". Olha a obra de Deus! Ele viu o pato lá, escolheu um e atirou. O pato caiu n'água. Quando o pato caiu n'água... Olha, meu filho tá vivo, e a segunda história que eu sei contar desse mesmo lago é com ele de novo, quando tava ele e o meu neto, Carlinho. Eles tinham matado uma anta nesse dia pra lá e fomos buscar. Ele veio chamar o pai dele e os irmãos dele pra ir pra lá. Quando eles vinham de lá pra cá, o meu neto disse: "Titio, se o senhor quiser ficar aí, o senhor fica e eu vou lá buscar". Diz que quando ele tava lá, viu aquele bicho tipo cavalo correndo muito rápido, e ele disse: "Eu vou matar essa anta, agora é eu que vou matar"! Diz que ele se <i>aplumou</i> no lado de uma raiz de pau com a espingarda engatilhada, que aquele bicho vinha muito rápido pro lado dele. Diz que ele só viu mesmo aquele ventão passar e não era nada. E isso eu sei contar porque não fui eu que vi, foi o povo lá de casa e contam que eles viram isso. Mas tem outras histórias do povo daqui que morou antes de mim lá e que sabe contar histórias daí desse lago. Uma vez, em 89 quando eu tava de parto da Gemima, o Bené foi pra cidade e eu fiquei sozinha com a minha criança aí. Uma hora da noite dá aquele sono, e depois a gente perde o sono. Eu fiquei imaginando o que meu esposo tava fazendo lá na cidade, e eu aqui frita com esse monte de crianças. Eu fumava nesse tempo, me levantei e fui fazer um cigarro e um café pra tomar. Quando eu voltei pro meu quarto eu escutei aquilo, um barulho de quando coloca água bem pesada na vasilha que tem a boca grande. Aquilo não foi só eu que escutei. O Matias também escutou! Escutei aquilo bem forte, e ele disse que ainda escutou uns três baques, tipo assim, socando no pilão bem forte mesmo. Eu escutei nesse rumo atrás de casa, e ele não sabe se é pra lá mesmo ou se era outra coisa, só sei que eu escutei e ele também escutou na mesma noite. E o pessoal daqui, que moraram antes de nós lá, contam que esse lago aí é respeitado. Pra senhora ver que ele é tão respeitado o povo caça tudo por aí, mas não pra lá. (Deuzarina Silva, Espírito Santo, 09.05.13)						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg				Nº 436	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Deuzarina Silva				Nº 27	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Lago do Jacaré				IDENTIFICADO		84
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Abuí, Território Alto Trombetas			
DESCRIÇÃO	O Lago do Jacaré era um lugar de passagem dos negros que fugiam da escravidão. Essa Mãe Domingas, que é a mulher desse cara chamado Atanázio, numa viagem eles pegaram um galope com os brancos aí da boca do Jacaré subindo. Eles vinham baixando, Atanázio, o velho tal de Basílio e um cara chamado Filipão. Aí eles vinham cinco horas da manhã, quando eles vinham dobrando aí, os brancos tavam fazendo fogo na boca do Jacaré (Dometilo Xavier, 25.04.2013). Atualmente o Jacaré (como o chamam) é um dos principais lugares de extração de produtos naturais, além de ser farto em pescado e quelônios, entre os quais o tão apreciado tracajá: “Lá nesse lago ainda tem muita fartura de tracajá, várias coisas ficam do lado de lá da floresta. Pra entrar lá precisa pedir autorização do IBAMA” (Cleuciana, Abuí, 24.04.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio- outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3				Nº 354	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina- PA_23-04-2-13_54m49s_mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina- PA_24-04-2013_05m27s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Cleuciana_Sousa_F_Oriximina- PA_24-04-2013_45m30s-45m302.mp3				Nº 357	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Cleuciana dos Santos Souza				Nº 22	Cf. Anexo 4	
	Dometilo Xavier				Nº 30	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Macaco				IDENTIFICADO		85
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	Lugar situado no território Erepecuru, onde Dona Edna Santos, moradora da comunidade Pancada, informa existir minério. Segundo ela, o local era frequentado por seus ascendentes exclusivamente para extração de castanha, mas é rico em minério: “os nossos pais não ligavam pra isso, só queriam saber da castanha. Se hoje já tiram o minério, já é os filhos de fora que vêm tirar pra eles” (Edna Maria dos Santos, Pancada, 10.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edna Maria dos Santos				Nº 36	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Pedras encantadas				IDENTIFICADO		86
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	Área do território Erepecuru onde, segundo os quilombolas, existem certas pedras que são muito bonitas e vistosas, porém dotadas de poderes de assombrar e fazer mal às pessoas que as pegam ou usam sem a devida licença dos encantados. Alguns moradores do território gostam de usar essas pedras para decoração: A gente traz mesmo muitas dessas pedras pra casa pra fazer de artesanato. Lá em casa eu tenho uma, que eu acendo vela em cima dela. Ela é um tipo um copo. E tem umas bem pretas, que a Dona Rosilda levou um monte daqui. E tem umas pedras que a senhora faz o nome que a senhora quer. E tem umas bem vermelhas, mas a senhora tem que pedir (Edna Santos, 10.05.2013). A necessidade de “pedir”, segundo Dona Edna Santos, moradora do território, advém da antiga crença cultivada pelos quilombolas de “que tudo no mundo tem mãe”. Assim, quando alguém não “pede” para usar as pedras que existem neste lugar, pode padecer de encantamentos. Segundo Dona Edna já houve casos de pessoas que adoeceram por causa dessas pedras: Um rapaz lá da Cachoeira levou umas ali do Carapanã e só deu tempo dele chegar à casa dele e a mãe da natureza foi lá perturbar ele. Aí ele teve que trazer as pedras de volta e enterrar de volta. Então, ele não pediu. É, ele não pediu! Os nossos antepassados falam que tudo tem mãe. Eles falavam que quando eles viram o rapaz, ele atracou-se no punho da rede, que era três homens para tirar a mão dele do punho da rede. A barriga dele encostava-se ao espinhaço. Aí eles falaram e benzeram ele, lambaram ele com o pião-roxo (Edna Santos, 10.05.2013).						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edna Maria dos Santos				Nº 36	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Penecura				IDENTIFICADO		87
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	Penecura é um igarapé que desagua no Rio Erepecuru, no território de mesmo nome. É um lugar rico em babaçuais, onde havia farta plantação de cacauais no tempo da escravidão. De acordo com Daniel de Souza, morador do Jauary, tratava-se de um local favorável para a instalação dos mocambos, porque era difícil de avistar. Segundo ele, ainda hoje se pode encontrar vestígios da ocupação dos negros, que dão ao lugar o valor de um sítio arqueológico. Lá na boca do Penecura, eles diziam... Isso já era o meu tio que me contava, ele disse: "Olha, meu filho" – isso eu conversava muito com os velhos quando comecei a trabalhar na liderança dessas comunidades – "o quilombo tinha muitas pessoas assim: uma que ouvia bastante, outro que tinha muita facilidade de sentir cheiro". Meu tio Basílio me contava. Diz que esse pessoal não trabalhava no quilombo, eles ficavam longe. Passavam o dia inteiro sem fazer nada e, quando ouvia algo, vinha avisar: "Vamos nos mandar que vem gente atrás da gente"! Eles tinham essas estratégias. (Daniel de Souza, Jauary, 08.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3				Nº 402	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Daniel de Souza				Nº 25	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ponta do Galção (Garção)				IDENTIFICADO		88
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Serrinha, Território Trombetas			
DESCRIÇÃO	O lugar é considerado encantado e os moradores da Serrinha procuram evitá-lo em obediência ao que ensinava o famoso sacaca Baldoíno Melo, que costumava mergulhar nesta ponta para ir até os <i>encantes</i>, onde fazia seus trabalhos de cura. José Manoel Guedes de Melo conta o seguinte: Mergulhava... Quando chegava o dia certo ele ia, mas a gente não via. Esse Durvalino, o finado Durvalino era que andava com ele quando ele ia sair pra fazer os trabalhos dele. Eles iam aqui pra essa Ponta do Galção, ele mergulhava e passava o dia todo no fundo. Quando ele boiava, o cabelo vinha enxuto. Ele dizia que tava no encanto. Eu não cheguei a ver, que ainda não tava no mundo ainda, mas pra lá ele trazia pirarucu seco de lá... Isso já era eles que falavam, eu não cheguei a ver. Agora, quando ele chegava a mergulhar ainda me lembro, na base de dez, nove anos, por aí, eu já estava morando aqui (José Manoel Guedes de Melo, Serrinha, 06.05.13). Um dos netos de Baldoíno confirma que: na Ponta do Galção, todos os trabalhos dele ele fazia ali. Era um ponto de referência. Eu acho que era ali que tinha a gente dele do fundo. Chegava uma época que ele ia pra lá com o Durvalino, que é o filho mais velho dele, ele mandava ele ficar na popa da canoa e ele caía na água. Passava uma, duas até quatro horas no fundo, depois ele boiava. Tem gente que tem medo de passar perto. Ali tem uns botos encantados, que o pessoal fala. Sempre acontece de algum tá pulando, meio doido. Às vezes, não respeitam, vai pra beira, aí já aconteceu isso. E aí o pessoal faz um remédio caseiro, faz defumação (Altino Régis de Melo, Serrinha, 06.05.13). Depois que o curador faleceu, a Ponta do Galção tornou-se um lugar muito respeitado na comunidade. O velho era o velho! Essa Ponta do Galção, eu vou contar um pouquinho do que vi. Às vezes, eu atravessando aí, ia de canoa, e quando eu ia chegando bem próximo à Ponta, minha canoa prendeu, amarrou, a modo que eu amarrava o remo pra eu remar e eu não conseguia! A canoa tava parada! Aí eu disse: meu Pai do céu, me livre desse perigo! Aí eu senti que aquilo saiu do meu corpo, tipo um espírito. Que eu nunca incorporei, mas, pelo que eu escutava de quem incorpora, diz que o espírito entra dentro da pessoa. E eu senti aquele remorso dentro de mim, meu corpo ficou igual uma caveira e eu fiquei neutro com o remo em cima, pra querer remar e não conseguia! E meu parceiro, bem próximo de mim, ele me perguntava e eu não falava nada, só tava me lembrando o que tava acontecendo, até que naqueles cinco minutos de parada aquilo me soltou assim. E eu disse: vamo embora que o negócio não tá bom pro meu lado! Eu passei um mês e pouco assombrado, pra mim ir no banheiro eu tinha que ir acompanhado, por modo que aquilo já vinha me agarrar. Todo tempo era daí dessa Ponta do Galção, e é por isso que a gente tem essas estorinhas aí. Quem facilita?! Tem pessoas que passam porque não sabem, mas a gente, que já é acostumado aqui, a gente já não facilita muito. Mas também a gente não fica com aquele medo tão grande, porque a gente já tá acostumado. As marmotas que aparecem aqui muitas vezes pra gente, a gente não se assusta mais (José Manoel Guedes de Melo, Serrinha, 06.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e-Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3				Nº 419	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m45s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m51s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_32m01s.mp3	Nº 422	Cf. Anexo 2
CONTATOS	José Manoel Guedes de Melo	Nº 60	Cf. Anexo 4
	Altino Régis de Melo	Nº 04	

DENOMINAÇÃO	Ponta da Jacitara				IDENTIFICADO		89
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Serrinha, Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	Situada na comunidade da Serrinha, no território Trombetas, a Ponta da Jacitara era mais um dos lugares usados pelo curador Baldoíno Melo para fazer seus trabalhos de cura. No tempo do velho ele tinha o maior cuidado com a gente, pra cá pra essa ponta ele não deixava a gente ir criança. Era o maior cuidado de estar deixando a gente praí, que praí que morava os espíritos dele, ele mesmo dizia: Olha, praí mora o pessoal do meu trabalho, meu pessoal. Não facilita de tá andando fora de hora praí (José Manoel Guedes de Melo, Serrinha, 07.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e-Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3				Nº 419	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Manoel Guedes de Melo				Nº 60	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Praia das Garças				IDENTIFICADO		90
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Erepecu, Rio Trombetas, Território Jamary/Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	Praia cuja história está envolta em mistérios que os quilombolas “antigos”, ou seja, os mais velhos, conheceram. É tida como um lugar <i>visagento</i> na região do Erepecu, Rio Trombetas. A quilombola Elzanira Santos, moradora comunidade Boa Vista, conta histórias que ouviu dos “antigos” e de pessoas que ficaram perturbadas por visagens ao passar por esta praia: Outras histórias que eles contam foram da Praia do Repartimento e da Praia das Garças, que foi pro Erepecu. Eles contam que era uma praia só e que, quando foi certa noite... Tem antigos que contavam que viram aquele festejo no rio, como se fosse uma banda de musica passando. Quando eles foram olhar pra lá, diz que era como se fosse um motor de luz potente: era claro, claro, claro, claro. Aí contam que uma se desmembrou da outra. Uma lá pra Alenquer, essa uma praia, e essa outra que veio, a Praia das Garças que ficou aí no Erepecu. Segundo os que pescam lá dizem, ela ficou tipo um oco por baixo. Quem sobe por cima, eles escutam pescadas que vão cair embaixo da praia. Eles contam, não sei se é real, mas muita gente... Manoel das Graças conta que dá impressão que a pessoa não tá com segurança em cima dela. Todo tempo a modo que ele tá inseguro lá, a modo que ela tá solta em alguma coisa. E escuta pescada roncar debaixo dela! Eles contam isso tudo. É caso que eles contam, eles falam que é real, que eles viram. Valério conta que é real. O pai da minha mãe conta assistiu essa cena, que ele viu essa claridade, claridão no rio, nessa praia, e viu a praia subindo. E viram... Os que viram lá embaixo, viram aquele enorme barulho dela se dividindo. Uma ficou pra lá, que chamam Praia do Repartimento, essa que ficou pra baixo. E essa que ficou aí no Erepecu, a Praia das Garças. E falam que ela é toda mal assombrada. Não se sabe se tudo isso é conto, né? Pra quem viu, é real; pra quem não viu, que foi passado pra outro, é conto. Tem mais outros contos que eles contam também, de assombração, que aparecia boto, coisa assim de boto. Tanta coisa! Eu até presenciei. De boto eu cheguei a presenciar. A irmã da Dona Dulce, o boto quase realmente mata ela. Ela teve que ir embora daqui desse Rio Trombetas, daqui desse lugar. Nunca vi coisa igual assim. Assim, sabe? Aquela queria matar mesmo ela. Alagava a canoa dela no rio, se transformava mesmo! Ela via mesmo. A gente via que não era normal. Esse caso de boto, realmente... Quando contam, às vezes ainda tem gente que ainda duvida: ‘sou mais eu’... E eu vi, eu nunca vi tanto como aquela mulher sofreu, aquela irmã da dona Dulce. Ela morava aí. Ela ficou desmaiada e aquilo, ela ficou pálida, pálida! E ela não podia andar no rio (Elzanira Gonçalves Santos, Boa Vista, 07.07.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Elzanira-Santo_Jesus_E._Oriximina-PA_07-07-2013_27m27s.mp3				Nº 434	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Elzanira Gonçalves Santos				Nº 39	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Puraqué				IDENTIFICADO		91
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	Localidade aque fica cima da comunidade do Jauary. Segundo Daniel de Souza, morador dessa comunidade, o Puraqué foi um lugar importante na história dos mocambos do Rio Erepecuru porque “lá se juntaram todos os quilombolas quando desceram as cachoeiras. Lá que eles ficaram”. Foi o local onde se formaram famílias consideradas fundadoras das atuais comunidades quilombolas de Oriximiná. O tio de Daniel, Seu Esmerino Viana, cogita que a família do famoso curador Baldoíno Melo tenha origem no Puraqué: “porque quando o conheci, o avô dele morava lá no Puraqué. A finada Luiza, mulher do finado Pedro, irmão do finado Baldoíno, eles moravam lá”. Apesar da importância histórica do lugar, os quilombolas hoje não ocupam mais o Puraqué, conforme explica Daniel de Souza: “O Puraqué, que hoje não é mais nosso, a gente deu por consideração pros outros e acabaram ocupando, hoje é fazenda”.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3				Nº 402	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e-Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3				Nº 419	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3				Nº 415	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Daniel de Souza				Nº 25	Cf. Anexo 4	
	José Manoel Guedes de Melo				Nº 60	Cf. Anexo 4	
	Maria da Paz Melo dos Santos				Nº 82	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Quilombo Campiche				IDENTIFICADO		92
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Cachoeira Porteira, Território Cachoeira Porteira			
DESCRIÇÃO	O quilombo Campiche foi instalado no século XIX às margens do rio Turuna, na região do Alto Trombetas. De acordo com Vicente Vieira dos Santos, morador da comunidade de Cachoeira Porteira e neto de uma das escravas refugiadas no Campiche, “eles foram se arribando, e eles iam num acampamento, no ponto onde se chama Campiche, chegaram nesse Campiche, entraram num rio que tem chamado Turuna”. Nesse refúgio os negros passaram a viver em paz, cultivavam a terra e sobreviviam dela: “naquele tempo lá, tudo dava dinheiro, era cipó, era tudo, peixe, até coisa de calango tiravam e vendiam, faziam as roças deles” – explica Seu Vicente. Com a abolição da escravidão, os negros foram descendo o rio e transferindo suas moradias para localidades mais próximas das cidades onde realizavam comércio, sobretudo Óbidos e Oriximiná. O quilombo Campiche foi desativado, mas permanece vivo na memória de muitos quilombolas do Rio Trombetas, que são, em número considerável, descendentes das famílias que se aquilombaram lá.						
REGISTROS	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Maximo-Cordeiro_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_29m01s_mp3				Nº 384	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Sebastiana-Ribeiro_Sousa-F_Oriximina-PA_02-05-2013_02h36m54s				Nº 394	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Vicente-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_03-05-2013_01h06m28s				Nº 395	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Sebastiana da Silva Ribeiro				Nº 120	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Quilombo Maravilha				IDENTIFICADO		93
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Cachoeira Porteira, Território Cachoeira Porteira			
DESCRIÇÃO	O Maravilha foi um dos primeiros quilombos formados pelos negros fugitivos no Alto Trombetas, acima da Cachoeira Porteira (partindo daí em um bote com motor 15, gastam-se dois dias para chegar até o local). Atualmente o lugar não é mais habitado e restou-lhe apenas a capoeira que indica a ocupação pregressa.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivanildo-Carmo-de-Souza_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivanildo-Carmo-de-Souza_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_56m08s.mp3				Nº 398	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ivanildo Carmo de Souza				Nº 52	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Sítio Arqueológico da Efigênia				IDENTIFICADO		94
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Jauary, Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	Sítio arqueológico situado no alto curso do Rio Erepecuru, abaixo do Sítio do Santana. Segundo Daniel de Souza e Esmerino Almeida, moradores do Jauary, no local ainda se encontram plantações de cacau, laranja e mucuracaá, “que eles usavam muito”, além de pedaços de forno de farinha deixado pelos negros que lá se amocambaram.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3				Nº 402	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Daniel de Souza				Nº 25	Cf. Anexo 4	
	Esmerino Viana de Almeida				Nº 41	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Sítio Arqueológico do Santana					IDENTIFICADO		95
						SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	Sítio arqueológico situado no alto curso do Rio Erepecuru, no local conhecido como Formigal, que é próximo aos sítios do Penecura e da Efigênia.							
REGISTROS	A-Quilombos							

DENOMINAÇÃO	Sítio Arqueológico do Vovô Lautério				IDENTIFICADO		96
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Jauary, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	Sítio arqueológico situado no alto curso do Rio Erepecuru, que guarda marcas materiais da ocupação negra. Segundo Esmerino Almeida, “no vovô Lautério, que era meu tataravô, tem pedaços de forno, é muito emocionante”. Daniel de Souza, seu sobrinho, completa que lá também se encontram grandes plantações que, apesar de abandonadas, parecem muito bem cuidadas. Muito cacau. E parece que sempre tem alguém cuidando daquele cacau. Eu olho, tudo é sempre limpo, muito bonito. No vovô Lautério e na Efigênia também tem laranja da terra, que era remédio na época e eles usavam muito. E pedaços de forno a gente ainda vê, panelas nós encontramos. Andamos muito rápido lá em 95, mas, hoje, se a gente fosse passar um dia lá, a gente ia descobrir muito mais coisas que tinha no sítio deles. (Daniel de Souza, Jauary, 08.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3				Nº 402	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Daniel de Souza				Nº 25	Cf. Anexo 4	
	Esmerino Viana de Almeida				Nº 41	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Sítios arqueológicos				IDENTIFICADO		97
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	Em todos os territórios percorridos registramos a incidência de achados arqueológicos, sobretudo artefatos chamados pelos quilombolas de “caretinhas” ou “caquinhos”. As áreas de roçado e as margens de rios são os lugares onde mais se encontra esse tipo material que, de acordo com os quilombolas, constitui herança deixada pelos índios. É no centro comunitário que os índios antigamente moravam. Foram embora, quebraram tudo e de vez em quando a gente acha. Já foi achado pedra aí. Deu sessenta reais uma pedra muito bonita! Só que disseram que não é pra ser vendida, que era pra guardar. Foi o meu sobrinho que achou, era muito bonita aquela pedra. Aí o Valtemar Marinho que comprou, ele deu sessenta reais pro moleque (José Rocha, Jamary, 19.04.2013). Mas também são consideradas como sítios arqueológicos algumas áreas ocupadas pelos primeiros escravos fugidos e aquilombados nas regiões mais recônditas dos rios Trombetas e Erepecuru. São mocambos que não existem mais, embora ainda se encontrem marcas da ocupação pregressa em plantações, capoeiras, fornos de torrar farinha e outros objetos abandonados quando os mocambeiros desceram os rios para áreas de mais fácil acesso, após a abolição da escravidão. Para Daniel de Souza, morador do Jauary, os maiores sítios arqueológicos de ocupação negra encontram-se em áreas escondidas na mata e em grutas nas margens de rios, em locais de pouca visibilidade, e por isso constituem evidências das “estratégias” de sobrevivência usadas pelos aquilombados. Segundo o quilombola, são “lugares importantes” da história dos negros: “que na época em que eles viviam lá e não compravam nada, tudo eles faziam. Plantavam naquela época muito cacau, café, eles faziam açúcar, e de tudo isso aí eles viviam”.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_artesanato-caquinhos_moura_Nazareth_Oriximina-PA_20-04-2013.jpeg (1 a 3)				Nº 143	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_caquinhos_moura_Nazareth_Oriximina-PA_20-04-2013.jpeg (1 e 2)				Nº 144	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3				Nº 402	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3				Nº 408	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Rocha-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h12m50s.mp3				Nº 371	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

CONTATOS	Daniel de Souza	Nº 25	Cf. Anexo 4
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4
	José Lopes dos Santos	Nº 58	Cf. Anexo 4
	José Rocha dos Santos Sousa	Nº 62	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Varadouro			IDENTIFICADO		98
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Território Erepecuru		
DESCRIÇÃO	Varadouro é um lugar situado acima da Cachoeira Porteira que dava acesso a um ponto de fuga para os negros mocambeiros. Por lá os brancos não conseguiam passar, pois não sabiam navegar corredeira acima. Além de ser um ponto importante de facilitação da fuga, também se tornou um ponto estratégico de escoamento da castanha no tempo da extração. O varadouro é uma parte onde os negros conseguiram escapar pelo local que tinha uma queda d'água muito alta, ali onde era a cachoeira da pancada, aí a gente tem que passar com a canoa arrastando uns trezentos metros por terra pra colocar do lado de cima das cachoeiras, e lá conseguiram se refugiar lá por isso também, e de lá ficou uma trilha pra arrastar os botes e passar a castanha. É tanto tempo que arrasta a canoa lá que as raízes já ficaram todas redondas, até porquê é um lugar que o turista gosta muito de ver, pra fotografar e tal (Ivanildo Souza, Cachoeira Porteira, 02.05.2013).					
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivanildo-Carmo-de-Souza_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivanildo-Carmo-de-Souza_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_56m08s.mp3.			Nº 398	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ivanildo Carmo de Souza			Nº 52	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Vila da Andrade Gutierrez				IDENTIFICADO		99
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1970	LUGAR	Comunidade Cachoeira Porteira, Território Cachoeira Porteira			
DESCRIÇÃO	Cachoeira Porteira é um território muito visado por grandes projetos dos setores energético e minerário. Na década de 1970 instalaram-se na comunidade grandes empreendimentos da Eletronorte e da Mineração Rio do Norte, que contrataram serviços da empresa Andrade Gutierrez para a abertura da estrada BR 163 (Cuiabá/Santarém) e para o fornecimento de madeira. Segundo os moradores, a empresa Andrade Gutierrez expulsou os negros de seus lugares e tomou-lhes as áreas de roçados em troca de indenizações irrisórias, para criar o espaço necessário para o seu empreendimento. Nesse espaço construiu uma grande vila com casas, escola, delegacia e supermercado para atender as famílias dos seus funcionários durante o período em que realizaram serviços no local. Muitos operários vinham de outros estados do Brasil para trabalharem na empresa, e a mão-de-obra local era subaproveitada. Aos moradores da comunidade restavam os trabalhos braçais de mateiros, roçadores, pescadores, cozinheiros. As mulheres se empregavam como diaristas e babás, como contou Ivone: “tinha que lavar passar, tudo, limpar casa, passar pano encerar, lavar louça. Tinha vez que cuidava de criança” (Ivone Pereira, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Os moradores contam que sofreram discriminação dos operários da empresa e que eram pejorativamente chamados de “caboclos”, “negros do beiradão”, “macacos”. A discriminação ocorria também no acesso aos serviços básicos de educação e saúde, que foram instalados pela empresa para atender os funcionários. Por exemplo, na vila da Andrade Gutierrez havia um hospital, mas o acesso para os “negros do beiradão” era muito restrito. Como havia demanda por tratamentos médicos, a empresa criou um posto de saúde especialmente para os moradores da Cachoeira Porteira no núcleo da comunidade: “Aqui fora eles criaram um posto que era pra atender esse povo, só ia pra lá aqueles que realmente não tinha jeito” (Sebastiana, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Vários ex-funcionários da Andrade Gutierrez acabaram casando e tendo filhos com mulheres da comunidade e, assim, fixaram-se definitivamente em Cachoeira Porteira. Foi o caso de Seu Antônio, que saiu do Ceará e trabalhou 26 anos para a empresa, só deixando-a quando a mesma desativou o empreendimento de Cachoeira Porteira: “Eu era encarregado da Andrade Gutierrez, eu era encarregado de campo. Eu morava lá na vila, casa número 60, eu era de alto escalão da Gutierrez” (Antônio Vieira, 02.05.2013). Atualmente a Vila da Andrade Gutierrez está em ruínas, mas ainda existem alguns prédios ativos e muitas lembranças dos tempos de funcionamento da empresa na Cachoeira Porteira. Apesar da intervenção sofrida em seu lugar de moradia, os quilombolas da comunidade contam						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PA	01	09	13	F1-1	A3
---	--	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	que a empresa lhes deixou algumas boas iniciativas. Uma delas foi a criação da primeira escola local, chamada Santa Luzia. Segundo os moradores, foi o engenheiro Paulo quem tomou a iniciativa de solicitar à Prefeitura de Oriximiná a criação da escola, já que o acesso à escola que havia na vila da empresa era restrito aos filhos dos funcionários, conforme nos contou a professora Sebastiana: Quando eu vim trabalhar aqui nós éramos em torno de 36, se eu não estou enganada. A escola atendia 800 alunos. Foi naquele foco mesmo das empresas, tinha pessoas de todos os lugares do Brasil. Então, tinha a Vera Andrade, outra escola lá na Vila que era justamente uma homenagem a um dos filhos do dono da empresa que era a Andrade Gutierrez. Então, essa escola lá, ela não atendia o pessoal que eles chamavam 'do beiradão'. E essa daqui, ela passou a ser chamada Constantina Teodoro a partir de 1990. A primeira era Santa Luzia, de PVC, telhinha Brasilit que molhava tudo. Então, lá na Vera Andrade, esses alunos que moravam aqui, nossa! Era feita uma triagem, não eram todos que tinham esse direito, inclusive eu lembro até hoje que tinha uma cancela que chamavam 'pau do guarda', porque lá o guarda estava e só entrava as pessoas que tivessem uma justificativa muito fundamentada pra chegar até lá (Sebastiana da Silva. 02.05.2013). Outra herança dos tempos da Andrade Gutierrez é a devoção a Nossa Senhora de Fátima na comunidade de Cachoeira Porteira. Foram os operários da empresa que, durante a desativação da vila, doaram a imagem da virgem e o material de construção de sua capela.					
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Flori-Adalberto-Oliveira_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_06m32s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Flori-Adalberto-Oliveira_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_11m50s.mp3		Nº 387		Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivone-Pereira_Sousa-F_Oriximina-PA_02-05-2013_47m23s.mp3		Nº 388		Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_02m13s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_12m37s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_22s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_35m28s.mp3		Nº 391		Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Sebastiana-Ribeiro_Sousa-F_Oriximina-PA_02-05-2013_02h36m54s		Nº 394		Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Antônio Edmar Vieira		Nº 10		Cf. Anexo 4	
	Ivone Pereira de Jesus		Nº 53		Cf. Anexo 4	
	Sebastiana da Silva Ribeiro		Nº 120		Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

2.5. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

Reproduzir tabela se necessário.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Artesanato de barro				IDENTIFICADO		100
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	O artesanato de barro era um ofício desenvolvido em todas as comunidades quilombolas de Oriximiná, principalmente por mulheres, e repassada por várias gerações. Dona Bernardina, com 104 anos de idade vividos na comunidade de São Joaquim, conta que aprendeu o ofício com a mãe, enquanto a via trabalhar: “A minha mãe, ela fazia e eu estava vendo como ela estava fazendo. Era com a mamãe que eu fazia. Ela estava armando e eu também ia pegar o barrinho, pegava uma tabuinha, fazia o fundo, pegava a cuia-péua e alisava tudinho (Bernardina Lima, São Joaquim, 11.05.2013). Seu Lourival, na mesma comunidade, ensina em detalhes o modo de fazer panela de barro: A gente pega uma tábua redonda, aí pega o barro. Mas não é qualquer barro não, tem que misturar com caripé, o pau. A gente tira a casca do pau, queima aquelas cascas bem queimadas, quando fica só aquela cinza a senhora tira e passa na peneira aquele farelo dele, pra amassar com o barro, pra ele poder fazer a panela. Agora ele fica fazendo aquele morrão. Por exemplo, pra fazer um forno, a tábua já está bem redondinha, aí a senhora bota a tábua bem no jeito mesmo, aí vai fazendo o morrão e vai colocando na beira da tábua, aí você vai levantando até do tamanho que a senhora quer. Depois que tá do tamanho que a senhora quer, a senhora pega esse urupê que sempre por aqui dá. Aí pega uma cuia dum lado, mete o urupê dentro daquela cuia e vai passando, aí ele vai emendando tudinho, aquelas rodas vai emendando tudinho aí fica tudinho bem certinho, aí a senhora passa por fora e pega a jutaicica e passa de novo, vai passando tudinho e vai emendando. Aí tá pronta a panela. Agora a senhora deixa secar. Depois de secar, depois de ela estar bem seca, aí a senhora põe no fogo. Vai queimar. Quando a senhora olha pra ela, ela tá bem vermelha, aí a senhora espalha o fogo assim: pega um pau com um pano, agarra ela e tira ela de lá. Agora tem que já estar com um morrão de jutaicica desse tamanho, aí passa o morrão de jutaicica nela pra amaciar ela. Fica bem macia que é uma beleza! Aí pronto, a senhora deixa esfriar. Aí a senhora pode bater assim, ela faz tom... tom... tom... tá feito a panela. A senhora faz a orelhinha pra agarrar pra botar no fogo, tudo a senhora faz. A gente faz aquela orelhinha que é pra ter onde agarrar quando for colocar no fogo, que não pode colocar alça como essas de agora (Lourival Almeida, São Joaquim, 11.05.2013). Antes da introdução das baixelas de vidro, inox, plástico e alumínio nas comunidades quilombolas, todas as louças eram feitas de barro: “fazia panela, fazia pote, xícara, pratinho, frigideira, tudo fazia de barro, agora não fazem mais!” (Bernardina Lima, São Joaquim, 11.05.2013). Hoje em dia, a maioria das famílias compra os objetos em mercados da cidade e são poucas as artesãs em atividade. Seu Lourival sente saudades das comidas preparadas e consumidas na louça de barro e alega que havia muitas vantagens na sua utilização: Tendo cuidado, dura muito. Dá pra netos e filhos. E dá uma comida mais gostosa do que nessa de alumínio. A senhora pode cozinhar uma comida agora de manhã, a senhora pode deixar pra comer de tarde, até pro outro dia, que a comida não fica ruim. Nessa de alumínio, já era! Você tira ela do fogo, aquela panela, no que a senhora tira ela do fogo, ela fica fervendo, só vai parar com uns cinco minutos que ela vai parando (Lourival Almeida, São Joaquim, 11.05.2013).						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	Atualmente, envolvidas num projeto cultural realizado pela MRN em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi, mulheres das comunidades de Moura e Boa Vista dedicam-se à confecção de artesanato de barro inspirado em artefatos arqueológicos da cerâmica Konduri. Os objetos que produzem são decorativos e utilitários, destinados principalmente para o comércio fora da região. Para produção e exposição dos objetos foi construído um barracão no terreno de seu José Lopes, que é reconhecido como um sítio arqueológico da comunidade do Moura. Com o projeto, Seu José tornou-se um mestre do artesanato de barro e atualmente trabalha na própria casa, com ajuda da esposa e com um filho, num espaço anexo ao barracão de exposição. Um segundo barracão de artesanato de barro foi inaugurado recentemente pela MRN (em abril de 2013) na comunidade de Boa Vista – o Espaço Cultural <i>Konduri</i>, que está à disposição dos artesãos dos territórios Boa Vista, Moura e Jamary-Último Quilombo. O trabalho com a cerâmica contribui para a renda das famílias nessas localidades e estimula sua independência financeira: Está com doze anos mais ou menos que o projeto chegou com a gente. Incentivou a gente. Eu gostei da ideia e comecei a aprender e hoje a gente tá até ministrando oficina por aí com outras comunidades. Porque a gente se aprofundou um pouco. Eu gostei muito, é um trabalho muito delicado, emocionante assim. Eu gostei desse trabalho porque eu aprendi a trabalhar pra mim também. Desde que eu comecei a trabalhar com isso, eu deixei de trabalhar empregado também, pros outros. Achei que trabalhar pra mim é melhor que trabalhar pros outros, não fica subordinado pra ninguém. Você vê aqui, é eu e ela, meu filho que trabalha. Mas o dia que nós não queremos trabalhar ninguém vem obrigar a gente né? E a gente trabalha até que a gente tem tudo isso (José Lopes, Mora, 21.04.2013). Entretanto, os produtores queixam-se de dificuldades de escoamento da produção e avaliam que os circuitos de comercialização das peças ainda são muito restritos, de modo que a atividade não desenvolve todo o seu potencial de geração de renda para as famílias quilombolas, havendo ainda sensível dependência de apoio externo, principalmente da MRN. É uma demanda dos artesãos a realização de exposições com vendas, feiras, rodadas de negócios e outros eventos que contribuam para a divulgação e comercialização dos seus produtos. Neste sentido, foi sugerida ao CNFCP/IPHAN a realização de uma exposição da cerâmica dos quilombos de Oriximiná na Sala do Artista Popular, mas até o momento a programação ainda não se concretizou.
--	---

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_ceramica_curuçá_Nazareth_Oriximina-PA_19-04-2013.jpeg (1 a 4)	Nº 103	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_artesanato_moura_Nazareth_Oriximina-PA_20-04-2013.jpeg (1 a 15)	Nº 142	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_casa-do-artesanato_moura_Nazareth_Oriximina-PA_20-04-2013.jpeg (1)	Nº 145	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_forno-para-queimar-artesanato_moura_Nazareth_Oriximina-PA_20-04-2013.jpeg (1 a 4)	Nº 147	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_material-para-fazer-o-artesanato_moura_Nazareth_Oriximina-PA_20-04-2013.jpeg (1 a 3)	Nº 148	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Lopes_Sousa-F_Oriximina-PA_20-04-2013_52m25s.mp3	Nº 369	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3	Nº 402	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Raimunda-Andrade-Nazeazena_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_42m32s.mp3	Nº 376	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Silva-Salgado_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h11m16s.mp3	Nº 378	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_01m59s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_56m19s.mp3	Nº 404	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Bernardina-Souza_Sousa_F_Oriximina-PA-10-05-2013_3m08s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Bernardina-Souza_Sousa_F_Oriximina-PA-10-05-2013_05m39s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Bernardina-Souza_Sousa_F_Oriximina-PA-10-05-2013_06m43s.mp3	Nº 406	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Julia_Nascimento-e-outros_Jesus_E_Oriximina-PA_10-05-2013_39m36s.mp3	Nº 409	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lourival-Almeida-Edilena-e-Bernardina-Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_48m12s.mp3	Nº 410	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Margarida-Souza-Almeida_Jesus-E_Oriximina-PA_11-05-13_59m56s.mp3	Nº 411	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3	Nº 415	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_01h26m17s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_13m10s.mp3	Nº 429	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Elzanira-Santo_Jesus_E_Oriximina-PA_07-07-2013_27m27s.mp3	Nº 434	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Zuleide-Santos_Jesus_E_Oriximina-PA_07-07-2013_25m00s.mp3	Nº 435	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Bernardina Lima de Souza	Nº 18	Cf. Anexo 4
	Deuzarina Silva	Nº 27	Cf. Anexo 4
	Esmerino Viana de Almeida	Nº 41	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	José Lopes dos Santos	Nº 58	Cf. Anexo 4
	Josivaldo Salgado de Souza	Nº 66	Cf. Anexo 4
	Julia Marcia Guedes do Nascimento	Nº 67	Cf. Anexo 4
	Legilda Oliveira dos Santos	Nº 68	Cf. Anexo 4
	Manuel Profeta Neto dos Santos	Nº 79	Cf. Anexo 4
	Margarida Souza Almeida	Nº 80	Cf. Anexo 4
	Maria da Paz Melo dos Santos	Nº 82	Cf. Anexo 4
	Maria da Silva Salgado	Nº 83	Cf. Anexo 4
	Maria Janete da Silva Andrade	Nº 88	Cf. Anexo 4
	Maria Zuleide Melo dos Santos	Nº 97	Cf. Anexo 4
	Maria Raimunda Nazeazena Andrade	Nº 102	Cf. Anexo 4
	Osvaldo Lopes	Nº 109	Cf. Anexo 4
	Rosivaldo Batista dos Santos	Nº 119	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Artesanato de cuia				IDENTIFICADO		101
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.			
DESCRIÇÃO	O artesanato de cuia é muito difundido em toda a Amazônia. Feito do fruto da cuieira, uma árvore baixa e abundante na região, ele se presta sobretudo aos usos domésticos: para tirar água do rio, armazenar líquidos, tirar água da canoa, servir e consumir alimentos líquidos. Inclusive, um dos pratos típicos mais famosos do Pará, o tacacá, é servido exclusivamente em cuias tingidas e ricamente ornamentadas. Manoel Profeta dos Santos, na comunidade da Pancada, chegou a tomar tacacá em cuias pintadas pela mãe: “Ela pintava mesmo. Usava pro tacacá, pra tomar café”. Nas comunidades quilombolas de Oriximiná o artesanato de cuias quase não se produz mais atualmente, à exceção de peças de cuia para tirar água do rio e da canoa. Antigamente, porém, vasilhames de cuias foram muito utilizados nas cozinhas locais. Seu Esmerino Viana, no Jauary, relembra com saudade o tempo de criança, quando sua mãe fazia cuias pintadas para o consumo de alimentos: “Raimunda Viana, ela fazia panela de barro, fazia cuias... Fazia! Ela partia e raspava bem. Depois tinha aquela pedra de alisar pra ficar bem polido. Aí depois ela tinha um cumatê”.						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_paneiro_cuia_são-joaquim_Nazareth_Oriximina-PA_10-05-2013.jpeg (1 e 2)				Nº 262	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3				Nº 402	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_01m59s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_56m19s.mp3				Nº 404	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Esmerino Viana de Almeida				Nº 41	Cf. Anexo 4	
	Manuel Profeta Neto dos Santos				Nº 79	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Artesanato de madeira				IDENTIFICADO		102
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Erepecuru, Boa Vista e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	Embora muitos quilombolas produzam artesanalmente os próprios móveis de casa (bancos, mesas, cadeiras, bancadas) e embarcações que utilizam, esses objetos não costumam ser reconhecidos como “artesanatos” pelas comunidades negras de Oriximiná. Normalmente esses objetos são feitos para uso próprio, com madeiras extraídas das matas locais, e têm características bem rústicas. Os produtores raramente se reconhecem ou são reconhecidos como artesãos profissionais e o artesanato de madeira, em regra, é visto como uma atividade pouco lucrativa, porque os produtos recebem baixos preços no mercado local. Por exemplo, na comunidade de Jarauacá, no território Trombetas, há vários produtores de objetos em madeira, mas ninguém se interessa em comercializá-los: Olha, aqui tem, tem pessoas que fazem. Fazem muito pouco. Não vão se dedicar pra fazer pra comercializar, mas tem várias pessoas que fazem artesanato. Na época que o artesanato chegou aqui, a maioria era de barro, mas tinha também colher de madeira, de pau de molongó. Hoje tem pessoas que fazem de ouriço de castanha e de madeira, mas não quiseram fazer pra comercializar (Osvaldo Lopes, Jarauacá, 07.05.13). Como diz Seu Osvaldo Lopes, o senhor Rosivaldo Batista dos Santos é um dos artesãos da comunidade de Jarauacá, que produz seus próprios remos de madeira, mas nunca pensa em vendê-los: Pra vender, não. Eu já fiz, mas pra mim eu faço, né? Pra vender, não, nunca fiz. É só um, ou dois, pra gente usar. Se a gente for comprar lá na cidade, é caro. Não é caro... É porque dá muito trabalho. A gente acha caro porque é a maneira da gente pensar. Porque se a gente for fazer, aí a gente vai ver... Um remo, eu passo mais de um dia pra fazer! Se eu for pedir 20 reais, que não é o valor de uma diária, alguém vai achar caro e pedir dez reais. Não compensa, aí faço pra nós porque é só pra nós mesmo (Rosivaldo Batista dos Santos, Jarauacá, 07.05.13). Na categoria de artesanato que tem valor para comercialização enquadram-se principalmente objetos decorativos, brinquedos e pequenos utensílios de cozinha, que feitos por adultos, jovens e crianças. No território Erepecuru, Manoel Profeta conta que na comunidade da Pancada “tinha um homem que fazia artesanato de pau, fazia muitos pássaros de pau. Mas acabou, as pessoas queriam dinheiro vivo, queriam o cruzeiro”. Hoje em dia, no São Joaquim alguns rapazes produzem miniaturas de embarcações e de animais regionais: “eles fazem muito tatu de madeira, eles fazem tantas coisas, fazem barquinho, fazem canoa, fazem remo, fazem um bocado de coisas de madeira” – explica Júlia Nascimento. Dona Deuzarina Silva, moradora da comunidade vizinha Espírito Santo, acha os objetos tão interessantes que gostaria de vendê-los: “Fazem só pra						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	----	----	----	----	------	----

	brincar. Eu que brinco com eles, digo: ‘mas, meus filhos, fazem isso que eu vou pintar pra levar pra esses encontros que a gente vai’. Que a gente vê aquelas coisas mal feitas, além de serem mal feitas, é bem vendido”! Os rapazes não se consideram artesãos profissionais, mas na comunidade do Araçá, no mesmo território, Natanael Guedes busca se especializar no ofício de entalhar a madeira: De madeira eu faço barquinho, canoinha, por exemplo. Essas coisas assim que eu faço. A madeira que eu uso pra fazer é o molongó, porque é uma madeira bem especial. Inclusive agora eu tenho um projeto pra eu fazer uma igreja, porque eu vi numa foto uma igreja muito bonita. E eu já tenho como projeto de fazer até o final do mês essa igreja e uns barquinhos. Eu vou trabalhar com cedro. Porque aqui, os nossos antepassados aqui, eles trabalharam muito com extração de madeira. E eles tiraram muita madeira inclusive cedro. O que eles deixaram de lembrança pra gente foi só os “toco” dele e os galhos que tem lá. E eu estava pensando de aproveitar essa madeira, que eu vi muito toco, e eu sei que dá pra fazer muito artesanato com esses tocos, aproveitando assim os deixados aqui na comunidade do Araçá e também aproveitar muito na comunidade do Espírito Santo, lá tem muito toco de cedro. Inclusive, tem uma preocupação. Olhando assim o molongó, que é muito útil pra gente fazer um artesanato, uma colher de pau, uma colher de corrente, que é muito bom pra enfeite, o pessoal compra muito, mas nós temos um problema: o molongó, ele tá quase que em extinção aqui na nossa área. E aí, como tem muito toco, vou tentar fazer de cedro pra aproveitar essa madeira (Natanael Guedes do Nascimento, Araçá, 11.05.13). No território Boa Vista Dona Dilma Salgado e os filhos produzem colheres de pau, garfos e cofres de madeira, principalmente da árvore de jenipapo. Na mesma localidade Dona Zuleide conta que há mais artesãos produtores de outros tipos de peças: É eu e o Valério, e o compadre Zé também trabalha com molongó. Mas agora, ele doente a mulher dele doente também... Ele é um bom profissional, ele trabalha muito bem. Ele até fez um presépio pra mim! Ele trabalha com molongó, ele faz colher de pau, ele faz tudo remo, tudo! E o Valério, ele trabalha com a tala, trabalha com molongó, trabalha com itaúba. Ele faz o que quiser que ele faça, é tupé de molongó, ele faz remo, ele faz colher de pau. (Maria Zuleide Melo dos Santos, Boa Vista, 07.07.13).
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg	Nº 436	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_05m42s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_27m33s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_55s.mp3	Nº 400	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Zuleide-Santos_Jesus_E_Oriximina-PA_07-07-2013_25m00s.mp3	Nº 435	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_28m46s.mp3	Nº 412	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Oswaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3	Nº 432	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 436	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Deuzarina Silva	Nº 27	Cf. Anexo 4
	Dilma Salgado	Nº 28	Cf. Anexo 4
	Maria Zuleide Melo dos Santos	Nº 97	Cf. Anexo 4
	Natanael Guedes do Nascimento	Nº 107	Cf. Anexo 4
	Oswaldo Lopes	Nº 109	Cf. Anexo 4
	Rosivaldo Batista dos Santos	Nº 118	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Artesanato de ouriço de castanha				IDENTIFICADO		103
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Jarauacá, Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	O artesanato de ouriço de castanha foi encontrado na comunidade de Jarauacá, território Trombetas. Olha, aqui tem o menino, o Manduca, tem outro menino que mora prali que faz também, e eu, às vezes que eu não tô muito ocupado. Às vezes a gente tá precisando daquilo, a gente faz. Eu costumava fazer muito aqui pra bater tempero. Na época o tempero não vinha moído, vinha normal. Aí a gente preparava um ouriço de castanha bem preparadinho por dentro e por fora, fazia uma mão de pilão pra socar o tempero pra colocar na comida (Oswaldo Lopes, Jarauacá, 07.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Oswaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3				Nº 432	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Oswaldo Lopes				Nº 109	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Artesanato de reciclados				IDENTIFICADO		104
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Araçá, Território Erepecuru			
DESCRIÇÃO	Natanael Guedes do Nascimento, morador do Araçá, na terra Erepecuru, foi o único identificado como produtor de artesanato com materiais reciclados: “Eu faço de latinha de cerveja e papel também, faço artesanato de plástico também, de garrafa de refrigerante”.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_28m46s.mp3				Nº 412	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Natanael Guedes do Nascimento				Nº 103	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Artesanato de talas, palhas e cipós				IDENTIFICADO		105
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	Em todos os territórios quilombolas de Oriximiná o artesanato de talas, palhas e cipós (também chamado de tessume ou tecido) é uma atividade importante, voltada principalmente para o autoconsumo e, eventualmente, para o comércio. Objetos como paneiros, peneiras, abanos, vassouras, balaio, cestos de tamanhos variados, tipitis e jamanxins, entre outros, são indispensáveis nas casas de farinha e nos ofícios extrativistas que se realizam nas florestas; por isso, há vários artesãos dedicados à confecção dos mesmos. Vários tipos de cipó são coletados (por extratores locais) e utilizados regularmente na produção de paneiros, tipitis e jamanxins, entre os quais o cipó-titica, o cipó-ambé e o timbó-açu. Talas de arumã, jacitara, buriti, Jauary, bacaba e de outras palmeiras são usadas na confecção de utensílios para as cozinhas e casas de farinha, inclusive tipitis para tirar o tucupi da mandioca. Diversos tipos de palha também são usados para fazer artesanato e para a cobertura das casas – é o caso da palha de ubim, que ainda se encontra em muitas residências. O trabalho do artesão geralmente é individual, desde a retirada das matérias-primas da floresta, e, depois dessa etapa, realizado quase que integralmente no espaço doméstico. Também é no ambiente de casa que os conhecimentos ligados ao ofício são transmitidos para as gerações mais novas. Normalmente, crianças e jovens observam e ajudam os artesãos adultos, e, assim, vão aprendendo o trabalho. Aos poucos, o corpo memoriza os movimentos e é possível conjugar o <i>tessume</i> com outras atividades. Dona Maria das Graças, por exemplo, ao mesmo tempo em que explicava como aprendeu a fazer o artesanato observando sua avó trabalhar, preparava abanadores e descrevia tranquilamente o processo de tingimento das talas que tecia: Essa pretinha aqui, tinge com fumaça de breu, com a casca de ingá. Pega um flange grande, acende o breu e coloca pra pegar toda aquela fumaça. A gente tira a casca do ingá e raspa ela, passa naquela fumaça e passa na tampa com a mão mesmo. O arumã é um material comprido. A gente passa no arumã, depois estala. Passa inteira e depois tira. A vermelhinha é com cajú. É uma árvore, a gente tira a folha e ferve junto com a tala, aí fica vermelha. Pode ter outras cores, mas é artificial, que pode pintar com a tinta, mas eu mesmo só conheço esses dois tipos pra pintar natural (Maria das Graças, Cachoeira Porteira, 01.05.2013). A comercialização do artesanato de palhas, talas e cipós, quando ocorre, é feita nas próprias comunidades quilombolas e, em pequena escala, nas feiras de Oriximiná e de Porto Trombetas. Como muitos artesãos são especializados em determinados tipos de objetos e/ou matérias-primas, é comum que moradores de diferentes comunidades façam encomendas a eles. Durante a pesquisa de campo a comunidade de Cachoeira Porteira destacou-se das demais pelo número de pessoas envolvidas em sua produção. Lá, praticamente em todas as famílias há alguém que confeccione peças tecidas com fibras vegetais. Lá também sempre tem						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	comprador para o artesanato, já que, segundo os moradores, a comunidade é costumeiramente visitada por estrangeiros e mesmo pessoas de Oriximiná e Trombetas. Os próprios moradores da localidade são consumidores dos objetos tecidos, que compram para utilizar na extração de castanha e outros recursos naturais. Ressalte-se que, apesar da expressividade do ofício, não existe em nenhum território uma organização que represente os artesãos.
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PA	01	09	13	F1-1	A3
---	--	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_artesanato_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_23-04-2013.jpeg (1 a 3)	Nº 169	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_flori-adalberto-almeida-de-oliveira_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1)	Nº 181	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_manoel-vieira-dos-santos_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1 e 2)	Nº 186	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Flori-Adalberto-Oliveira_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_06m32s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Flori-Adalberto-Oliveira_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_11m50s.mp3	Nº 387	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_01m59s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_04m40s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_07m59s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_08m57s.mp3	Nº 389	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-das-Gracas_Sousa-F_Oriximina-PA_01-05-2013_37m53s.mp3	Nº 390	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_01m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_03m10s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_45s.mp3	Nº 401	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3	Nº 402	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_07m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_42m47s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_1925s.mp3	Nº 403	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_01m59s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_56m19s.mp3	Nº 404	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3	Nº 408	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lourival-Almeida-Edilena-e-Bernardina-Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_48m12s.mp3	Nº 410	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Margarida-Souza-Almeida_Jesus-E_Oriximina-PA_11-05-13_59m56s.mp3	Nº 411	Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_04m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Natanael-Guedes_Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_28m46s.mp3	Nº 412	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h07m57s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_06m05s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_07m10s.mp3	Nº 420	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Osvaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3	Nº 432	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Zuleide-Santos_Jesus_E._Oriximina-PA_07-07-2013_25m00s.mp3	Nº 435	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg	Nº 436	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Deuzarina Silva	Nº 27	Cf. Anexo 4
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4
	Esmerino Viana de Almeida	Nº 41	Cf. Anexo 4
	Evaldo Soares	Nº 43	Cf. Anexo 4
	Josivaldo Salgado de Souza	Nº 66	Cf. Anexo 4
	Legilda Oliveira dos Santos	Nº 68	Cf. Anexo 4
	Lourival Almeida	Nº 69	Cf. Anexo 4
	Manuel Profeta Neto dos Santos	Nº 79	Cf. Anexo 4
	Margarida Souza Almeida	Nº 80	Cf. Anexo 4
	Maria de Nazaré Vieira da Silva	Nº 86	Cf. Anexo 4
	Maria Zuleide Melo dos Santos	Nº 97	Cf. Anexo 4
	Natanael Guedes do Nascimento	Nº 103	Cf. Anexo 4
	Osvaldo Lopes	Nº 109	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Culinária tradicional				IDENTIFICADO		106
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	As principais fontes de proteínas na alimentação dos quilombolas de Oriximiná advêm da caça (de tatu, cotia, paca, veado, catitu, macaco, mutum), da pesca (das mais variadas espécies) e da captura de quelônios (jaboti, tartaruga, tracajá). Todas as carnes são especialmente saboreadas quando cozidas no leite da castanha: “Olha a gente gosta mais de carne de caça. No caso, o jabuti na castanha, ele é muito bom. Carne de paca, de veado, tudo na castanha é muito bom. O peixe pirarucu também, na castanha... É assim. Então, tem muita coisa. A castanha, ela fica em primeiro lugar” (José Lopes, Moura, 20.04.2013). Para o preparo do leite tão apreciado é preciso ralar a castanha uma a uma, geralmente em um ralador feito de um recipiente de lata: “Tira o vinho dela, tipo um leite e cozinha com a carne” (Raimundo Printes, Abuí, 23.04.2013). Outro alimento que não pode faltar na mesa dos quilombolas, assim como em várias comunidades tradicionais do Pará, é a farinha de mandioca. Ela não é simplesmente um acompanhamento, embora seja servida junto a outros alimentos, mas sim um componente essencial das principais refeições diárias. “Se faltar farinha, é como se não tivesse comido” – dizem muitos moradores. Da mandioca os quilombolas também fazem beijos variados para o café da manhã e o lanche, e, alguns, para vender na feira: o beiju-peteca, o beiju-cica e o beiju-d’água. Dentre os pratos mais lembrados nas oficinas de socialização do INRC aparecem: • Na área Alto Trombetas I: jaboti na castanha, mingau de manga com jerimum, beiju de mandioca com castanha e a própria farinha de mandioca; • Na área Alto Trombetas II: tracajá, ovo de tracajá, peixe-boi, pamonha com castanha, canjica de castanha, castanha cristalizada, bolinho de inajá, bolo de banana com castanha, cocada de castanha, quebra-queixo de castanha, paçoca de castanha, caças na castanha, beiju de crueira, vinhos de frutas (com e sem castanha), bolos e mingaus com castanha, piracuí, pirarucu à casaca, mujica, farinha de castanha; • Na área Erepecuru: jaboti, cutia e paca no leite da castanha, quebra-queixo, vinho de taperebá, cajuau e doces de castanha em geral.						
REGISTROS	Ariramba_beiju (1 e 2)				Nº 24	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Noca_Carvalho_L_Oriximina-PA_24-04-2013_34m40s.mp3				Nº 363	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Lopes_Sousa-F_Oriximina-PA_20-04-2013_52m25s.mp3	Nº 369	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Cosmo-Salgado_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_46m22s_mp3	Nº 385	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-das-Gracas_Sousa-F_Oriximina-PA_01-05-2013_37m53s.mp3	Nº 390	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_05m42s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_27m33s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_55s.mp3	Nº 400	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Cosmo Cordeiro Salgado	Nº 24	Cf. Anexo 4
	Dilma Salgado	Nº 28	Cf. Anexo 4
	José Lopes dos Santos	Nº 58	Cf. Anexo 4
	Maria das Graças do Carmo Xavier	Nº 84	Cf. Anexo 4
	Maria Adão (Noca)	Nº 81	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Extrativismo de pau-rosa				IDENTIFICADO		107
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Jamary, Território Jamary/Último Quilombo			
DESCRIÇÃO	O pau-rosa é uma árvore de grande porte (até 30 metros de altura) nativa da Amazônia. Dela se extrai um óleo essencial rico o linalol, uma substância essencial para a fixação de cosméticos e perfumes. O óleo é obtido a partir da destilação de qualquer parte da árvore, mas a madeira tem sido a fonte mais explorada. Tãmanha tem sido sua exploração ao longo da história (em alguns casos os extratores consomem até as raízes da planta), que a espécie atualmente está sob risco de extinção. No século passado o pai de José Pereira Rocha veio do Maranhão para o Pará a fim de trabalhar na extração do óleo do pau-rosa. Ele chegou pelo tempo de uma comissão que teve. A comissão era para tirar pau-rosa que tem bem ali no Igarapé Grande. E pra lá ele trabalhou. Sábado ele varava pra fora... E sabe lá? Foi ele foi embora, deixou esses filhos e tamo vivendo aqui. Ele vendia o pau rosa, tirava a madeira botava pra fora e traziam pra vender pra fora. Tirava o óleo do pau rosa. Eles tiravam o toro dela, bandava tudo as fatias e traziam de pra fora. Não tinha carro não, era trazido na costa do burro (José Pereira Rocha, Jamary, 19.04.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Pereira-Rocha_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_mp3				Nº 370	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Pereira da Rocha				Nº 61	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Medicina tradicional				IDENTIFICADO 108	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.	
DESCRIÇÃO	É bastante comum encontrar plantações de ervas medicinais nas casas dos quilombolas de Oriximiná, os quais conhecem grande variedade de plantas (cascas, raízes, folhas, sementes) e métodos populares de tratamento das doenças. Com frequência é pelo conhecimento tradicional que se curam, tendo em vista a confiança nos remédios caseiros e as dificuldades de acesso a tratamentos especializados em hospitais e postos médicos. A propósito, estes últimos costumam ser objeto de desconfiança dos mais velhos, que tendem a rejeitar os conceitos e métodos da ciência e da medicina oficial (WAGLEY, 1997). Peguei uma malária lá. Quase morre tudinho, papai, mamãe, meus dois irmãos, meu tio, tudo foi pra malária. Mas tomava um chá de saracurinha por lá, às vezes era carnaúba, que eram os remédios antigos. Aí quando tava com o beijo branco, muito branco, fazia o chá do açaí pra tomar pra dar o sangue. Quando tava com hepatite, tudo a gente ia bebendo, graças a Deus. Hoje não! Qualquer coisa vai pro hospital tomar injeção, médico. Eu não, eu vou bem pouco! Eu não largo meu remédio do mato! (Evaldo Soares, Aracuan do Meio, 06.05.13). Já para os mais jovens a falta de acesso ao sistema oficial de saúde é um problema grave que aflige as comunidades negras e demanda atenção dos poderes públicos, devendo se constituir como um dos principais objetos de luta do movimento quilombola. A nossa saúde continua fraca. Por todas as comunidades que nós andemos vocês viram como é a situação de nossa saúde. Se acontece um acidente? Como aconteceu comigo, não tinha nem uma lancha nem um transporte. O que eu tive que fazer era ir pro remédio caseiro, tomar pra ver que melhora. A saúde no nosso município está muito devagar. Se você for pra Oriximiná, não tem médico; quando tem médico, você fica agendado pro outro mês. Por isso que nós estamos lutando e se organizando, acompanhando todo o processo pra poder a gente ter uma coisa melhor. (Adimael Souza, São Joaquim, 11.05.13). O fato é que, tanto por crença quanto por falta de opção, a maioria dos adultos e até mesmo muitos jovens e crianças nos quilombos são usuários e praticantes de uma medicina popular e tradicional que vem sendo transmitida há gerações. Dona Maria Rosa, da comunidade Nova Esperança, no território Jamary-Último Quilombo, é uma das quilombolas que mais cultiva ervas medicinais. Seu quintal, pode-se dizer, é uma verdadeira farmácia: ela conhece todas as plantas pelo nome e pelas serventias, explicando o modo de uso de cada uma delas detalhadamente. Abaixo, seguem algumas receitas: De remédio para curar a “mãe do corpo”: Se mede quatro dedos de água e coloca. É para palpitação do homem e da mulher, chamada mãe do corpo. Ela dá no homem e na mulher. Homem, quando tá com a palpitação, de vez em quando manda puxar porque aquilo vem igual o coração. Dá aquela falta de ar, que ele fica assim ó... Até tonto. Não abaixa que dá tonteira. É a chamada mãe do corpo. Então pra esse remédio é a escada-de-jaboti, raiz de urucum, raiz de mucuracaá (Maria Rosa, Nova Esperança, 04.05.2013).					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	De remédio para inflamação no ouvido: Jucá do branco pra dor no ouvido. Murcha ele junto com o hortelãzinho do roxo. Aí faz a coisa e pinga quando o ouvido da criança tá inflamado, que cria aquele inchaço. Você vai fazer. Pega a merda do papagaio e coa com óleo, aí você vai pegar um aparelho de injeção, aí você faz o banho disso e dá uma descarga dentro do ouvido da criança, aquilo sai, escure junto com a bosta de papagaio, nunca mais vai sentir dor no ouvido. (Maria Rosa, Nova Esperança, 04.05.2013). No território Alto Trombetas os principais remédios caseiros mencionados durante a oficina de socialização do INRC foram os xaropes de cumaru e de jutaí, e os banhos de folha de limão e aturrá. No território Erepecuru os remédios mais lembrados são as pomadas caseiras preparadas à base de andiroba e copaíba, e de óleo de piquiá.
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_plantas-medicinais_nova-esperança_Nazareth_Oriximina-PA_04-05-2013.jpeg (1 a 5)	Nº 155	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Noca_Carvalho_L_Oriximina-PA_24-04-2013_34m40s.mp3	Nº 363	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Antonio-Dorao_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_31m04s.mp3	Nº 367	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Rosa-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_01h11m41s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Rosa-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_04m45s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Rosa-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_55s.mp3	Nº 377	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Vieira-da-Costa_Carvalho-L_Oriximina-PA_01-05-2013_33s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Vieira-da-Costa_Carvalho-L_Oriximina-PA_01-05-2013_36m31s.mp3	Nº 393	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_05m42s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_27m33s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_55s.mp3	Nº 400	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3	Nº 408	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h15m34s.mp3 A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_02m34s.mp3	Nº 417	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Apolonia-Lopes-Souza_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_08m09s.mp3	Nº 424	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lucila-Vieira_Jesus-E_Oriximina-PA_06-05-2013_24m44s.mp3	Nº 428	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Jose-Silva-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_21m47s.mp3	Nº 430	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Apolônia Lopes Souza	Nº 12	Cf. Anexo 4
	Dilma Salgado	Nº 28	Cf. Anexo 4
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4
	Josivaldo Salgado de Souza	Nº 66	Cf. Anexo 4
	Lucila Vieira	Nº 70	Cf. Anexo 4
	Maria de Nazaré Vieira da Silva	Nº 86	Cf. Anexo 4
	Maria José Vieira da Silva	Nº 90	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	Maria Rosa dos Santos	Nº 96	Cf. Anexo 4
	Raimunda de Aguiar Vieira	Nº 112	Cf. Anexo 4
	Rosivaldo Batista dos Santos	Nº 118	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Modo de beneficiar cacau				IDENTIFICADO		109
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Alto Trombetas, Trombetas e Erepecuru			
DESCRIÇÃO	Muitos negros escravizados trabalharam em plantações de cacau na região do Baixo Amazonas, reproduzindo esse tipo de cultivo nos mocambos que formaram na Bacia do Trombetas. Até hoje, apesar do declínio dessa produção na região, antigos cacauais – ou cacoais, como os chamam – ainda podem ser encontrados em sítios arqueológicos no alto dos rios. Nos territórios Alto Trombetas, Trombetas e Erepecuru foram feitas várias referências às plantações e ao consumo de cacau pelos quilombolas. Dona Maria Janete, do Bacabal (território Trombetas), conta que antigamente se preparava uma bebida achocolatada com cacau puro: “o pessoal comia à vontade, com café e chocolate do cacau puro torrado e ralado”. No território Alto Trombetas, Seu Claudomiro Viana, morador do Abuí, via a avó trabalhar em cacauais na Tapagem, para vender chocolate para comerciantes da cidade: A gente fazia o corte nesse tempo. Mês de abril, maio e junho é tempo de cacau. Era lá embaixo o cacau dela, perto da Tapagem, da minha avó e da minha mãe. A gente faz o corte dele. De lá você tira ele, espreme, tira aquele caldo. Daí de lá da semente você faz... Fazia aquele jirau grande e espalhava aquelas sacas de sarapilha em cima. Deixa o cacau lá, que ele secava. Depois de seco, torrava pra fazer o chocolate e vendia. Vendia de sacada de sarapilha naquele tempo. Dava [dinheiro]. Mas eu era menino naquele tempo. Aí foi o tempo que entrou um pessoal, fomos aumentando, e as árvores e os cacauais que os antigos deixavam, vinham esses curuminzão, bagunçavam e derrubavam as árvores. Agora é meio difícil ter esses cacauais. No meio da Tapagem era cacau. (Claudomiro Colé Viana, Abuí, 23.04.13)						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista_Miro_Sousa_F_Oriximina-PA				Nº 438	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Claudomiro Colé Viana				Nº 21	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer aluá				IDENTIFICADO		110
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Arancuan do Meio, Território Trombetas			
DESCRIÇÃO	Câmara Cascudo registra no verbete <i>aluá</i> do <i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i> que esta bebida pode ser feita por de abacaxi (ao que parece, a receita mais tradicional), milho ou arroz, e que é encontrada em várias partes do Brasil, principalmente no Norte e no Nordeste. Em toda parte, apresenta-se como uma bebida fermentada que tem fama de “agradável” e “refrescante”. Sobre a etimologia da palavra, o mestre folclorista afirma que variam as opiniões, se vem do africano, asiático ou do tupi. Moraes, que escreve aloá, diz que é derivado do vocábulo luá, água, na língua dos negros aussás, da Costa da Mina; e Macedo Soares, pensando que vem do tupi, acha que o termo aluá seja corruptela de aruá, coisa agradável, boa coisa, gostosa, apreciável... Macedo Soares apenas admite a possibilidade do vocábulo provir do nheengatu, aluá de aruá, escrevendo embora: ‘Não parece palavra da língua geral’. Pereira da Costa, citando Antônio Carmelo, evidencia o sinônimo que Macedo Soares sugerira. Antônio Carmelo: ‘As pretas africanas, à sombra de gameleiras parasitadas, vendem o aluá fresquíssimo’... (p. 67) Em antigas festas de santo e festas juninas no Oeste do Pará há diversas referências ao consumo de aluá, assim como ocorre nas comunidades quilombolas de Oriximiná. Dentre elas, foi também no território Trombetas, especificamente na comunidade Arancuan do Meio que se registrou o preparo dessa bebida para consumo na festa de São João Batista. A própria Ana Néri dos Santos, que ensinou a receita de tarubá, esclarece que o modo de preparo do aluá é muito semelhante ao dessa primeira bebida, porque também se baseia num processo de fermentação: “só que ele leva garapa de cana, a gente deixa ele afogado na garapa de cana”. Por isso, segundo ela, “fica muito mais forte”.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3				Nº 423	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Neri dos Santos				Nº 06	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer beiju-cica				IDENTIFICADO		111
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	O beiju-cica é um tipo de beiju de mandioca. É um beiju que muito rápido a gente faz. Arranca a mandioca de manhã, descasca, lava bem, rala ela, lava a massa, igual como faz o processo [da mandioca] d'água. Só que d'água tem que lavar mais, porque ela fica forte depois que apodrece. Da seca lava bem, enxuga, coa no crivo, pronto. À tarde já tá pronto pra fazer. Colocou o sal, colocou a castanha, se tiver, aí faz, é rapidinho. Pega uma tala, enrola assim, faz uma roda, coloca num forno quente, só vai colocando. É rapidinho, cinco minutos, dobra. Depois atora, desenha os pedaços bem bonitinho. Depois coloca pra secar, rápido. (Maria de Nazaré Vieira da Silva, Arancuan de Baixo, 06.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3				Nº 423	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria de Nazaré Vieira da Silva				Nº 86	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer caiçuma				IDENTIFICADO		112
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Comunidade Arancuan do Meio, Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	Caiçuma é uma bebida fermentada de provável origem indígena, encontrada no Norte do Brasil. Segundo o <i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i> de Câmara Cascudo, apresenta-se como: Bebida fermentada de frutas, geralmente pupunhas... ou milho cozido e mascado para facilitar a fermentação. O milho, grosseiramente pilado e empastado com água morna é posto a cozinhar em poecas de folhas de arumã ou pacova; quando cozido, uma parte é desmanhada pura e simplesmente na água, outra é desmanhada nela depois de conscientemente mascada. É um serviço em que se empregam todos os que estão presentes na casa, sem distinção. A bebida fica pronta no terceiro dia e é servida depois de cuidadosamente escumada (p. 222). A caiçuma preparada para a festa de São João Batista e para os dias de <i>puxirum</i>, na comunidade Arancuan do Meio, é feita de uma espécie de batata que não se come. Dona Ana Néri é quem dá a receita da bebida: É assim. Se você fizer agora de manhã, à tarde você pode tomar que ela já esta gostosa. A gente tem um tipo de batata que a gente não deixa comerem. Se comer, ela dá broca. Ela é tirada só mesmo pro beiju. É assim: você faz o mesmo processo do tarubá, só a puçanga agora é diferente, é de crueira seca. Você pega aquele monte de batata, lava bem, coloca no motor que serra mandioca e coloca em um carote cheio. Ela fica que nem um vinho de açai. O beiju você já está fazendo, deixa ele bem quente, bem torrado e depois você vai colocando o beiju dentro da aquela água da batata. O beiju, que está bem quente, cozinha a batata e fica bem cozida. Quando ele esfria, à tarde você já está começando a beber. Ela é forte e, além de tudo, essa batata, ela é remédio pra barriga de mulher. E é homem e mulher bêbado. Tem tempo que agente faz puxirum só com esse tipo de bebida. A gente toma e fica cheio, porque além de bebida é um alimento (Ana Neri dos Santos, Arancuan do Meio, 06.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3				Nº 423	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Neri dos Santos				Nº 06	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer doces de castanha				IDENTIFICADO		113
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Comunidade Arancuan do Meio, Território Trombetas			
DESCRIÇÃO	Os quilombolas, especialmente as mulheres, preparam variados tipos de doces derivados da castanha: quebra-queixo, beiju de mandioca com castanha, doce de leite de castanha, mingau, bolo, biscoito, bombom, bala. Cada doce tem sua receita, mas todos os modos de fazer pressupõem o beneficiamento caseiro da castanha. Ela pode ser quebradinha (em pedaços bem pequenos), ralada ou ralada e amassada (para extrair o líquido que chamam de leite), e está na base de todas as iguarias. A maioria das pessoas prepara os doces para consumo doméstico e/ou ocasiões especiais como festas e encontros, mas algumas comercializam os produtos em eventos, feiras ou sob encomenda. Seu Carlos Printes, coordenador da ARQMO e atualmente morador de Oriximiná, contraria a primazia feminina no preparo dos doces é uma referência local neste assunto.						
REGISTROS	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Antonio-Carlos-Printes_Jesus-E_Oriximina-PA 22min32seg				Nº 437	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Carlos Printes				Nº 20	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer farinha de mandioca			IDENTIFICADO		114
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	Em todas as comunidades quilombolas de Oriximiná a produção de farinha de mandioca (e outros derivados desta raiz) é uma atividade essencial para muitas famílias. Na maioria delas, a produção destina-se apenas ao autoconsumo, mas alguns produtores têm no comércio desse gênero uma importante fonte de renda. O modo de fazer a farinha envolve várias etapas de trabalho, que regularmente é realizado em coletividade: É feita assim: tira primeiro a quantidade pra colocar na água, depois tem um panelão ali com mandioca, que nós botamos pra fazer beiju, aí coloca pra amolecer a mandioca. Depois faz a mistura. A gente ceva ela, corta no motor, tira ela pra cevar. Ceva pra cortar, e de lá tira, espreme o tucupi, tira a tapioca, depois ceva a mole. De lá mistura. No outro dia, pega o tipiti, enche, mistura e bota pra espremer, depois coa, e faz o fogo debaixo do forno, aquece o forno, e joga, começa a escaldar, até ficar soltinha, depois joga pra cima, pra pegar o vento. Assim que vai mexendo, vai espanando e vai secando. Depois que tiver mais torrada, a gente coa (William, Cachoeira Porteira, 03.05.2013). A casa de farinha – geralmente uma estrutura de madeira coberta de palha e de chão batido – é o lugar que costuma reunir toda a família para o processo de produção da farinha e de outros derivados da mandioca. Trata-se de um espaço de uso comum, regido por práticas que tendem a elevar a produtividade do trabalho ao mesmo tempo em que favorecem a sociabilidade e a experiência coletiva. Em geral cada membro do grupo realiza uma atividade, numa espécie de linha de produção, e enquanto trabalham, conversam, contam histórias, ensinam e educam as crianças. Existem também práticas de troca de trabalho e empréstimo da casa de farinha entre parentes e vizinhos: Aqui tem uma [casa de farinha], bem aí na beira. Meu primo tem uma barraquinha onde ele mora, pra lá ele tem uma casa de farinha. Tem vezes que quando está muito seco pra lá, a gente faz [farinha] aqui. Às vezes a gente vai fazer farinha lá na roça dele. É assim. Quando a gente está trabalhando aqui, que tenho uma roça que está madura e [a roça de] o outro companheiro está verde, aí, se ele quer fazer na minha [com a minha mandioca], ele vem e faz de sociedade. Aí ele vai e faz lá na casa de farinha que a gente tem, lá ele faz, ele torra a dele e a gente fica com a da gente. É assim que a gente trabalha aqui (Manoel Francisco Xavier, Abuí, 23.04.13). Os instrumentos de trabalho usados nas casas de farinha têm se modernizado nas últimas décadas, por exemplo, com a substituição do forno de barro pelo forno de ferro (espécie de chapa), do tipiti pela prensa, do ralador pelo “rodete” e depois pelo motor. A principal vantagem dos instrumentos mais modernos é que eles demandam menos esforço físico dos produtores, como nos conta Cosmo Cordeiro: Antigamente, com os antigos que a gente trabalhava, no tempo dos meus pais, era feita farinha de mandioca ralada no ralo! Essa mão da gente aqui vivia					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	----	----	----	----	------	----

	acabada, tinha vez que fica quase em carne viva de tanto ralar mandioca. Abria uma lata de querosene, dividia a lata, fazia o ralo e pregava numa tábua. Fazia cinco ou seis alqueires de farinha só num ralo, não tinha motor, não tinha rodete, era no ralo! Aí foi, foi, depois conseguiram o rodete, fazia aquela roda grande, né!? Dois rodavam a roda e dois metiam a mandioca na roda. Depois, de uns tempos pra cá inventaram o motor, aí só um já ralava a mandioca (Cosmo Cordeiro, Curuçá, 19.04.2013). Mesmo com a substituição de alguns instrumentos de trabalho, a maioria dos quilombolas de Oriximiná mantém modos de fazer tradicionais e garante que sua farinha é de ótima qualidade, assim como no passado, muito embora alguns moradores mais idosos atestem que a farinha torrada em forno de barro, como se fazia antigamente, era mais saborosa. Em algumas comunidades têm sido experimentados novos métodos de produção, como conta Seu Manoel Francisco, do Abuí. De primeiro a gente pegava a mandioca e botava na água para deixar ela amolecer. Bem mole era tirada a mistura. Eram três dias pra você fazer uma farinha. Hoje não. Hoje nós aprendemos outro jeito de fazer farinha. A gente tira hoje, descasca, põe na água, quando é amanhã a gente vai e tira a mistura, descasca, prepara tudinho, ceva ela. A [mandioca] d'água tá lá. Depois, quando termina, que já está tudo mole, aí a gente ceva ela tudinho e mistura uma na outra, junta e deixa. No outro dia só vai preparar para torrar, tudo macio, bem maciinho. Assim já é o nosso costume de fazer, a gente já não deixa ela ficar bem mole assim. Aí é só como todo mundo trabalha, já é assim (Manoel Francisco Xavier, Abuí, 23.04.13).
--	---

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	Ariramba_mandioca (1 e 2)	Nº 35	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_mandioca_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1 a 6)	Nº 185	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_edione-salgado_ralando-mandioca_boa-vista-cuminá_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1 a 6)	Nº 211	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_pedro-salgado_ralando-mandioca_boa-vista-cuminá_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013. jpeg (1 a 5)	Nº 214	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_tranportando-mandioca_boa-vista-cuminá_Nazareth_Oriximina-PA_08-05-2013.jpeg (1 e 2)	Nº 216	Cf. Anexo 2
	F-Quilombos-Oriximina_mandioca-de-molho_pancada_Nazareth_Oriximina-PA_10-05-2013.jpeg (1 e 2)	Nº 239	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Francisco-Xavier_Carvalho_L_Oriximina-PA_23-04-2013_02m16s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Francisco-Xavier_Carvalho_L_Oriximina-PA_23-04-2013_40m07s.mp3	Nº 361	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Pereira-Rocha_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_mp3	Nº 370	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h07m57s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_06m05s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_07m10s.mp3	Nº 420	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lucila-Vieira_Jesus-E_Oriximina-PA_06-05-2013_24m44s.mp3	Nº 428	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Osvaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3	Nº 432	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos_Oriximina_Entrevista-Julia_Marcia_Guedes_do Nascimento_e_Deuzarina_Silva_Jesus-E_Oriximina-PA 39min36seg	Nº 436	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Adelson Gomes dos Santos	Nº 01	Cf. Anexo 4
	Benta Maria de Andrade Figueira	Nº 17	Cf. Anexo 4
	Deuzarina Silva	Nº 27	Cf. Anexo 4
	Evaldo Soares	Nº 43	Cf. Anexo 4
	José Vieira	Nº 64	Cf. Anexo 4
	Lucila Vieira	Nº 70	Cf. Anexo 4
	Osvaldo Lopes	Nº 109	Cf. Anexo 4
	Rosivaldo Batista dos Santos	Nº 118	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer óleo de andiroba				IDENTIFICADO		115
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR			
DESCRIÇÃO	A andirobeira é uma árvore de grande porte, que chega a atingir 30 metros de altura, comum na Amazônia brasileira. Sua casca é grossa, tem sabor amargo e desprende-se facilmente em grandes placas. Floresce no verão e frutifica no inverno. O fruto nasce numa espécie de cápsula que se abre quando cai da árvore, liberando as sementes, que são coletadas pelos quilombolas para a extração de um óleo que é muito apreciado na medicina local, em função de suas propriedades antissépticas, cicatrizantes e anti-inflamatórias. Dona Dilma Salgado, moradora da comunidade Boa Vista Cuminá, no Erepecuru, é produtora do óleo e vende-o por muitos vizinhos: Colhe as frutas todinhas ali no terreiro. Aí eu boto pra cozinhar. Cozinha. Depois de cozido é abafado. Aí depois de eu cozinhar, eu abafo. Com doze dias eu pego e corto tudinho. Aí eu sento, peço pras minhas filhas me ajudarem e elas me ajudam, aí eu tiro tudinho com a colher. Eu pego a colher e vou tirando. Aquela massa fica igual massa de castanha. Aí amasso e boto no sol. Aí, pego, amasso tudinho e ela escorre. Às vezes com seis dias, sete, ela já tá escorrendo. Primeiro uma água, eu faço morrão. Deixo escorrer primeiro uma água e depois de escorrer aquela água com dois dias, com três, que ela vai escorrer esse líquido aí. Isso aí pode tomar com copaíba, pra tosse de guariba. Um pouco de andiroba, três pingos de copaíba, pode você botar pra tosse de guariba. É só eu que trabalho com essa andiroba aqui. Tem muitos, mas não quer se dar o trabalho de tirar. Você pode passar um ano, passar dois anos, ela não endurece. Não endurece! Porque tem andiroba que ela endurece, mas essa daqui não. Mas eu vendo! (Dilma Salgado, Boa Vista Cuminá, 07.05.13).						
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_andiroba_são-joaquim_Nazareth_Oriximina-PA_10-05-2013.jpeg (1 a 3)				Nº 247	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_05m42s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_27m33s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_55s.mp3				Nº 400	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3				Nº 415	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Dilma Salgado				Nº 28	Cf. Anexo 4	
	Maria da Paz Melo dos Santos				Nº 82	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer óleo de castanha				IDENTIFICADO		116
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	No passado o óleo de castanha era muito utilizado na culinária dos quilombos. Dona Maria da Paz, moradora da comunidade Pancada, conta como fazia a extração: Nós descascamos a castanha. Uma caixa de castanha dá cinco litros de óleo. Ralava, coava e no outro dia ela ia coalhar aquele vinho. No outro dia tirava todo aquele coalhado e botava todo na panela. Fritava e ia brotando aquele óleo. Tirava, botava em outra vasilha. A gente deixava e no verão a gente refinava ela. Deixava ferver e depois coava. Aquilo acendia, era mesmo que um querosene pra acender! Podia deixar que no outro ano não estragava, ficava só o óleo. Eu cansei de tirar, agora que eu não tiro mais. Tirava só pra nossa despesa. Pra comer, fritar peixe, colocava no beiju pra temperar a panela. É gostoso, ainda mais se tirar dela torrada! (Maria da Paz Melo dos Santos, Pancada, 10.05.13).						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3				Nº 415	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria da Paz Melo dos Santos				Nº 82	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer óleo de copaíba				IDENTIFICADO		117
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR			
DESCRIÇÃO	Encontrada em abundância na floresta amazônica, a copaíba ou copaibeira é uma árvore frondosa e de grande porte, podendo atingir de 10 a 40 metros de altura quando está adulta. Suas sementes são muito apreciadas por pássaros e mamíferos que as propagam na floresta. Seu óleo possui um odor forte e é conhecido, extraído e utilizado por populações nativas da Amazônia há muito tempo. Os quilombolas de Oriximiná são reconhecidos como produtores de uma das melhores e mais puras qualidades de óleo de copaíba no estado do Pará. Com o aumento da procura pelo mesmo nos últimos anos, em função de inúmeros estudos e medicamentos preparados à base dele, muitos copaibeiros têm se dedicado ao comércio desse produto da floresta para sobreviver. O óleo de copaíba é usado como cicatrizante e anti-inflamatório, e acredita-se que tem o poder de curar e prevenir inúmeras doenças. Para sua extração faz-se uma incisão no tronco da árvore e através desse furo puxa-se o óleo, com auxílio de tubos ou canaletas.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3				Nº 415	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria da Paz Melo dos Santos				Nº 82	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer tapioca			IDENTIFICADO		118
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	A goma de tapioca é um derivado da produção de farinha de mandioca. Serve para fazer pratos salgados e doces. Sua principal forma de uso é nos beijus – moles ou duros – que são muito consumidos em todas as comunidades quilombolas de Oriximiná. O espaço de produção da goma de tapioca também é a casa de farinha. O modo de fazer a farinha envolve várias etapas de trabalho, que regularmente é realizado em coletividade: Faz a tapioca. Da mole, bota a mandioca n'água, aí quando estiver bem mole, lava ela bem lavadinha, bota o sal e faz na folha da banana. É, faz na folha da banana. Da dura não. Da dura mesmo a gente faz lá no fogo. Coa no crivo, vai só botar ela no forno e fazendo assim. Faz da dura e da mole. A gente leva muito lá pra Mineração pra vender, mas só que só da mole. (Raimunda de Aguiar Vieira, Arancuan de Baixo, 06.05.2013).					
REGISTROS	A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h15m34s.mp3 A-Quilombos de Oriximina_Conversa-Raimunda-Vieira-e-Maria-de-Nazare_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_02m34s.mp3			Nº 417	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Raimunda de Aguiar Vieira			Nº 112	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de caçador				IDENTIFICADO		119
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	A caça é uma atividade tradicional e essencial para a subsistência dos quilombolas de Oriximiná. É uma prática voltada para o autoconsumo e troca de donativos entre as famílias locais. Por exemplo, quando se mata uma caça grande como uma anta ou um veado, ou até mesmo um animal de pequeno porte como uma cotia, é de praxe fazer-se a divisão do alimento entre familiares e vizinhos. Depois de boas caçadas os quilombolas chegam a fazer reuniões para confraternizarem, consumindo juntos o alimento. Aqui é comunitário, ninguém vive individual, um pra cá outro pra ali. Eu não dou pro Seu Fulano, aqui não tem disso. Se eu pego uma caça, é tipo um mercado. É dividido pro Seu Fulano, Seu Beltrano, um pedaço pra um, pra outro. Tem vezes, quando tá todo mundo, faz só um almoço comunitário. Quando ele chega com a caça aí, já tem gente suficiente que chegou pra cuidar naquilo. Os outros vão cuidar, partir tudinho. É dividido. É como eu digo: tem uns que moram no final da ponta da comunidade, é tirado o deles e levado pra eles. Mas, de qualquer maneira, se um que mata uma cutia, nós todos participamos daquilo (Cosmo Cordeiro, Curuçá, 19.04. 2013). As caçadas são quase sempre feitas pelos homens e raramente uma mulher toma parte na atividade. Elas obedecem aos ciclos das chuvas e da seca, e também da frutificação das árvores da floresta. Em cada período aparece mais especialmente um tipo de animal – são as “safras” dos bichos, como diz Seu Gervásio, da comunidade do Ariramba. Os animais caçados com maior frequência são, segundo Seu Sebastião, do território Jamary-Último Quilombo: “paca, veado, porco, catitu, anta. A gente gosta de matar uma anta que dá mais, a gente mata, dá um mês, que não é preciso atacar a natureza” (Sebastião, Juquri-Grande, 20.04.2013). É costume dos quilombolas de Oriximiná comer carnes de caça cozidas no leite da castanha-do-pará. Para o preparo desse leite é preciso ralar a castanha uma a uma, geralmente em um ralador feito de um recipiente de lata. A caça é proibida no interior das Unidades de Conservação, e esta é uma das principais reclamações dos moradores que praticam extração de castanha nessas áreas, pois, impedidos de pescar e caçar, chegam a sofrer severas privações alimentares durante a temporada de coleta.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3				Nº 364	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Florezi_Sousa-F_Oriximina-PA_20-04-2013_16m14s.mp3				Nº 374	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Cosmo-Salgado_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_46m22s.mp3				Nº 385	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_01m59s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_04m40s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_07m59s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_08m57s.mp3	Nº 389	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Vieira-da-Costa_Carvalho-L_Oriximina-PA_01-05-2013_33s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Vieira-da-Costa_Carvalho-L_Oriximina-PA_01-05-2013_36m31s.mp3	Nº 393	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Carlos de Jesus Macaxeira	Nº 19	Cf. Anexo 4
	Maria Florecy Pereira de Jesus	Nº 87	Cf. Anexo 4
	Raimundo Printes do Carmo	Nº 114	Cf. Anexo 4
	Raimundo Vieira da Costa	Nº 116	Cf. Anexo 4
	Sebastião Andrade dos Santos	Nº 121	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer óleo de andiroba			IDENTIFICADO		120
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR			
DESCRIÇÃO	A andirobeira é uma árvore de grande porte, que chega a atingir 30 metros de altura, comum na Amazônia brasileira. Sua casca é grossa, tem sabor amargo e desprende-se facilmente em grandes placas. Floresce no verão e frutifica no inverno. O fruto nasce numa espécie de cápsula que se abre quando cai da árvore, liberando as sementes, que são coletadas pelos quilombolas para a extração de um óleo que é muito apreciado na medicina local, em função de suas propriedades antissépticas, cicatrizantes e anti-inflamatórias. Dona Dilma Salgado, moradora da comunidade Boa Vista Cuminá, no Erepecuru, é produtora do óleo e vende-o por muitos vizinhos: Colhe as frutas todinhas ali no terreiro. Aí eu boto pra cozinhar. Cozinha. Depois de cozido é abafado. Aí depois de eu cozinhar, eu abafo. Com doze dias eu pego e corto tudinho. Aí eu sento, peço pras minhas filhas me ajudarem e elas me ajudam, aí eu tiro tudinho com a colher. Eu pego a colher e vou tirando. Aquela massa fica igual massa de castanha. Aí amasso e boto no sol. Aí, pego, amasso tudinho e ela escorre. Às vezes com seis dias, sete, ela já tá escorrendo. Primeiro uma água, eu faço morrão. Deixo escorrer primeiro uma água e depois de escorrer aquela água com dois dias, com três, que ela vai escorrer esse líquido aí. Isso aí pode tomar com copaíba, pra tosse de guariba. Um pouco de andiroba, três pingos de copaíba, pode você botar pra tosse de guariba. É só eu que trabalho com essa andiroba aqui. Tem muitos, mas não quer se dar o trabalho de tirar. Você pode passar um ano, passar dois anos, ela não endurece. Não endurece! Porque tem andiroba que ela endurece, mas essa daqui não. Mas eu vendo! (Dilma Salgado, Boa Vista Cuminá, 07.05.13).					
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_andiroba_são-joaquim_Nazareth_Oriximina-PA_10-05-2013.jpeg (1 a 3)			Nº 247	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_05m42s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_27m33s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dilma-Salgado_Jesus_E_Oriximina-PA_08-05-2013_55s.mp3			Nº 400	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3			Nº 415	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Dilma Salgado			Nº 28	Cf. Anexo 4	
	Maria da Paz Melo dos Santos			Nº 82	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer tarubá				IDENTIFICADO		121
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	Tarubá é uma bebida à base de mandioca, muito antigas das comunidades indígenas do Oeste do Pará. Consumida especialmente em ocasiões festivas, por tradição ela é preparada por meio da fermentação da mandioca, lento processo pelo qual adquire teor alcoólico. Ultimamente, a fim de agilizar o preparo, tem-se usado misturar cachaça à bebida. Nas comunidades quilombolas de Oriximiná registrou-se o uso dessa bebida apenas no território Trombetas, mas constatou-se que hoje em dia há poucas pessoas que sabem fazê-la. Na comunidade Bacabal Dona Maria Janete Andrade sabe fazer tarubá, mas informa que “hoje ninguém faz”. Na comunidade de Jarauacá, o senhor Josivaldo Salgado informou que no passado se tratava de uma bebida muito tradicional e apreciada, que não podia faltar nas festas: “Geralmente a mamãe fazia tarubá pra gente tomar”. Apesar de não saber informar “se em outro lugar fazem aí”, acredita que o tarubá ainda é “uma das bebidas mais consumidas” nas festas. Em todo o território do Trombetas, é a comunidade de Arancuan do Meio que mais mantém essa tradição, particularmente na festa de seu padroeiro, São João Batista. Ana Néri dos Santos é uma das responsáveis pela preparação do tarubá e de outras bebidas típicas para a festa. Sua receita é a seguinte: O tarubá tem uma qualidade de uma mandioca que é a mandioca milho. A mandioca a gente limpa, prepara ela, rala e deixa ela lá, amontoada. Pega uma tigna, que a gente pega debaixo do forno, e deixa ela lá. No outro dia você já vai espremer ela. Faz o processo todo e vai para o forno. Você já faz os beijus. Quando você tiver fazendo os beijus, já deve estar preparando a puçanga dele. O que é a puçanga? Ela é uma árvore do mato, a gente chama pra ele curumim. Este curumim dá umas folhas que a gente vai torrando junto com o beiju. Pega o cuí do beiju e vai misturando lá com a puçanga. Depois a gente faz a calda que é a puçanga boa. A gente leva ela, soca e fica bem fina. Aí a gente pega o beiju que a gente já fez. Pega um paneiro novo ou uma peneira e leva os beiju todos dentro. Leva para beira. Chegando lá, você mete o beiju lá dentro da água. Aí ele sobe, você carrega e você mete aquela cuia com aquela puçanga lá dentro e deixa escorrer aquela água lá dentro. Faz três vezes e leva para terra. E vai colocar ele na cama. É um lugar assim, em cima, e põe palha folha de bananeira. Põe em cima da tábua, forra bem, põe uma camada de puçanga, uma camada de beiju e torna a jogar a puçanga em cima, assim. Você vai até terminar. Cobre ele, abafa e deixa ele ficar lá. É quando ele vai começar a ficar forte, com três dias ele tá começando a cheirar gostoso e já tá pronto. Você passa ele no crivo para tirar aquela massa, e depois pode beber. É a nossa cachaça! (Ana Néri dos Santos, Arancuan do Meio, 06.05.13)						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s				Nº 418	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3				Nº 423	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_01h26m17s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_13m10s.mp3	Nº 429	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Ana Maria Vieira dos Santos	Nº 05	Cf. Anexo 4
	Ana Neri dos Santos	Nº 06	Cf. Anexo 4
	Josivaldo Salgado de Souza	Nº 66	Cf. Anexo 4
	Maria Janete da Silva Andrade	Nº 88	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de agricultor				IDENTIFICADO		122
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	Nas comunidades quilombolas de Oriximiná diversas famílias vivem do trabalho na roça, conjugado com atividades de coleta. O principal cultivo é a mandioca: “planta em agosto, setembro, outubro, mas o roçado é feito entre junho e julho” – ensina William de Jesus, da Cachoeira Porteira. Mas também se plantam outros tubérculos como batata, cará e macaxeira, além de milho, feijão e muitas plantas frutíferas como melancia, banana, abacaxi, banana, goiaba, laranja, acerola e açaí, entre outros. A maioria dos produtos é consumida no espaço doméstico, garantindo a subsistência dos comunitários. O excedente, eventualmente, é comercializado na feira de Oriximiná. No entanto, é mais comum, que os produtores doem e/ou troquem esses excedentes uns com os outros, como presentes que circulam dentro da parentela e da vizinhança, de modo a garantirem uma variedade na alimentação da família ao mesmo tempo em que reforçam os laços de solidariedade na coletividade. Cabe ressaltar que inúmeros moradores vêm enfrentando crescentes dificuldades para fazerem suas roças devido às restrições impostas pelas Unidades de Conservação sobrepostas aos territórios quilombolas. Seu Raimundo Vieira, da Cachoeira Porteira, exemplifica as queixas acerca da fiscalização realizada pelo ICM-Bio e das privações que sua comunidade vem encarando, em função de terem porções de terra exíguas para os trabalhos agrícolas: “De uns certos tempos pra cá que ele [o ICM-Bio] vem querer atrapalhar. Não queria que agente desmatasse aí pra fazer roça, mas a gente tem que fazer roça! Senão, como é que a gente vai ficar, sem fazer roça”? Na comunidade de Curuçá, território Jamary-Último Quilombo, Cosmo Cordeiro também avalia que os roçados vêm diminuindo, mas os trabalhos agrícolas ainda mantêm “a despesa”, ou seja, o consumo necessário da casa: “Roça a gente tem, não muito, mas pra despesa a gente tem. Agora é assim, de ano em ano a gente faz. Todo ano tem que fazer. No ano que a gente não faz a roça, a gente fica sem a despesa” (Cosmo Cordeiro, Curuçá, 19.04.2013) Na comunidade do Moura, sobreposta pela Flona de Saracá-Taquera, a restrição à abertura de roçados, aliada à presença cada vez maior da Mineração Rio do Norte na localidade, vem impactando na diminuição da produção da farinha: O povo tá esquecendo e a cultura do branco tá totalmente vencendo a cultura do povo. Por exemplo, a Mineração do Rio do Norte briga com a gente por que a gente diz que ela é a única culpada, assim, da maioria de nós perder nossa cultura. Porque, hoje em dia, farinha aqui no Moura não tem mais! Ninguém quer produzir farinha porque todo mundo tá lá dentro da Mineração Rio do Norte, trabalhando no computador, negócio mais fino, dirigindo um carro... Isso não existia antes. Todo mundo tinha sua rocinha, seu plantio. Então, depois que a empresa chegou, acabou isso. Então, ela se sente culpada, ela mesmo, e a prova disso é que por isso ela também investe um pouquinho com a gente, né?						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	(Antônio Dorão, Erepecu, 04.05.13).					
	Na comunidade Boa Vista a situação é ainda mais grave que no Moura. Situada bem próxima a Porto de Trombetas, cidade-enclave da Mineração Rio do Norte e com um território exíguo para todas as famílias, a população local substitui as atividades produtivas tradicionais pelo assalariamento em postos de trabalho de baixa qualificação na empresa. Praticamente não há mais roçados como antigamente.					
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3	Nº 364	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina-Entrevista_Francisco-Xavier_Carvalho-L_Oriximina-PA_24-04-2013_01h06m39s.mp3	Nº 366	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Florezi_Sousa-F_Oriximina-PA_20-04-2013_16m14s.mp3	Nº 374	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Manoel-Regis_Sousa-F_Oriximina-PA_05-05-2013_23m37s.mp3	Nº 383	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivone-Pereira_Sousa-F_Oriximina-PA_02-05-2013_47m23s.mp3	Nº 388	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-das-Gracas_Sousa-F_Oriximina-PA_01-05-2013_37m53s.mp3	Nº 390	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_02m13s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_12m37s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_22s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_35m28s.mp3	Nº 391	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-William-de-Jesus_Sousa-F_02-05-2013_45m50s.mp3	Nº 397	Cf. Anexo 2			
CONTATOS	Cosmo Cordeiro Salgado	Nº 24	Cf. Anexo 4			
	Manoel Francisco Cordeiro Xavier	Nº 75	Cf. ANEXO 4			
	Manoel Francisco Valério Xavier	Nº 76	Cf. Anexo 4			
	Maria das Graças do Carmo Xavier	Nº 84	Cf. Anexo 4			
	Maria Florecy Pereira de Jesus	Nº 87	Cf. Anexo 4			
	Raimundo Printes do Carmo	Nº 114	Cf. Anexo 4			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de benzedor/benzedeira e puxador/puxadeira				IDENTIFICADO		123
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	As práticas de benzer e puxar são muito frequentes nas comunidades quilombolas de Oriximiná, assim como em outras regiões do estado do Pará, inclusive em áreas urbanas e atendidas pelo sistema oficial de saúde. Tais práticas normalmente são consideradas dons de nascerença, que podem ser desenvolvidos pelos indivíduos que os possuem no intuito de ajudar os outros a recuperarem a saúde, encarando-se esse fazer como uma missão. Em alguns casos, o indivíduo herda a função após a morte de algum familiar próximo, assumindo-a também como uma espécie de obrigação. Seu Sebastião, o puxador da comunidade Juquiri-Grande, explica sobre seu ofício: Isso eu acho que é um dom que a gente traz, que eu não aprendi isso com ninguém não. Eu tentei ajudar as pessoas, aí foi dando certo. Eu não sei como aconteceu. Agora eu conheço quando tá desmentido. Aqui na nossa comunidade a primeira vez que eu consertei... Eu tinha um irmão, ele morava no Mãe Cué, daí ele veio, ficou ali no meu barraco. De lá ele foi pra Mineração pra ver se ele arrumava um emprego lá. Aí, ele tinha a mulher dele que tinha um bebê de cinco anos e um de três anos. Aí o de três anos apanhou uma queda, aí ele se desmentiu. Quando cheguei da pescaria ele tava gritando, aí eu falei que eu ia ver o que eu fazia. Peguei o menino, peguei o óleo. Eu não sei se sabia consertar, eu sei que eu puxei o menino e ele dormiu. Quando foi de manhã, ele amanheceu normal. Ela foi, até me agradeceu. Eu não sei se fiz isso mesmo, só sei que o menino ficou bom. Aí, desde lá pra cá... A segunda vez, lá com a menina, ela é minha tia... Ela criava um menino que foi soltar da rabeta, tava liso lá no porto, ele caiu com a rabeta encima da coxa dele, abriu as cadeiras dele, não conseguiu mais andar. Colocaram na rabeta e levaram lá em casa. Puxei as cadeiras dele, quando saiu de lá andando, aí desde pra cá eu conserto. Eu não sei como é, mas eu conserto e eu conheço até quem tá e não tá desmentido (Sebastião, Juquiri-Grande, 20.04.2013). Benedores e benzedoiras, puxadores e puxadeiras são comumente procurados para tratar casos de doenças consideradas simples como vômito, febre, quebranto, desmentiduras (luxações), rasgaduras e dores de cabeça.						
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Francisco-Neuton-Fernandes-Reis_Jesus-E_Oriximina_PA-06-05-2013_28m42s.mp3				Nº 425	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Suani-da-Silva-Cruz-e-Ilda-Rosiane_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_29m15s.mp3				Nº 433	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_01m59s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_56m19s.mp3				Nº 404	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3				Nº 415	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_01h26m17s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Janete-da-Silva_Carvalho-L_Oriximina-PA_05-05-2013_13m10s.mp3	Nº 429	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Francisco Newton Fernandes Reis	Nº 46	Cf. Anexo 4
	Hilda Maria dos Santos	Nº 48	Cf. Anexo 4
	Manuel Profeta Neto dos Santos	Nº 79	Cf. Anexo 4
	Maria da Paz Melo dos Santos	Nº 82	Cf. Anexo 4
	Maria Janete da Silva Andrade	Nº 88	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de castanheiro				IDENTIFICADO		124
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Inverno, preferencialmente de dezembro a maio	de	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	Dos ofícios e saberes tradicionais dos quilombolas de Oriximiná o que mais se destaca é o extrativismo da castanha-do-pará ou castanha-do-brasil, que é considerada “o ouro do quilombo”. O ofício remonta à época da escravidão, quando os negros aquilombados já viviam da extração e venda desse produto para compradores da cidade. Naquela época, após a coleta eles empreendiam longas viagens comerciais clandestinas até as cidades de Oriximiná, Óbidos e Santarém, a fim de venderem o produto. Essas viagens eram feitas apenas durante as noites escuras, de dia faziam-se paradas em esconderijos nas matas e os negros evitavam fazer fogo onde pudessem ser avistados. Aportavam na cidade de madrugada, em portos de comerciantes de confiança com os quais estabeleciam trocas regulares. Foi estabelecido um sistema de organização e formas de produção para troca e consumo que lhes permitiu subsistir como unidades autônomas. No transcorrer do tempo observam-se situações e relacionamentos mais ou menos contínuos com comerciantes (regatões, marchantes ou marreteiros) que percorriam os rios. Paralelamente, em pequenos grupos, desciam clandestinamente a Óbidos e a Oriximiná para vender, aos compradores de confiança, os generosos cultivados ou extraídos da mata. Progressivamente, engajaram-se sob formas mais completas na coleta da castanha, na comercialização de peles, peixes e tartarugas, na condição de homens livres (ACEVEDO, CASTRO, 1998, p. 86). Conforme mostram Acevedo e Castro, graças ao comércio de castanha e outros produtos florestais, e à prática de roçados nos mocambos instalados ao longo dos rios, as comunidades negras se mantiveram de forma relativamente autônoma e perseveraram em Oriximiná. Mas, de todas as atividades produtivas praticadas a extração de castanha foi e é até hoje, indubitavelmente, aquela que caracteriza mais fortemente a população local, de modo que a identidade étnica de quilombola, na região, está diretamente associada à identidade profissional de castanheiro. A extração de castanhas é realizada no período chuvoso de inverno, que na Amazônia se estende por até seis meses, normalmente entre janeiro e junho (em alguns anos as chuvas podem se concentrar entre dezembro e maio). Dona Maria Salgado explica que o trabalho “começa em janeiro, aí fevereiro, março abril, maio, junho. Junho era o final da catação, que chamavam” (Maria Salgado, Juquirizinho, 19.04.2013). No passado essa atividade envolvia todos os membros da família, inclusive as crianças pequenas, durante semanas ou até meses inteiros passados dentro da floresta. Hoje em dia, é realizado principalmente pelos homens, já que as crianças têm que frequentar a escola e por isso não podem mais se deslocar por tanto tempo. Ainda assim, nas expedições de coleta mais curtas são levadas pelos pais para o castanhal, porque os quilombolas valorizam que se aprenda desde bem cedo a profissão. Foi como aconteceu com Seu Joaquim Grande, morador da comunidade do Ariramba:						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**PA****01****09****13****F1-1****A3**

Eu comecei a carregar castanha com meu pai com a idade de nove anos. E eu, de lá, depois de eu ficar maior, aí eu comecei a trabalhar aqui no Ariramba, comecei a trabalhar nos Campos Gerais. O papai ficava em casa e eu ia trabalhar na época da castanha... Aí ia meus irmãos e eu acompanhava também, ia meus primos, eu acompanhava (Joaquim dos Santos Oliveira, entrevista concedida a Luciana Carvalho em 27.11.12).

Na época de Seu Joaquim o percurso dos núcleos de povoamento até os castanhais era feito de canoa a remo e, dependendo da distância da comunidade, durava dois dias ou mais. Nos castanhais os extratores sobreviviam de caça, pesca e frutos extraídos da natureza. Como narra Dona Nazeazena, “ia de canoa, remando, não tinha negócio de motor, nada, era remando de canoa. Aí trabalhava aqueles tempos lá. Quando terminava, entregava lá pro patrão, comprava o que tinha de comprar, embarcava na canoa e vinha embora” (Nazeazena, Curuçá, 19.04.2013).

Os patrões, como no depoimento acima, são personagens muito lembrados pelos castanheiros, principalmente os das famílias Picanço Diniz, Guerreiro e Costa Lima. Como em outros ofícios extrativistas na Amazônia, o sistema de aviamento e patronagem imperou na economia da castanha em Oriximiná. Os extratores trabalhavam para supostos “donos” de castanhais, frequentemente pessoas que se apropriaram indevidamente de terras públicas e que mantinham os castanheiros reféns do endividamento combinado ao sistema do aviamento.

O patrão aviava o castanheiro para trabalhar em suas áreas de extração e lhes “dava” – na verdade, vendia a crédito para descontar depois – todas as ferramentas e provisões necessárias para a partida e o trabalho no castanhal. Durante a temporada de extração o patrão lhe enviava suprimentos e mercadorias por intermédio de barcos de comércio conhecidos como regatões.

Os regatões constituíam a principal forma de comércio conhecida pelos moradores das comunidades mais afastadas. Quando iam para os castanhais, levavam diversas mercadorias e também buscavam as castanhas coletadas, as quais eram armazenadas em construções rústicas chamadas paióis. Quando não entregavam a produção aos regatões, os extrativistas deviam descer o rio até a cidade para vender a castanha – e eventualmente outros produtos tirados da floresta – nas casas de comércio do patrão. Até as primeiras décadas do século XX a viagem à cidade era longa, levava dias. Era feita em embarcações à vela dotadas de “tolda” (cobertura), sob a qual se acendia fogo à lenha para o preparo de refeições. Debaixo dessa cobertura, também, as famílias se abrigavam do tempo e as crianças brincavam durante o percurso.

Até o final da safra toda a produção do castanheiro era “vendida” ao patrão, que dava o preço e o destino final ao produto. Do valor que a produção alcançasse descontavam-se todas as dívidas assumidas pelo extrativista antes e durante a expedição. Se houvesse saldo, o valor era pago em espécie ao castanheiro. No entanto, na maioria das vezes o extrativista se encontrava tão comprometido com as dívidas estimuladas pelo patrão, que nada lhe sobrava. Às vezes, chegava-se até mesmo a ficar devendo, pois a produção de castanhas não quitava a dívida. Dessa forma, o sistema de aviamento configurava a monopolização de terras e produtos da floresta, e tornava o castanheiro prisioneiro do seu próprio trabalho. Raramente os extrativistas chegavam a acumular ganhos. Muitos despendiam o pouco dinheiro que recebiam nas casas de

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
--------------------------------------	----	----	----	----	------	----

	comércio instaladas em comunidades mais acessíveis, que funcionavam também como espécies de “cabarés”. A minha vida foi trabalhar na castanha, fazer a minha rocinha. Eu trabalhava com o patrão, nesse tempo os patrões tomaram conta todos os castanhais. É que agente ia pro castanhal, essa arrumação de colocação com o patrão. Seu Pedro ainda chegou pra cá ainda vivo castanha e tinha dono. Ainda chegou pra cá, ainda vivo trabalhou empregado com Frederico (Máximo Cordeiro, Curuçá, 19.04.2013). Quando desciam dos castanhais diretamente para a sede de Oriximiná, no mês de junho, as famílias de castanheiros faziam compras para casa e aproveitavam para procurar serviços que só se encontravam na cidade. Muitas vezes, ficavam por lá até princípios de agosto, quando aproveitavam também participar dos festejos de Santo Antônio (padroeiro de Oriximiná), durante os quais se fazia a festa do castanheiro. O castanheiro, quando chegar mês de junho, vai ajustar as suas contas pra voltar pro seu local. Se trabalhou três vezes mais do que comprou, mas eu lhe garanto, meu senhor, que ele vem pro festival. Porque quando a gente baixa de lá no mês de junho, julho, agosto nós temos o festival de Oriximiná, a festa de nosso padroeiro aonde se inclui a festa do castanheiro. A festa cultural dos castanheiros entra nisso. Todo mundo já desce com algum dinheirinho no bolso, vai pra lá gastar, comprar alguma coisa. Se não tirou, mesmo assim, vai! (José Lopes, Moura, 20.04.2013). A partir da década de 1980, com a organização do movimento quilombola em vista da titulação das terras ocupadas pelas comunidades, os negros voltaram a ter acesso relativamente livre às áreas de castanhais que haviam sido “privatizadas” pelos patrões. Relativamente livre porque, por um lado, com as titulações dos territórios, os extratores puderam gerir de forma autônoma suas terras e os recursos naturais nelas disponíveis. Mas, por outro lado, desde a década de 1970, passaram também a experimentar restrições de acesso aos castanhais que foram abrangidos pela demarcação de Unidades de Conservação, especialmente a Reserva Biológica do Trombetas, que é uma área de proteção integral e não admite a exploração humana. Desde os anos 1990 até o presente a ARQMO vem travando negociações com os órgãos gestores das Unidades de Conservação para liberar e regar o acesso aos castanhais atingidos por elas. Com algum sucesso, vêm sendo estabelecidos acordos para garantir o direito de entrada e permanência dos castanheiros dos quilombos nas áreas protegidas, a fim de extraírem castanhas. No bojo desses esforços, a ARQMO e a Comissão Pró Índio de São Paulo (CPI-SP), com o apoio financeiro da Comissão Europeia e da Organização Intereclesiástica para a Cooperação ao Desenvolvimento (ICCO), estruturaram na região o Projeto Manejo dos Territórios Quilombolas, que tem como ação prioritária a exploração da castanha-do-pará com base nos princípios da responsabilidade socioambiental. Resultou do Projeto Manejo a criação de uma entidade, a Cooperativa dos Quilombos (CEQMO), que oferece aos quilombolas extrativistas uma estrutura de transporte (barcos e canoas com motores <i>rabetas</i>), armazenamento (paióis e armazéns) e comercialização da castanha e que garante a qualidade do produto até o seu destino final.
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m45s.mp3	Nº 422	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m51s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_32m01s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h07m57s.mp3	Nº 420	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_06m05s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_07m10s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Madeira-dos-Santos-Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_45m06s.mp3	Nº 426	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_01m59s	Nº 404	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_56m19s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3	Nº 415	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Nelton-Oliveira-de-Figueiredo_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_36m49s.mp3	Nº 431	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3	Nº 413	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Altino Régis de Melo	Nº 04	Cf. Anexo 4
	Carlos de Jesus Macaxeira	Nº 19	Cf. Anexo 4
	Evaldo Soares	Nº 43	Cf. Anexo 4
	Joaquim dos Santos Oliveira	Nº 55	Cf. Anexo 4
	José Madeira dos Santos	Nº 59	Cf. Anexo 4
	Manuel Profeta Neto dos Santos	Nº 79	Cf. Anexo 4
	Maria da Paz Melo dos Santos	Nº 82	Cf. Anexo 4
	Neuton Oliveira de Figueiredo	Nº 105	Cf. Anexo 4
	Patrício da Silva Souza	Nº 110	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de coletor de açaí			IDENTIFICADO		125
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	O açaí é um fruto típico da Amazônia, que nasce numa palmeira alta popularmente chamada açazeiro. Há muitos açazeiros nas comunidades quilombolas e com frequência os moradores coletam o fruto para a alimentação. Para tanto, escalam a palmeira com auxílio de uma peconha que amarram aos pés, atando-os ao tronco. O desempenho da atividade de coletor de açaí com fins comerciais, porém, não é verificada com a mesma frequência. Ultimamente tem-se observado seu crescimento no território Ariramba.					
REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_açaizal_cachoeira-porteira_Nazareth_Oriximina-PA_02-05-2013.jpeg (1)			Nº 166	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Gervásio dos Santos Oliveira			Nº 47	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de copaibeiro			IDENTIFICADO		126
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Verão	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	Depois da castanha, o óleo da copaíba é o principal produto trabalhado pelos remanescentes de quilombos de Oriximiná, que o extraem para vender para a Cooperativa dos Quilombos, para empresas que cada vez mais buscam negociar com as comunidades, ou, ainda, para marreteiros que, como no passado, pagam preços irrisórios pelo produto. Ele tá morando agora em Belém, já tem um empregado que fica comprando pra ele agora, ai compra e manda pra ele pra Belém e ai ele dizia que ele não aumentava o preço da castanha e não aumentava o preço da copaíba porque não tinha quem competisse com ele no preço, ai a hora que aparecesse outro comprador ele suspendia o preço, se ele não encontrasse ele dava o preço que ele queria, nós vendíamos copaíba pra ele de R\$ 3,00 (três) reais e R\$ 3,50 (três reais e cinquenta centavos) o litro, ai foi, foi ele passou pra R\$ 6,00 (seis reais) de seis foi pra sete, mas isso era muito tempo pra ele passar, ai foi aparecendo outros compradores e ele foi aumentando, até que nós encontramos essa cooperativa, ai conseguimos parceiros pra correr atrás de preço para ir pra mais longe, ai veio um empresário pra comprar copaíba nossa, aí ele botou um preço de R\$ 20,00 (vinte reais) o litro, ai ele já pôs para R\$ 17,00 o litro agora, mas o preço da cooperativa tá R\$ 20,00 (vinte reais) e ele está dando dezessete ai o pessoal já vende pra cooperativa. Ai ele parou mais a produção dele agora de copaíba (Francisco Xavier, Abuí, 23.04.2013). Sebastião, por exemplo, é extrator de óleo de copaíba e o faz para o complemento da renda familiar: “Não dá bem, mas é melhor do que tirar madeira, ou tirar breu, ou tirar andiroba, copaíba dá melhor. A copaíba agente consegue tirar até cinco litros no dia e a cooperativa compra por vinte reais o litro” (Sebastião, Juquiri-Grande, 20.04.2013).					
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Francisco-Xavier_Carvalho_L_Oriximina-PA_23-04-2013_02m16s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Francisco-Xavier_Carvalho_L_Oriximina-PA_23-04-2013_40m07s.mp3			Nº 361	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Rocha-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_01h12m50s.mp3			Nº 371	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_01m59s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_04m40s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_07m59s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Manoel-Vieira-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_08m57s.mp3			Nº 389	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Rocha dos Santos Sousa			Nº 62	Cf. Anexo 4	
	Manoel Francisco Valério Xavier			Nº 76	Cf. Anexo 4	
	Sebastião Andrade dos Santos			Nº 121	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de curador/sacaca				IDENTIFICADO		127
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Território Trombetas		
DESCRIÇÃO	O curador, também conhecido como sacaca e às vezes referido como pajé, é um personagem muito importante na região amazônica. A ele cabem práticas tradicionais de cura de doenças físicas e espirituais, especialmente aquelas provocadas por <i>encantados</i> (ver item 32), que só ele pode curar, segundo a crença regional. Como mostra Reginaldo Prandi, a crença fundamental da pajelança cabocla reside na figura do encantado. Apesar de algumas variações nas crenças de região para região da Amazônia, entre aquelas já estudadas e descritas por antropólogos, folcloristas e outros escritores, a crença nos encantados se referem a seres que são considerados normalmente invisíveis às pessoas comuns e que habitam “no fundo”, isto é, uma região abaixo da superfície terrestre, subterrânea ou aquática, conhecida como o “encante” (PRANDI, 2004, p. 17). Os curadores fazem parte do mundo diário, mas nem por isso menos fantástico, da vida de moradores de diversas comunidades tradicionais, que mantêm uma relação muito próxima com elementos da natureza, entre os quais os referidos <i>encantados</i>. Acredita-se que eles veem e ouvem coisas que os comuns não enxergam e não escutam; “fazem seus trabalhos” principalmente em bocas de rios, poços, lagos, pontas de pedra e lugares considerados sagrados dentro das matas, de onde frequentemente se deslocam sob forma de animal, para cidades <i>encantadas</i> e outros <i>encantes</i> onde travam contatos com seres sobrenaturais. Os grandes pajés, no consenso geral de Itá... tinham o título de “sacacas”. Dizia-se que esses poderosos feiticeiros tratavam familiarmente numerosos espíritos que os ajudavam em suas curas; eram capazes de percorrer enormes distâncias sob a água e permanecer mergulhados durante dias e até semanas. Esse dom que possuíam distinguia-os dos pajés menos poderosos que hoje servem a população de Itá. Corre que os “sacacas” usavam a pele de uma cobra grande durante suas viagens sob a água. Cada um deles possuía um lugar particular à margem do rio, a que chamavam de seu “porto” e de onde mergulhavam no reino encantado das profundezas do Rio Amazonas ou para suas viagens submarinas (WAGLEY, 1988, p.228). Nos quilombos de Oriximiná o mais famoso curador/sacaca foi o senhor Baldoíno Melo, o chamado <i>Velho Baldoíno</i>. Seu Dometilo, da comunidade de Tapagem, conheceu muito bem esse curador, pois era amigo de seu filho, e conta que ele tinha o mesmo hábito, narrado por Wagley, de mergulhar e passar tempo no fundo das águas: Ele começou doido, diz ele que ficava doido mesmo de cair n’água. Só tinha um filho, por nome Dorvalino, que morreu ano retrasado, que aguentava junto dele. Então o velho Baldoíno, depois de eu casar, com família, eu ia pra lá conversar com ele e ele me contava. Ele começou desde sete anos, ele leso mesmo! O Dorvalino ainda teve muito junto dessa <i>lesice</i> dele... Nos locais onde Baldoíno costumava mergulhar, como é o caso da Ponta do Galção (Garção) na comunidade da Serrinha, são frequentes os casos de pessoas que viram visagens e ficaram perturbadas.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**PA****01****09****13****F1-1****A3**

Baldoíno Melo foi e é reconhecido até hoje como o “maior curador de todos os tempos”, o “maioral”, não só na comunidade da Serrinha, onde morou e faleceu, mas em todos os territórios quilombolas de Oriximiná e até mesmo fora da cidade. Ele atendia a chamados de todas as comunidades dos rios Trombetas e Erepecuru, e recebia quase que diariamente vários visitantes/pacientes em sua casa na Serrinha. Nela ele reservava um espaço sagrado, aos fundos da residência, para fazer seus atendimentos.

Conta-se que ele misteriosamente sempre previa quando alguém viria procurá-lo. Quando a pessoa chegava à sua casa, segundo os relatos de seus familiares e conhecidos, ele costumava dizer: “Eu já sabia que você vinha”. Seu principal instrumento de trabalho para as previsões era um espelho no qual ele antevia o futuro das pessoas. Altino Melo afirma que “ele enxergava muita coisa” naquele espelho: “Tudo que ele sentia que ia acontecer, ele chamava a Francisca, que era a mulher dele, e mostrava no espelho, olha vai chegar tal dia gente doente”. Ao paciente, ele dizia logo se a doença tinha ou não tratamento. Quando tinha cura, o sujeito já ficava hospedado em sua casa para se tratar, às vezes por vários dias seguidos.

Baldoíno é lembrado com extremo respeito e admiração nas memórias de muitos quilombolas, e é reverenciado na comunidade da Serrinha, onde vivem muitos descendentes seus. Na Igreja de São José que existe na localidade, ao lado do altar exibem-se fotografias do curador e da esposa. Na camiseta da escola local também se exibe a imagem de seu rosto. E nas atitudes dos moradores, mesmo nas mais silenciosas, sente-se o peso da influência do *Velho Baldoíno*. Como nos contou Francisco Neuton Reis, ele ainda é tido como protetor local: “A Ponta do Galção a gente respeita porque é um pedido do Velho Baldoíno. Ele sempre dizia pra gente não duvidar da Ponta do Galção, porque tinha um encante, mas era um encante dele. Ele continua sendo um protetor aqui da comunidade”.

Depois de Baldoíno, diz-se que nunca mais se conheceu um curador tão bom em Oriximiná, embora haja curadores atuando em quase todas as áreas quilombolas. Diz-se que eles tratam doenças relativamente simples e casos de encantamentos que são frequentes, mas que não têm a mesma força do finado Baldoíno, que sabia lidar com casos especialmente difíceis e tinha dom das previsões. Às vezes, quando se julgam diante de um desafio mais complexo, quilombolas de Oriximiná recorrem a um curador mais jovem, chamado Pedrinho, que atendia no Paraná de Óbidos até recentemente, estando atualmente instalado na cidade de Curuá. Pedrinho recebeu, anos atrás, o espelho de Baldoíno, que lhe foi doado por um neto do famoso curador: “Depois que ele morreu, foi pro Durvalino, o filho mais velho dele, que também fazia uns trabalhos. Depois que ele faleceu, levaram para o Pedrinho lá de Óbidos. Foi um filho do velho Durvalino que levou pra ele”, explica Altino Melo.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

REGISTROS	F-Quilombos-Oriximina_quadro-baldoino-na-escola_serrinha_Nazareth_Oriximina-PA_07-05-2013.jpeg (1 a 4)	Nº 332	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Dometilo-Aloisio- outros_Carvalho_L_Oriximina-PA_25-04-2013_2h22m01s.mp3	Nº 354	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Raquel-e-Nilo_Carvalho- L_Oriximina-PA_25-04-2013_01h08m03s (1)	Nº 356	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Waldemar-dos-Santos_Carvalho- L_Oriximina-PA_03-05-2013_01h22m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Waldemar-dos-Santos_Carvalho- L_Oriximina-PA_03-05-2013_06m52s.mp3	Nº 396	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina- PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina- PA_10-05-2013_35m05s.mp3	Nº 408	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira- Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e- Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3	Nº 419	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Jocinele-Melo-e-Maria- Raimunda-Correa_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01m33s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Jocinele-Melo-e-Maria- Raimunda-Correa_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_06m30s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Jocinele-Melo-e-Maria- Raimunda-Correa_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_31m11s.mp3	Nº 421	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho- L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m45s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho- L_Oriximina-PA_06-05-2013_03m51s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Altino-Regis-de-Melo_Carvalho- L_Oriximina-PA_06-05-2013_32m01s.mp3	Nº 422	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Nelton-Oliveira-de- Figueiredo_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_36m49s.mp3	Nº 431	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista_Miro_Sousa_F_Oriximina-PA 54min49seg	Nº 438	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Altino Régis de Melo	Nº 04	Cf. Anexo 4
	Carlos de Jesus Macaxeira	Nº 19	Cf. Anexo 4
	Dometilo Xavier	Nº 30	Cf. Anexo 4
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4
	Hilda Maria dos Santos	Nº 48	Cf. Anexo 4
	José Manoel Guedes de Melo	Nº 60	Cf. Anexo 4
	Josivaldo Salgado de Souza	Nº 66	Cf. Anexo 4
	Maria de Nazaré Vieira da Silva	Nº 86	Cf. Anexo 4
	Maria Jocinele L. Melo	Nº 89	Cf. Anexo 4
	Neuton Oliveira de Figueiredo	Nº 105	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de gateiro				IDENTIFICADO SIM NÃO		128
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	Gateiro é o nome popular que se dá ao caçador de felinos, uma profissão que atraiu muitos quilombolas no passado, antes das proibições de caça e da chegada do Ibama nas áreas do Alto Erepecuru e do Alto Trombetas. Os gateiros caçavam para vender peles de animais para comerciantes nas cidades de Óbidos, Oriximiná e Santarém. Joaquim dos Santos Oliveira, morador da comunidade do Ariramba, adquiriu fama entre os quilombolas de Oriximiná como caçador de onças e répteis, função da qual se diz arrependido: Nós só procurávamos os peixes grandes, para matar, que nessa época era liberto esse negócio de couro de jacaré, cobra, tudo a gente vendia. Tinha empresa que comprava, tinha comprador em Oriximiná, vinha de Belém, vinha de outras partes. Aí nesse Erepecuru eu comecei a trabalhar com oito anos, com meus irmãos, com meus tios, com meus primos, trabalhando... Aí foi o tempo em que chegou a proibição, já está fazendo mais de 30 anos. Aí eu cheguei para os meus primos, meus tios e disse: olha, já tem esse negócio dessa proibição, não adianta nós tentar! Aí de repente pegam a gente e no que vai resultar? Vamos parar, vamos procurar outro ramo de vida. Aí eu continuei na minha lavoura, fazendo minha roça, plantando minha banana, meu milho, meu arroz. Continuei no mesmo ramo, nesse ramo e meus filhos também. Eu dei graças a Deus porque eles não tiveram aquela ideia de ter a profissão que eu tinha. (Entrevista concedida a Luciana Carvalho em 29/11/2012, na comunidade do Ariramba). O Rio Erepecuru e o Igarapé Ariramba são conhecidos como áreas muito propícias para a caça, povoadas por onças e outros animais de pele e couro de interesse comercial. Tanto que um antigo conhecido de Joaquim Grande, Seu Waldemar dos Santos, deixava sua casa na Cachoeira Porteira, no Alto Trombetas, para se embrenhar durante meses naquela região, até que ficou “desempregado” quando surgiu a proibição do comércio de peles. Afinal de contas nós paramos de trabalhar porque chegou ao fim a caçada de gato. Todo movimento da caçada de gato, que era um garimpo pra nós... Que facilidade e dinheiro como naquela época... Conheci muito o Joaquim Grande, dali do Erepecuru, né? Não chegamos a trabalhar juntos, mas conhecimento assim de serviço nós tinha muito. Inclusive nós discute, assim, negócio de rio, do Erepecuru, o ponto das coisas e tal. Olhe eu andei tudo por aí, pelas fronteiras. Ia até o Erepecuru, de lá subia, que dava muito gato assim em tal ponto assim. Fui lá no Ariramba, nessa época dava muito pirarucu, nós circulava esse rio, os gateiros. Olha, o meu conhecimento, eu tinha conhecimento... Varamos nas fronteiras do Suriname, varamos por aqui, passamos pelas terras do Oiapoque... (Waldemar dos Santos, Cachoeira Porteira, 03.05.13). José Madeira dos Santos, morador do Arancuan de Baixo, território Trombetas, foi outro quilombola que se dedicou ao ofício de gateiro e nele juntou muitas histórias para contar agora, aos 78 anos de idade: Eu já cacei muito, já pesquei... Quando eu era molecão, na idade de quinze anos, aqui a gente saía. Essa tartaruga grande, a gente agarrava assim e enchia a canoa e vendia. Nesse tempo era quinhentos reis de cruzeiro uma tartaruga bem grande, pirarucu, peixe-boi. Tempo de fantasia... Dava muita onça. Eu entrei dentro desse rio aqui, fui parar no fim, onze meses eu passei sem ver a cara de						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	uma mulher. Só via cara de bicho, cara de macaco, de onça, de anta. Eu trabalhei seis anos de gateiro. Nós matava muito bicho. De lá o IBAMA proibiu. A gente matava bicho, às vezes, pra tirar um pedaço. Matava dez, quinze, vinte, sessenta, tirava um pedacinho e o resto ficava jogado. O bicho daí não corre de ninguém. Mutum de lá, eles vem em cima da senhora pra beliscar, eles não correm. Nenhum bicho, jacamim, caititu, porquinho do mato... Ele bate o pé pro lado da gente e mete a gente na roda, e, se você não subir alto, ele acaba mordendo a gente! Queixada, porco grande! (José Madeira dos Santos, Arancuan de Baixo, 06.05.13).				
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Jose-Madeira-dos-Santos-Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_45m06s.mp3	Nº 426	Cf. Anexo 2		
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Waldemar-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_03-05-2013_01h22m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Waldemar-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_03-05-2013_06m52s.mp3	Nº 397	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Joaquim dos Santos Oliveira	Nº 55	Cf. Anexo 4		
CONTATOS	José Madeira dos Santos	Nº 59	Cf. Anexo 4		
	Waldemar dos Santos	Nº 125	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de parteira				IDENTIFICADO ☐ SIM ☒ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	O ofício de parteira, tão antigo quanto a própria humanidade, ainda é relativamente comum na Amazônia, embora venha perdendo espaço na proporção em que aumenta a facilitação do acesso aos hospitais na região. Trata-se de um ofício essencialmente feminino, que tradicionalmente costumava ser passado entre mulheres de uma mesma família de modo informal. Em regra, a filha ou a sobrinha de uma parteira acompanhava a mãe no atendimento a parturientes, ajudando-a, de modo que assim adquiria conhecimentos e prática na função. Entretanto, a partir do século XIX o ofício começou a ser regulamentado, implicando modos formais de transmissão dos conhecimentos sobre o parto em escolas de medicina e enfermagem. Nas últimas décadas do século XX, ter filhos fora do atendimento médico especializado foi considerado um sinal de atraso e insuficiência do sistema de saúde, ficando as parteiras tradicionais associadas a pechas de curandeirismo e à clandestinidade. Mais recentemente tem havido movimentos de reconhecimento e valorização do trabalho das parteiras, inclusive no âmbito do próprio IPHAN, e cresce entre mulheres instruídas de classe média a opção pelo chamado “parto humanizado”, acompanhado por parteiras e doulas. De todo modo, nas comunidades quilombolas de Oriximiná a maioria das mulheres já procura se programar para ter filho na maternidade da cidade. Estão em menor número aquelas que preferem recorrer às parteiras, como fizeram suas antepassadas. Para estas, no território do Alto Trombetas, por exemplo, é Dona Edith Printes quem trabalha. Natural do Abuí, ela conta que aprendeu o ofício com uma tia e ainda parteja, mas “só quando tem essas mulheres que não gostam de ir pro hospital, que gostam de ter em casa normal”. Seu Manoel Francisco, na mesma comunidade, ressalta uma curiosidade do lugar: “Aqui tinha um parteiro, mas ele já morreu. A esposa dele, era ele que partejava, era ele mesmo! É o Antônio dos Anjos. Todos os filhos dela era ele que aparava. Ele não ocupava ninguém”! No território Trombetas, a senhora Ana Néri dos Santos herdou a profissão da mãe, conforme conta sua irmã: Minha mãe foi parteira e ela foi acompanhando. Com o tempo minha mãe foi perdendo a visão e ser parteira ficou para ela. Agora ela já está levando outro para ter esse conhecimento, e assim vão passando de um para o outro, aí não perde a tradição. O primeiro parto que ela fez foi o da minha irmã. A minha mãe ia dizendo pra ela e ela ia fazendo (Ana Maria Vieira dos Santos, Arancuan do Meio, 06.05.13). Ana Néri acredita que o importante é não deixar os conhecimentos tradicionais saírem da família: A gente vem de seis irmãos e quatro irmãs. Nós somos dez. Desses dez tem eu e ela, que já faz alguma coisa que eu já ensinei. Cada um deles tem um dom: tenho um irmão que conserta, tem uns que benzem, são os nossos médicos. Eu					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**PA****01****09****13****F1-1****A3**

tive essa curiosidade de aprender. Eu partejei, eu tinha quinze anos. Na época era muito difícil a saúde. E ainda é! Hoje em dia eu tenho feito, graças a Deus já fiz vários partos, eu nunca perdi uma criança. Já fiz vários partos. Já fiz lá pelo Salgado, tudo por aí, quase só de primeiro filho (Ana Néri dos Santos, Arancuan do Meio, 06.05.13).

No território Jamary-Último Quilombo a parteira de referência é Dona Maria Rosa, moradora da comunidade de Nova Esperança. Desde os 20 anos de idade ela pratica esse ofício, que aprendeu com a mãe, que também era parteira: “Minha mãe *partejava de carta*. Aí eu comecei a ver como minha mãe fazia, e eu me habilitei com regimento também”. “Partejar de carta”, como diz ela, significava atender às solicitações que as parturientes faziam por meio de cartas, programando-se com antecedência para o chamado. Desde o início na profissão, ela já perdeu as contas dos partos que assistiu: “Só aqui [no território onde mora] já assisti 30 e pouco... Assisti a mulher do Zé, fiz o parto da filha do Rui, da Fátima, vários! Já partejei moça de primeiro filho. Sempre assim, tenho feito vários partos” (Maria Rosa, Nova Esperança, 04.05.2013).

Uma especialidade de Maria Rosa é o uso de ervas medicinais durante o trabalho de parto e no pós-parto. A parteira ajuda a mulher a ter o bebê, ampara-o no nascimento e dá-lhe um banho preparado com ervas em água morna: “No hospital dão logo banho frio né? Em casa é outro regulamento. Você põe uma água no fogo, pega umas folhas de manjerição e esfrega naquele banho”. Após esse banho ela corte o cordão umbilical:

Aí você mede quantos dedos assim, pra você cortar o umbigo da criança. Você corta o umbigo, amara bem apertado. Aí você pega o ferro, mete lá no fogo. Quando tá quente, você vai queimar aquela coisa do umbigo, sabe, pra não evacuar sangue. Aí, depois daquilo estar queimado, você pega o algodão, embrulha aqui, amarra aqui, coloca o penso, aí atraca bem atracadinho, aí você vai vestir a roupinha dele. Ajeita bem a criança pra colocar do lado da mãe, sabe? Pra mãe dar colo pra criança (Maria Rosa, Nova Esperança, 04.05.13).

Para que o umbigo da criança não sangre Maria Rosa prepara um remédio especial:

Pega lá, você corta em tora de taberebá, um filhotão de taperebá. Aí, você cava o buraco. Por exemplo, aqui é a rede da paciente, né? Aí você cava o buraco, coloca aquele pau, aí se diz: ‘Olha, esse aqui é teu pai, essa aqui é tua mãe!’ Porque vai sair sangue, vai sangrar, né? E fazendo o remédio, não sangra, aí pronto! (Maria Rosa, Nova Esperança, 04.05/13).

Na comunidade da Pancada, no território Erepecuru, a mãe de Edna Santos foi parteira durante muitos anos, mas, com a velhice, deixou de partejar. “Mas ela puxa e deixa a criança bem no jeito de fazer o parto” – diz Edna, para concluir que os partos antigamente eram muito mais cuidadosos do que os de hoje. Terminados os trabalhos de parto, o costume determinava que a parteira permanecesse por oito dias no quarto da parturiente.

Ela que partejava! A gente ficava e só saía lá de dentro depois de oito dias. Ficava lá no quanto, com sete dias por baixo do mosquito. Ficava lá embaixo do mosquito... Ela levava comida pra gente comer. Com oito dias que a gente varava pra fora. E hoje em dia a menina tem filho manhã e de noite já tá dançando! (Edna Santos, 10.05.13).

Dona Maria Rosa ainda segue os preceitos e, quando faz um parto, passa oito dias cuidando da mãe e do bebê: “Só com oração, através de Deus, que é o dom que Deus deixou pras parteiras, né? Quando ela tem, por exemplo, hoje à noite, em oito dias você vai tratar daquela

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	paciente quando a criança nasce” (Maria Rosa, Nova Esperança, 04.05.2013). Além das orações, usa preparados à base de ervas que, segundo ela, previnem dores na mulher. A salva-de-marajó com carmelitana é pra tirar aquela borra da criança que fica no ovário da mulher, entendeu? Pra ela não ser uma mulher ‘ah me dói as cadeiras, me dói a barriga, eu tenho isso, tenho aquilo’. É pra ela ficar uma mulher sadia. É, porque a mulher que não toma remédio pra jogar aquela borra do parto, mais tarde vai prejudicar, prejudicar a mulher, dá uma dor na barriga, uma dor nas cadeiras, uma dor na cabeça. Isso daí a gente faz esse remédio, que é pra limpar. Depois que ela tomar um pouco da salva de carmelitana com magnésio, aí sim ela vai jogar todo aquele material, toda aquela borra da criança, vai limpar o útero dela, vai ficar bem tranquilo. Assim que ela vai tomar a água inglesa, depois ela vai tomar uma colher de mamona que é pra ajudar a limpar (Maria Rosa, Nova Esperança, 04.05.13).					
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3	Nº 423	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Apolonia-Lopes-Souza_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_08m09s.mp3	Nº 424	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_02m06s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Edna-Santos_Jesus-E_Oriximina-PA_10-05-2013_35m05s.mp3	Nº 408	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3	Nº 415	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_01m59s A-Quilombos Oriximina_Conversa-Maria-Lizete-Melo-e-Manoel-Profeta_Nazareth-A_Oriximina-PA_10-05-2013_56m19s.mp3	Nº 404	Cf. Anexo 2			
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Rosa-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_01h11m41s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Rosa-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_04m45s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Rosa-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_04-05-2013_55s.mp3	Nº 377	Cf. Anexo 2			
CONTATOS	Ana Neri dos Santos	Nº 6	Cf. Anexo 4			
	Apolônia Lopes Souza	Nº 12	Cf. Anexo 4			
	Edna Maria dos Santos	Nº 36	Cf. Anexo 4			
	Maria da Paz Melo dos Santos	Nº 82	Cf. Anexo 4			
	Maria José Vieira da Silva	Nº 90	Cf. Anexo 4			
	Maria Lizete Melo dos Santos	Nº 91	Cf. Anexo 4			
	Maria Rosa dos Santos	Nº 96	Cf. Anexo 4			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de pescador				IDENTIFICADO		129
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas		
DESCRIÇÃO	Assim como a caça, a pesca também é uma atividade tradicional e essencial para a subsistência dos quilombolas de Oriximiná, voltada para a alimentação diária das famílias. Pratica-se a pesca durante todo o ano em rios, lagos e igarapés, mas o período mais favorável para a atividade é o verão, quando as estão mais baixas e os peixes ficam represados, concentrando-se em grandes quantidades principalmente nos lagos. Nesse período os peixes mais capturados são o tucunaré, o mapará, o apapá e o cará-moló. Já no inverno a espécie que mais se pesca é o pacu. Nos quilombos, como em toda a Amazônia, utilizam-se vários instrumentos e diferentes técnicas de pesca – de linha, de arpão, de zagaia, de malhadeira (menos usada, porque os moradores acreditam que ela “escorraça o peixe do lugar”), de caniço – adequados a cada tipo de pescado. “Quando baixa mais”, por exemplo, “é bom pra puxar peixes miúdos de caniço. Peixe miúdo é bom; só é ruim do graúdo, mas peixe miúdo é bom” (Sebastião, Juquri-Grande, 20.04.2013). Antigamente fazia-se a “salga” do pescado, sobretudo para acondicionar a provisão para longas viagens. Sem acesso a gelo ou a geladeiras, essa era a única forma de conservar o alimento. “Quando secava, bem sequinho, a gente passava muitos dias comendo” – explica Dona Ivone Pereira, da Cachoeira Porteira. Atualmente a salga do peixe já não é tão comum, pois os moradores podem guardar o pescado em caixas de isopor com gelo comprado na cidade ou até mesmo em <i>freezers</i>, quando possuem este equipamento e o motor à base de óleo diesel ou gasolina para geração de energia. A pesca é proibida no interior das Unidades de Conservação, e esta é uma das principais reclamações dos moradores que praticam extração de castanha nessas áreas, pois, impedidos de pescar e caçar, chegam a sofrer severas privações alimentares durante a temporada de coleta.						
REGISTROS	Palhal_Pinto_malhadeira				Nº 13	Cf. Anexo 2	
	Boa Vista_Cuminá_pescaria				Nº 21	Cf. Anexo 2	
	Ariramba_Josélia				Nº 34	Cf. Anexo 2	
	Ariramba_pescado (1 e 2)				Nº 38	Cf. Anexo 2	
	F-Quilombos-Oriximina_rosa-santos_pescando_palhal_Nazareth_Oriximina-PA_18-04-2013.jpeg (1 a 5)				Nº 158	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Raquel-e-Nilo_Carvalho-L_Oriximina-PA_25-04-2013_01h08m03s (1)				Nº 356	Cf. Anexo 2	
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Raimundo-Printes_Sousa_F_Oriximina-PA-23-04-2013_48,16s.mp3				Nº 364	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lusia-Clemente-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_19-04-2013_35m05s.mp3	Nº 372	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Maria-Florezi_Sousa-F_Oriximina-PA_20-04-2013_16m14s.mp3	Nº 374	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos-Oriximina_Entrevista-Cosmo-Salgado_CARVALHO-L_Oriximina-PA_19-04-2013_46m22s_mp3	Nº 385	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ivone-Pereira_Sousa-F_Oriximina-PA_02-05-2013_47m23s.mp3	Nº 388	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_02m13s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_12m37s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_22s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Miguel-Vieira-e-Antonio-Edmar_Carvalho-L_Oriximina-PA_02-05-2013_35m28s.mp3	Nº 391	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Carlos-de-Jesus-Macaxeira-Rosivaldo-e-Josivaldo_Sousa-F_Oriximina-PA_07-05-2013_56m53s	Nº 418	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Ana-Neri-dos-Santos-e-Ana-Maria-Vieira-dos-Santos_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_01h54m49s.mp3	Nº 423	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Carlos de Jesus Macaxeira	Nº 19	Cf. Anexo 4
	Cosmo Cordeiro Salgado	Nº 24	Cf. Anexo 4
	Ivone Pereira de Jesus	Nº 53	Cf. Anexo 4
	Josélia Nunes de Oliveira	Nº 65	Cf. Anexo 4
	Josivaldo Salgado de Souza	Nº 66	Cf. Anexo 4
	Lúcia Clemente dos Santos	Nº 71	Cf. Anexo 4
	Maria Florecy Pereira de Jesus	Nº 87	Cf. Anexo 4
	Raquel Pires	Nº 111	Cf. Anexo 4
	Raimundo Printes do Carmo	Nº 114	Cf. Anexo 4
	Sebastião Andrade dos Santos	Nº 121	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Puxirum				IDENTIFICADO		130
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Verão	LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.			
DESCRIÇÃO	Puxirum significa mutirão. Foi mencionado pelos quilombolas tanto como um modo de fazer quanto como uma forma de celebração, tendo em vista seu caráter de conagração coletivo. Trata-se de um sistema de trabalho coletivo muito usual entre os povos tradicionais na Amazônia, que arregimenta para o trabalho toda a comunidade, homens, mulheres e crianças. No puxirum cada um faz o que pode, de modo a ajudar o outro na realização de uma ou mais tarefas. Aquele que recebe o auxílio da coletividade, em geral, recompensa os participantes com a distribuição de alguma comida especialmente apreciada pelo grupo e, também, com a retribuição de trabalho em alguma outra tarefa. Como atesta Dona Iranete, na comunidade do Ariramba, o sistema baseia-se num arranjo laboral que visa a aumentar a produtividade do trabalho, mas também a promover a sociabilidade e os laços de solidariedade entre parentes e vizinhos: A gente dá a merenda, quando tem o café, com beiju, às vezes mingau. A gente faz mingau de banana e aí merendam e vão embora. Quando é no almoço, faço o feijão, frito o peixe, faço o arroz, aí almoçam. Faz uma janta, também faço a mesma coisa, faço o peixe, o arroz, frito já, e aí janta. Às vezes, quando vai uma porção de gente, quando vai muito grande, a gente planta tudo em um dia, vai de manhã, vai à tarde e acaba. Assim que a gente faz, puxirum é assim. (Entrevista concedida a Luciana Carvalho em 29/11/12, na comunidade do Ariramba). Segundo ela, os puxiruns são reuniões alegres, apesar de motivadas para um trabalho físico árduo. No passado, serviam como momentos de “comedoria”, contação de histórias, encontro de amigos e até para a formação de jovens casais. O puxirum na roça, a gente marca a data, convida e reúne os parentes, os vizinhos. Aí prepara aquelas comedorias: pajeroba, caissuma, manicuera, beiju. Quem convida, oferece as comedorias para quem vem ajudar. Aí, no roçado, o rapaz vai cavando a terra e a jovem vai atrás, plantando. <i>Aí começam as coisas erradas!</i> (risos...) (Entrevista concedida em 27/11/2012, no Rio Trombetas). Como diz Iranete, o plantio da mandioca é uma das principais ocasiões para o trabalho coletivo. O dono da roça, além de contar com a ajuda dos familiares, convida outros parentes e vizinhos para ajudar: “convida um, convida outro. É assim que nós fazemos. Às vezes se ajunta um, se junta outro e nós fazemos. Se ajunta oito, nove ajudantes, aí que agente vai fazer aquele trabalho”. (José Pereira, Jamary, 19.04.2013). Os puxiruns foram muito tradicionais nas comunidades quilombolas de Oriximiná, mas hoje em dia vêm perdendo espaço para formas monetizadas de recompensa pelo trabalho – pago na forma de “diárias” pelas horas despendidas nos roçados.						
REGISTROS	A-Quilombos			Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-		Nº 402	Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_01h05m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Esmerino-Daniel-e-Maria_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_10m01s.mp3		
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_01h07m57s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_06m05s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Evaldo-Soares-e-Adelson-Gomes-dos-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_06-05-2013_07m10s.mp3	Nº 420	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa_Jose-Manoel-Guedes-de-Melo-e-Raimundo-Vieira_Sousa-F_Oriximina-PA_06-05-2013_46m21s.mp3	Nº 419	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Maria-da-Paz-Melo_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_56m03s.mp3	Nº 415	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Osvaldo-Lopes_Jesus-E_Oriximina-PA_07-05-2013_01h06m49s.mp3	Nº 432	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Patricio-Souza_Sousa-F_Oriximina-PA_10-05-2013_39m56s.mp3	Nº 413	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Esmerino Viana de Almeida	Nº 41	Cf. Anexo 4
	Evaldo Soares	Nº 43	Cf. Anexo 4
	José Manoel Guedes de Melo	Nº 60	Cf. Anexo 4
	Maria da Paz Melo dos Santos	Nº 82	Cf. Anexo 4
	Osvaldo Lopes	Nº 109	Cf. Anexo 4
	Patrício da Silva Souza	Nº 110	Cf. Anexo 4
	Raimundo Vieira	Nº 115	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Técnicas de construção tradicionais				IDENTIFICADO		131
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Não se aplica		LUGAR	Territórios Água Fria, Alto Trombetas, Ariramba, Boa Vista, Cachoeira Porteira, Erepecuru, Jamary-Último Quilombo, Moura e Trombetas.		
DESCRIÇÃO	Em todos os territórios quilombolas de Oriximiná os moradores costumam construir suas próprias residências de acordo com técnicas tradicionais que se servem principalmente de madeiras, fibras vegetais e barro. Ainda que esta situação venha se alterando em função das intervenções de órgãos como o Incra, que concede créditos para a construção de casas padronizadas de alvenaria e telhas de barro, o que se observa é que os novos recursos construtivos não chegam a promover o abandono dos antigos modos de fazer as casas; antes, convivem com eles. Segundo os moradores, as primeiras casas eram todas feitas de palha, principalmente palha de ubim. Depois, passaram a ser levantadas em barro e cobertas de palha: É só barro mesmo amassado. Você cava um buraco, aí remexe a terra, aí você vai jogando água e vai pisando pra aquele barro ir juntando, misturando, ligando. Tem uma hora que ele já tá no ponto, aí você faz aquele bolinho. Aí já tá os paus todos armados que nem uma caixinha, você vai bolando e vai jogando lá dentro o barro tudinho. Depois vai arrumando e vai formando as paredes como se fosse tijolo. Eu não cheguei a fazer, mas eu cheguei a pisar bastante barro pro papai fazer, eu lembro (Edilena, São Joaquim, 10.05.2013). Mais tarde o barro foi trocado pela madeira. Até hoje os modelos mais comuns são as construções de madeira cobertas com telha de zinco do tipo ou do Brasilit. Agora a gente tá pávulo, que a gente já quer telha e tábuas, mas antes era tudo assim mesmo, as casas aqui eram todas de palha, cobertas com ubim, não existia negócio de telha. Telha veio surgir agora, esses tempos que veio pra cá. Mas antes as casas eram todas de palha, de barro, que é o pau-a-pique que chamam, de taipa, era tudo de taipa, era um trançadinho no outro (Edilena, São Joaquim, 11.05.2013). Quando há recursos para tanto, opta-se pelas telhas de barro, mais pesadas, porém mais frescas. Cada vez menos se usa a palha de ubim para a cobertura das casas, porque é preciso renová-la regularmente. Olha, num pedaço a palha é melhor porque a palha é bem fresquinha. Isso aí é quente demais! Aqui ninguém pode ficar de dia, quando o sol tá quente. É muito quente e a palha, não, a palha não é quente, a senhora pode atar sua rede, sestar tranquilo. Só que tem o seguinte, a palha não dura muito tempo, é por isso que o pessoal já troca pela telha, porque a palha demora pouco tempo. A palha dura 10, 12 anos, conforme o tessume. Se ela for tecida de duas folhas, costurado, é 12 anos certinho. Agora, assim não, costurado só de uma folha o mais que ele aguenta é cinco, três anos (Lourival Almeida, São Joaquim, 11.05.2013). Normalmente as casas têm pouca mobília, constituída basicamente de móveis de madeira (mesas, bancos, cadeiras) feitos na comunidade mesmo, com recursos retirados das florestas. Apresentam poucas divisões internas: sala, quartos (em geral dois ou três, sendo um do casal e						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	01	09	13	F1-1	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------

	os demais dos filhos) e cozinha, sendo esta última integrada ao quintal. As casas possuem, em regra, dois espaços para preparo de alimentos: a já citada cozinha, situada na área interna da residência e equipada com fogão a gás e botija, e outra cozinha que fica do lado de fora da casa e corresponde a uma estrutura simples, feita de madeira e semicoberta com palha de ubim, equipada com jirau de madeira, fogão à lenha ou a carvão e trempes. A manutenção das duas cozinhas é estratégica na economia das famílias: por um lado, a reposição de botijas de gás, além de dispendiosa, é dificultada pelas condições de acesso à cidade; por outro lado, como a disponibilidade de madeiras para corte se reduziu com a proibição imposta pelas Unidades de Conservação, já não convém depender unicamente desse recurso para fazer fogo. Além desses aspectos práticos, ressalte-se também o hábito e o gosto cultivado pelas comidas preparadas em fogo à lenha em panelas de barro, como nos tempos mais antigos em que somente esse tipo de louça era disponível para as famílias locais.		
REGISTROS	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_01m31s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_03m10s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Edilena-Souza_Oriximina-PA_10-05-2013_45s.mp3	Nº 401	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Entrevista-Lourival-Almeida-Edilena-e-Bernardina-Sousa-F_Oriximina-PA_11-05-2013_48m12s.mp3	Nº 410	Cf. Anexo 2
	A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_07m23s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_42m47s.mp3 A-Quilombos Oriximina_Conversa-Manoel-Legilda-Santos_Carvalho-L_Oriximina-PA_08-05-2013_1925s.mp3	Nº 403	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Edilena da Silva Souza	Nº 32	Cf. Anexo 4
	Lourival Almeida	Nº 69	Cf. Anexo 4
	Manoel Carvalho dos Santos	Nº 72	Cf. Anexo 4

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa, Elielma de Jesus Pires, Aldo Luciano C. de Lima, Maria Porto, Alexandre Nazareth da Rocha		
SUPERVISOR	Ricardo Nei de Araújo		
PREENCHIDO POR	Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa, Maria Porto, Luciana Gonçalves de Carvalho, Alexandre Nazareth da Rocha		DATA 26/03/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Luciana Gonçalves de Carvalho		